

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA SOCIAL E INSTITUCIONAL

Dissertação de Mestrado

A RASURA QUÍMICA DO TRAÇO

Janderson Andrade Rodrigues

Porto Alegre

2014

Janderson Andrade Rodrigues

A RASURA QUÍMICA DO TRAÇO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social e Institucional do Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Psicologia Social e Institucional.

Orientadora: Profa. Dra. Marta Regina de Leão D'Agord

Porto Alegre

2014

Janderson Andrade Rodrigues

A Comissão Examinadora, abaixo assinada, aprova a Dissertação “**A rasura química do traço**”, como requisito parcial para obtenção do Grau de Mestre em Psicologia Social e Institucional pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Dissertação defendida e aprovada em: 29/04/2014.

Comissão Examinadora:

Prof. Dr. Fernando Hartmann (FURG)

Profa. Dra. Mônica Kother Macedo (PUCRS)

Profa. Dra. Simone Zanon Moschen (PPGPSI – UFRGS)

Hay cosas que deben ser dichas más de una vez, y que nunca pueden ser dichas suficientes veces.

Pero será decisión libre del lector demorarse en este asunto o darle la espalda. No es lícito sorprender su buena fe presentándole lo mismo dos veces en un solo libro. Ello sigue siendo una torpeza y es preciso asumir los reproches que se le hagan. Pero, desgraciadamente, la fuerza creadora de un autor no siempre obedece a su voluntad; la obra sale todo lo bien que puede, y a menudo se contrapone al autor como algo independiente, y aun ajeno.

(Sigmund Freud, *Moisés y la religión monoteísta*, 1939 [1934-38], p. 101).

Resumo

A presente dissertação origina-se de uma questão clínica a propósito do consumo de drogas na toxicomania servir de lenitivo para a angústia. Em vista disso, procura-se percorrer as vicissitudes do conceito de angústia nas obras de Freud e Lacan concomitante ao desenvolvimento do que ambos os autores falaram a respeito da função psíquica do recurso tóxico. Questiona-se o protagonismo conferido à substância tóxica na contemporaneidade como determinante para a instauração da toxicomania. Procura-se investigar em que medida a herança da psicanálise com a neurologia poderia oferecer dificuldades ao pesquisador psicanalítico na construção de suas elaborações a propósito da toxicomania. Logo em seguida, desenvolve-se a noção freudiana da indissociabilidade entre sensação e associação de forma que a interferência da droga sobre as condições de sensibilidade ultrapassa em grande medida sua influência, apenas, sobre um corpo-organismo. Busca-se apresentar e tecer alguns questionamentos acerca de elaborações de autores psicanalíticos a propósito da toxicomania. Para, por conseguinte, introduzir uma primeira articulação para a hipótese a respeito da qual o elemento de toxicidade inerente à prática da droga produz um efeito de rasura sobre uma escrita composta de traços, a escrita psíquica. Escrita essa passível de leitura através das formações do inconsciente, todavia, não sem se opor ou oferecer resistência a sua decifração, a ponto de tornar impossível uma interpretação definitiva ou inequívoca.

Palavras-chave: toxicomania, angústia, traço, representação, rasura.

Abstract

The dissertation hereby arises from a clinic question regarding the drug usage in toxicomania used as a lenitive to anguish. With this in mind, it is intended to show the vicissitudes of the concept of anguish in the work of Freud and Lacan, concurrent to what the both authors developed about the psychic function of the toxic. It is also questioned the role given to the toxic in contemporary society as the determinant to the establishment of addiction. It seeks to investigate to which extent the neurological psychoanalytic heritage can offer difficulties to the psychoanalytic researcher in the construction of addiction knowledge. After that, it is developed the Freudian notion of inseparability between feeling and association, in which the drug effect goes significantly beyond its influence on the body-organism. It seeks to present and to formulate some questions about the elaborations on addiction made by some psychoanalytic authors. With this, it is introduced one first articulation to the hypothesis on which the toxic element of the drug usage produces an effect of deletion on the writing composed by traces, the psychic writing. This writing is readable through the unconscious formation, however, not without opposition or resistance to its decipherment, to a level of becoming impossible an definitive or unequivocal interpretation.

Key-words: toxicomania, anguish, traces, representation, deletion.

Sumário:

1. Introdução	09
1.1. Toxicomania: um sintoma contemporâneo?	09
1.2. Por uma clínica psicanalítica na toxicomania	11
1.3. A droga do toxicômano: remédio para a angústia	13
1.4. A herança <i>mal-dita</i> da psicanálise com a neurologia	15
2. Capítulo I	
O método	18
3. Capítulo II	
A droga do toxicômano: uma forma de fazer frente ao que angustia	20
3.1. Introdução	20
3.2. Escritos de revisão acerca de elaborações freudianas a respeito da angústia e da atribuição psíquica do recurso tóxico	20
3.2.1. A toxicomania: uma neurose atual	20
3.2.2. O chiste e o sonho	25
3.2.3. O modelo de casamento feliz, o caso do pequeno Hans e a <i>Situation der Hilflosigkeit</i>	30
3.2.4. O narcisismo e o par melancolia-mania	36
3.2.5. O humor e o mal-estar	43
3.3. Escritos de revisão acerca de elaborações lacanianas a respeito da angústia e da atribuição psíquica do recurso tóxico	46
3.3.1. A <i>das Ding</i> , o desejo, a falta e o <i>objeto a</i>	46
3.3.2. O pequeno Hans, o falo e o modelo de contracasamento	50
4. Capítulo III	
Algumas considerações atinentes à toxicomania na literatura psicanalítica	55
4.1. Introdução	55
4.2. O autismo como paradigma psicopatológico da toxicomania	55
4.3. A operação de <i>phármakon</i> e as toxicomanias de suplência de suplemento	59

4.4. O retorno não simbólico do recalçado?	64
--	----

5. Capítulo IV

A herança <i>mal-dita</i> da psicanálise com a neurologia e suas implicações sobre as elaborações psicanalíticas a respeito das toxicomanias	69
5.1. As patologias psiconeurotóxicas	69
5.2. A neurologia: uma herança <i>mal-dita</i>	71

6. Capítulo V

A rasura química do traço	76
6.1. Introdução	76
6.2. Para além de uma herança <i>mal-dita</i> : a relação corpo-alma no trabalho sobre as afasias	78
6.3. A escrita psíquica nos trabalhos sobre a histeria: <i>saxa (non) loquuntur!</i>	86
6.3.1. Conversão por simbolização: o caso Cacilie M.	90
6.3.2. Conversão com base na simultaneidade: o caso Miss Lucy R.	90
6.4. Alguns comentários sobre o caso Miss Lucy R.: do símbolo à metáfora	98

7. Considerações Finais	102
--------------------------------------	-----

Referências bibliográficas	104
---	-----

1. Introdução

1.1. Toxicomania: um sintoma contemporâneo?

O uso de drogas pelo homem com vistas a alterações das condições de sensibilidade data de períodos remotos. Há autores que sustentam a existência de provas arqueológicas que indicam o emprego de substâncias psicoativas pelo ser humano há cerca de 10 mil anos, além de evidências históricas do uso de drogas por determinadas culturas datarem de 5 mil anos (MERLIN, 2003). Siegel (2005) sugere que, embora aparente associar-se frequentemente a propriedades medicinais, o uso de drogas com o objetivo de alterar os estados de consciência é tão primevo quanto o ímpeto de saciar a sede, a fome ou o desejo sexual. Há quem, não contente com as razões arqueológicas e históricas para justificar o ímpeto do homem a fazer uso de drogas, entenda que até mesmo o rodar, o balançar e o escorregar infantil indicam uma inclinação natural à alteração das condições de sensibilidade (WEIL, 2004).

O que faz o uso de determinadas drogas psicoativas na atualidade adquirir o status de doença e, até mesmo, de uma epidemia? O que acontece nos dias atuais em que, paralelo aos avanços nas descobertas de princípios ativos de determinadas substâncias que auxiliam no combate a certas doenças até pouco tempo incuráveis, há outras para as quais é destinado o rótulo de flagelos sociais? Não seria a toxicomania o duplo monstruoso da psicofarmacologia moderna, pela qual se engendra o outro lado de uma espécie de opostos-cúmplices, como menciona Le Poulichet (1990): o psicotrópico-remédio que cura e o psicotrópico-veneno que causa a doença?

A meu ver, o protagonismo delegado à substância para o estabelecimento de uma toxicomania serve, prioritariamente, à sustentação do seu oposto. Isto é, a divisão entre o mau uso (toxicomaniaco) e o bom uso (médico) instala uma ordenação que possui em seu cerne uma forma de garantir a existência de um, a do bom uso, pela eleição de seu oposto, a do mau uso, o qual se quer, aparentemente, extirpar. Consequentemente, não poderia haver por parte daqueles que estão do lado do “bom uso” o interesse em eliminar o seu oposto, mas, ao contrário, ratificá-lo, visto que a sobrevivência de um está condicionada a existência do outro.

Com base nisso, se levarmos em consideração a expansão da indústria farmacológica nos últimos tempos, não é surpreendente que, concomitantemente, a toxicomania receba uma atenção especial alcançando a categoria de epidemia. Sobre essa relação contemporaneidade e toxicomania, há quem associe o fenômeno toxicomaniaco, aqui entendido como ímpeto irrefreável à utilização do recurso tóxico, às mutações culturais observadas na contemporaneidade.

Nogueira Filho (1999), além de ressaltar que o toxicômano é um desistente do jogo da linguagem, destaca as mudanças que ocorreram no campo da cultura com relação às formas de consumo da droga ao longo dos anos. Para ele, o interesse pelo recurso tóxico foi deslocado da busca pelo transcendental, o que, muitas vezes, vinha circunscrita a um ritual, para um uso banalizado regulado pelo indivíduo. Dessa forma, como sugere Nogueira Filho (1999), o toxicômano encontra-se aquém de qualquer significação simbólica, pois sua ação sobre o organismo enquanto tal produz um curto-circuito na ação do Outro¹.

Nessa linha de raciocínio, Melman (1992) sugere uma possível “sociogênese” para a toxicomania. Diz que os toxicômanos são frutos dos ideais contemporâneos e que qualquer um pode se tornar um toxicômano, até mesmo acidentalmente. Melman (1992) vê a toxicomania como um estofado da sociedade moderna, uma alternativa social para o mal-estar. O autor entende que a sociedade de consumo repousa sobre um ideal que o toxicômano realiza, pois o sonho de todo empresário seria o de fabricar um objeto cuja necessidade tornar-se-ia imprescindível e apaziguaria todo o desejo do sujeito comum.

Canabarro (2011) articula o fenômeno da toxicomania ao discurso do capitalista, em que o primeiro estabelece com o segundo uma relação de contradição e não de contraposição como averiguou constar em outros estudos consultados sobre o tema durante o seu trabalho investigativo. Para Canabarro (2011, p. 99), “ao mesmo tempo em que contradiz o discurso do capitalista, ao negá-lo, o toxicômano confere-lhe existência”. Ao final de seu trabalho de pesquisa, a autora deixa uma questão em aberto por não compor o escopo do seu estudo: “será que a toxicomania pode ser postulada como um sintoma enquanto formação do

¹ Termo utilizado por Jacques Lacan para designar um lugar simbólico – o significante, a lei, a linguagem, o inconsciente, ou, ainda, Deus – que determina o sujeito, ora de maneira externa a ele, ora de maneira intra-subjetiva em sua relação com o desejo (ROUDINESCO; PLON, 1998, p. 558).

inconsciente, da mesma forma que os sintomas apresentados por Freud, no decorrer de sua obra?” (CANABARRO, 2011, p. 99).

Estou propenso a responder negativamente à questão aventada por Canabarro. Isso porque, como pondera Nogueira Filho (1999), o “sintoma” toxicomaniaco dificilmente porta indícios de um retorno simbólico do recalcado a que se poderia conferir o status de formação do inconsciente; o que não significa, entretanto, que a prática metódica da droga não esteja de alguma maneira articulada ao recalçamento.

Para Le Poulichet (1990), as toxicomanias² estão condicionadas a uma operação realizada à margem da linguagem. Não possuindo, por conta disso, segundo ela, valor de sintoma no sentido de uma formação de compromisso. A esse respeito, Santiago (2005, p. 17) diz que no uso metódico da droga a dimensão da “significação se mostra completamente neutralizada”.

1.2. Por uma clínica psicanalítica *na* toxicomania

Se levarmos em conta o privilégio concedido à linguagem pela psicanálise (seja através do relato do sonho, lapsos de linguagem, chistes ou sintoma) e a toxicomania estar identificada a um procedimento cujo mecanismo de ação recai diretamente sobre um corpo-organismo, coloca-se em questão o alcance da intervenção do analista no que concerne à toxicomania. Em outros termos, estando a clínica psicanalítica (e a própria psicanálise enquanto corpo teórico) pautada na produção verbal do analisando, convidado ao trabalho de interpretação pela intervenção do analista, a suposição de que o fenômeno toxicomaniaco implica um rompimento com às possibilidades de significação traz consigo algumas questões relativas à própria aplicabilidade da psicanálise nesse campo. Principalmente se levamos em consideração as dificuldades implicadas no manejo clínico dos princípios sobre os quais repousa o método psicanalítico quando aplicados a um tratamento da toxicomania.

Essas dificuldades, entretanto, não são sinônimas de impossibilidades desde que nos proponhamos a empreender um tratamento *na* toxicomania e não a um

² A presença do plural refere-se ao fato de que a autora cogita a existência de duas espécies de “montagens” toxicomaniacas, a de suplência e a de suplemento; ambas virão condicionadas ao que a autora chamou de “operação de *phármakon*”. Sobre as considerações de Le Poulichet a esse respeito, ocupamo-nos no capítulo III desta dissertação, mais precisamente na seção 4.3.

tratamento *da* toxicomania como frequentemente os serviços oferecidos a essa parcela da população estão associados. Contudo, a experiência clínica com essa clientela, após um período inicial no qual a droga é apontada como a razão do sofrimento que os levou a buscar tratamento, apresenta algumas dificuldades singulares.

Não raro o trabalho de interpretação (leia-se aqui as associações do paciente) esbarra em uma lembrança de forte apelo afetivo, determinando, por vezes, a interrupção de suas associações e a renovação do ímpeto pelo consumo da droga. A interrupção das associações por parte do paciente, entretanto, não é uma novidade da clínica na toxicomania. Freud não cansou de aventar, em vários momentos no curso de sua obra, as dificuldades por que passava quanto ao que chamou de resistência de seus analisandos, concomitantes a uma agudização dos sintomas pelos quais buscavam o tratamento analítico. Chegando, mais tarde, ao que a meu ver compreende uma contribuição importante à clínica psicanalítica, a postular as resistências dos pacientes como implicadas na transferência. Essa última, *conditio sine qua non* para o tratamento psicanalítico. Não menos relevantes são as considerações de Lacan a respeito da resistência ao tratamento propriamente dita ocorrer por parte do analista. Contudo, diferentemente da agudização de uma sintomatologia histérica ou obsessiva que acabam por fornecer elementos que serão, no seu tempo e na medida do possível, incorporados ao trabalho interpretativo, na toxicomania há uma ruptura com o recurso à palavra e uma espécie de enclausuramento em um mundo próprio como que fabricado pelo recurso tóxico.

Recordo-me de uma ocasião em que procedi a extração de alguns significantes que insistiam na produção verbal de uma paciente que havia procurado tratamento por causa da recorrente vontade de voltar a usar drogas. A operação de extração de determinados significantes, provocada pelo corte na produção verbal da paciente e destinada a levá-los para outras cadeias associativas, fizeram-na evocar traços visuais de uma cena em específico.

Disse-me ela que durante certo tempo, entre os 6 e 10 anos de idade, fora violentada sexualmente pelo avô. Da cena evocada pela operação de extração de significantes, no entanto, guardava apenas traços visuais de uma das ocasiões em que fora violentada, não conseguindo lembrar-se de mais nada.

No momento preciso em que a imagem de lembrança foi evocada pela associação da paciente, sem ainda comunicá-la, a mesma friccionava as unhas em seus braços dizendo que não gostaria de falar a respeito do que lhe ocorrera naquele momento porque tinha receio de voltar a usar drogas ou de tornar a se machucar. Disse-me que, assim como através do uso de drogas, ao infligir-se ferimentos conseguia distrair-se com a dor que ela própria provocava e, por consequência, dar cabo à angústia que lhe comprimia o peito e a uma espécie de urgência³ corporal que lhe fadigava intensamente quando essas imagens ameaçavam lhe vir à cabeça. O despertar de suas lembranças, por ela inadmissíveis, ligavam-se a acontecimentos corporais inassimiláveis, dos quais nada conseguia lembrar a não ser esses restos de percepção visuais que tanto lhe perturbavam e dos quais fazia o que podia para mantê-los afastados. O uso de drogas e a automutilação estavam entre esses recursos.

O título desta dissertação, assunto que será tratado no capítulo V deste trabalho, devo particularmente a essa experiência clínica. Isso porque o raspar das unhas na pele, assim como o consumo de drogas, apresentavam-se como uma tentativa de rasurar uma escrita composta de traços de lembrança inadmissíveis e inassimiláveis; mas que conservavam um forte apelo afetivo e que intervinham decisivamente no modo pelo qual estabelecia suas relações no presente.

1.3. A droga do toxicômano: remédio para a angústia

O segundo e terceiro capítulo desta dissertação, que não deixa de ter relação com o sucinto relato de caso que utilizei para introduzir o que será trabalhado no capítulo V, serão destinados aos escritos de revisão bibliográfica. No entanto, não me restringirei a apenas compilar ideias de autores que, desde a psicanálise, debruçaram-se sobre o tema aqui em questão, qual seja, a toxicomania.

Assim como na experiência clínica supracitada, em diversas outras o emprego do recurso tóxico se impusera como lenitivo para a angústia. Contudo, a

³ Em um artigo publicado em 2012, cuja autoria contou com a minha participação, buscou-se investigar a aplicabilidade do dispositivo clínico-institucional urgência subjetiva nos tratamentos ofertados na toxicomania com base na constatação de que a imprescindibilidade do recurso tóxico à economia psíquica do toxicômano o tornava suscetível à ocorrência de crises de ordem psíquica caso a droga viesse a faltar. RODRIGUES, J. A.; DASSOLER, V. A.; CHERER, E. de Q. A aplicabilidade do dispositivo clínico-institucional urgência subjetiva no tratamento da toxicomania. *Mental*, Barbacena, v. 10, n. 18, jun. 2012.

inferência de que o elemento de toxidade inerente à prática da droga é empregado como uma medida pela qual se remedia um despertar de angústia não é uma contribuição original deste trabalho. Apesar de chegarmos a essa suposição por intermédio da prática clínica com pacientes para os quais o recurso tóxico vinculava-se a um método de atenuar um irromper de angústia, há outros autores psicanalíticos que, em suas elaborações sobre a atribuição subjetiva do recurso tóxico, relataram essa associação. Até mesmo Freud já fizera essa suposição por volta do final do século XIX.

Além de Freud, outros autores psicanalíticos, a começar por Lacan, também chegaram a essa constatação acerca do tema. Todavia, em nossos estudos a respeito da toxicomania que culminaram na elaboração desta dissertação, apuramos que nenhum autor que fizera essa associação houvera se debruçado sobre as vicissitudes pelas quais o conceito de angústia passou no decorrer da obra freudiana e, principalmente, sobre a diferença radical entre Freud e Lacan a respeito da angústia, principalmente, no que concerne ao complexo de castração.

O que se vê na bibliografia sobre o tema, todavia, é um uso indiscriminado do conceito de angústia no qual não se leva em consideração as mudanças, as transformações e as rupturas dentro das construções teóricas, principalmente, dos autores aqui em questão, a saber, Freud e Lacan. Ao que só se poderia delegar esse uso indiscriminado do conceito de angústia, salvo por desconhecimento, a um desejo de sutura por parte de psicanalistas que intentam promover uma espécie de continuidade entre Freud e Freud, Freud e Lacan e Lacan e Lacan. Como se a continuidade não fosse possível sem uma dose de descontinuidade. Arrisco dizer, inclusive, que a descontinuidade é condição de possibilidade para a continuidade.

Sendo o questionamento acerca da forma como o recurso tóxico poderia servir de remédio para angústia o móbil dos meus estudos atinentes à toxicomania desde o início, nada mais justo que propor que percorramos as vicissitudes da conceitualização freudiana e lacaniana a propósito do conceito de angústia. Busquei fazer tal resgate das teorias freudianas e lacanianas acerca da angústia enodando-as ao que um e outro desses autores discorreu a respeito da atribuição psíquica do recurso tóxico e, na medida do possível, resgatando, também, aspectos e elementos conceituais concernentes ao contexto discursivo da época. Tal tarefa será empreendida no segundo capítulo desta dissertação.

Como não poderia deixar de haver, reservei o capítulo III à apresentação de ideias de alguns autores que considero deveras importantes na minha trajetória e que influenciaram, em certa medida, o presente trabalho. Junto à apresentação de algumas dessas ideias procurei desenvolver determinadas críticas a respeito de algumas elaborações desses autores com o objetivo de me servir da riqueza a que atribuo a esses trabalhos. Através dessas críticas buscarei introduzir a hipótese que, apesar de incipiente e carente de melhores desenvolvimentos, esta dissertação pretende oferecer de original no campo dos estudos psicanalíticos acerca da toxicomania, a saber: o efeito de rasura do agente tóxico sobre uma escrita composta de traços de lembrança. Escrita essa passível de leitura através das formações do inconsciente, todavia, não sem se opor ou oferecer resistência a sua decifração, a ponto de tornar impossível uma interpretação definitiva ou inequívoca.

1.4. A herança *mal-dita*⁴ da psicanálise com a neurologia

Uma outra dificuldade concernente à toxicomania no que diz respeito à psicanálise, da qual me ocuparei no capítulo IV, não se refere propriamente ao manejo clínico dos princípios sobre os quais se assenta o método psicanalítico. Essa dificuldade a que aludo neste momento coloca-se, antes, ao próprio investigador psicanalítico na construção de suas elaborações acerca da toxicomania.

Sabe-se que Freud, na primeira tentativa de agrupar suas obras numa mesma edição – organizadas tematicamente (*Gesammelte Schriften*) –, fez questão de suprimir textos que julgava tratar de assuntos atinentes à neurologia e não à psicanálise, como, por exemplo, o seu trabalho sobre as afasias. Tempos depois, numa segunda edição (*Gesammelte Werke*), buscou-se agrupar os trabalhos freudianos seguindo uma ordenação cronológica, incluindo, também, elaborações que antecederam a criação da psicanálise. O que culminou, por conseguinte, na edição de suas obras reunidas [*Gesammelte Werke*], traduzidas posteriormente por obras completas, na qual se manteve o posicionamento de excluir o texto sobre as afasias sob a mesma justificativa, isto é, por considerem-no de cunho neurológico.

⁴ A expressão “mal-dito” atribuo a Profa. Dra. Claudia Maria de Sousa Palma. Apesar de, neste trabalho, essa expressão adquirir uma conotação, talvez, um pouco distinta daquela em que me foi comunicada, vale a lembrança pela importância que essa expressão terá durante esta dissertação.

Emiliano de Brito Rossi (2012), em sua tese de doutorado intitulada “Tradução como sobre-vida: no exemplo de Sobre a concepção das afasias – um estudo crítico, de Sigmund Freud”⁵ aventa a hipótese de que haveria outras razões para essa exclusão. Rossi (2012) compara essa exclusão do trabalho sobre as afasias a uma espécie de “recalque” de Freud cujos editores das obras freudianas para outras línguas trataram de mantê-lo através da censura desse trabalho ao leitor dos trabalhos freudianos. Enquanto a retomada de conceitos derivados do seu texto sobre as afasias em seus trabalhos ditos psicanalíticos corresponderiam, segundo Rossi (2012), a “retornos do recalado”. Conceitos⁶ que, extraídos de seu campo de origem, a neurologia, serviram a Freud como “armas”⁷ através das quais se opôs categoricamente às ideias dominantes da época. Hegemonia que, como veremos, ainda hoje parece vigorar.

Por qual razão Freud “recalcaria” essa obra que marca decisivamente sua ruptura com a neurologia daquele tempo, além conter conceitos que serão amplamente usados posteriormente em seus trabalhos de inspirações ditas psicológicas? Como vemos na ocasião da segunda edição dos *Estudios sobre la histeria*, mais especificamente no prólogo à segunda edição, Freud (1893-95) diz não haver motivos para alterar o conteúdo desse trabalho sobre a histeria, mesmo tendo ampliado suas concepções e abandonado outras. O *Estudios sobre la histeria*, segundo o autor, segue como referência àquele que, ao percorrer o caminho que o mesmo deixou para trás, possa, então, acompanhar a origem e o desenvolvimento da psicanálise, nesse caso, desde a hipnose e o método catártico.

⁵ Um ano após a defesa da tese aqui citada, Emiliano de Brito Rossi publicou uma versão em português do trabalho sobre as afasias de Freud pela Autêntica Editora: FREUD, S., (1856-1939). Sobre a concepção das afasias: um estudo crítico. In: Obras Incompletas. Tradução: Emiliano de Brito Rossi. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

⁶ Entre os conceitos que remontam ao seu trabalho sobre as afasias e que, transplantados do terreno neurológico original, retornam no decorrer das elaborações freudianas como eminentemente psicanalíticos, como nos aponta Rossi (2012), estão: *Besetzung* (ocupação, investimento ou catexia), *nachträglich* (a posteriori, posteriormente ou só-depois), *Wortvorstellung* (representação de palavra, representação-palavra), *Objektvorstellung* (representação de objeto, representação-objeto).

⁷ Esse termo é aqui empregado como alusão à carta datada de 2 de maio de 1891 endereçada a Fliess em que Freud, nutrindo um certo otimismo quanto à publicação de seu estudo sobre as afasias, diz o seguinte: “Dentro de poucas semanas, darei a mim mesmo o prazer de enviar-lhe um pequeno livro sobre a afasia, pelo qual eu próprio nutro um sentimento caloroso. Nele, sou muito despuadorado, terço *armas* com seu amigo Wernicke, com Lichtheim e Grashey, e chego até a arranhar o poderosíssimo ídolo Meynert. Estou muito curioso de ouvir o que o Sr. terá a dizer sobre esse esforço. Em vista de seu relacionamento privilegiado com o autor, parte dele há de soar-lhe familiar. O artigo, aliás, é mais sugestivo do que conclusivo” (MASSON, J. M., 1986, p. 28, tradução de Vera Ribeiro, *grifo meu*).

Por qual razão essa origem *mal-dita* com a neurologia seria objeto de um “recalque” por parte de Freud ao contrário de sua herança com a hipnose e com o método catártico? Por qual razão a origem neurológica de alguns conceitos caros à psicanálise poderia trazer dificuldades ao pesquisador psicanalítico que se ocupa do fenômeno da toxicomania? Essas e outras questões a esse respeito pretendo tratar no capítulo IV desta dissertação.

2. Capítulo I

O método

Esta dissertação não é resultado, apenas, dos estudos teóricos do autor no que tange a psicanálise e a toxicomania, mas, também, da sua própria experiência clínica com sujeitos para os quais o recurso tóxico tornou-se, por alguma razão, imprescindível. Não menos importante é a experiência do inconsciente por parte do pesquisador psicanalítico, por meio da qual, na condição de analisante, dá testemunho de sua investigação a uma alteridade. Tornando-o, por consequência, o primeiro sujeito de sua pesquisa, e a posição de analisante a de arquimodelo do pesquisador psicanalítico.

Segundo Caon:

A pesquisa psicanalítica é a refundação, no campo das comunidades universitárias de pesquisadores, daquela experiência anteriormente fundada na situação psicanalítica de tratamento onde o paciente analisante é o pesquisador, por excelência, e o psicanalista é o diretor dessas pesquisas, produzidas em método e procedimentos de associação livre, produzidas pelo paciente analisante em transferência e *“in praesentia”* do psicanalista (CAON, 1999, p. 44).

Dois momentos, portanto, são diferenciados: o primeiro acontece no divã em que o analisante se engaja no processo de análise e diz algo de seu sofrimento psicopatológico; e o segundo consiste no relance metapsicológico produzido na situação psicanalítica pesquisa, ressignificando a experiência relativa ao primeiro momento. Dessa forma, no segundo momento, o saber produzido na situação analítica é desalojado por um furo ocasionado por algo inesperado que vem reinventar a própria psicanálise.

De acordo com D'Agord (1995), para quem a psicanálise é mais do que um invento, Freud elaborou um paradigma de pesquisa que não cessa de ser inventado, pois consiste, acima de tudo, num testemunho, sempre renovado, de um ponto da experiência que resiste ao saber. Para a autora, a respeito do paradigma psicanalítico, a necessidade de reinventar impõe-se como condição para se redescobrir e vice-versa. Isso porque, não há em psicanálise uma anterioridade que não seja retro-ativa ou, então, que não seja inferida no relance. Com isso, produzem-se consequências epistemológicas e metodológicas importantes como a indissociabilidade entre a prática investigativa, seja ela empreendida no contexto

clínico ou acadêmico, e a produção de conhecimento em psicanálise, na medida em que uma torna-se condição para a outra e vice-versa.

O método de pesquisa psicanalítico, portanto, segundo D'Agord (1995), está na contramão das pesquisas que procuram uma espécie de confirmação da teoria e no qual se insiste na demonstração do mesmo. Ou seja, à investigação psicanalítica, seja ela empreendida no contexto de uma análise ou no ambiente acadêmico, incube-se a responsabilidade de reinventar a própria psicanálise e não apenas comprovar o que já se sabe.

Dessa forma, conforme Caon (1997), o ensaio mostra-se como gênero literário legítimo da escrita da pesquisa psicanalítica. Isso porque, a escrita ensaística, segundo Adorno (1974), não almeja uma construção fechada, dedutiva ou indutiva, mas, sim, procura assegurar a totalidade incompleta da experiência humana. Para Adorno (1974), o ensaio compromete-se com os pontos cegos de seus objetos de análise, o que acaba revelando que, por vezes, a rede de objetividade do discurso científico consiste, meramente, em um arranjo subjetivo.

3. Capítulo II

A droga do toxicômano: uma forma de fazer frente ao que angustia

3.1. Introdução

Neste capítulo será apresentado o resultado do primeiro esforço investigativo que culminou nesta dissertação a propósito do método de intoxicação servir ao toxicômano como lenitivo para a angústia. Assim sendo, proporei, a seguir, que percorramos as vicissitudes da conceitualização freudiana e lacaniana concernentes ao conceito de angústia, ao mesmo tempo em que apresentarei o que um e outro desses autores discorreu a respeito da atribuição psíquica do recurso tóxico. Buscarei, também, trazer à baila elementos conceituais concernentes ao contexto discursivo da época em que as noções aqui tratadas surgiram nas elaborações dos autores em questão.

As escolhas dos textos aqui trabalhados, assim como a extração de conceitos dos quais este capítulo pretende se ocupar, não estão a serviço de uma análise exaustiva a respeito da articulação entre toxicomania e angústia ou de cada desses elementos em separado. Certamente há outras passagens na obra de Freud e Lacan a respeito da angústia e da prática metódica da droga com finalidade de desempenhar alguma função psíquica que este capítulo não se ocupará. A seleção dos textos e conceitos aqui trabalhados não faz outra coisa que indicar o percurso teórico do autor com base na sua experiência clínica.

3.2. Escritos de revisão acerca de elaborações freudianas a respeito da angústia e da atribuição psíquica do recurso tóxico

3.2.1. A toxicomania: uma neurose atual

Referências freudianas a respeito da função psíquica do recurso tóxico e da irrupção de angústia datam dos volumes intitulados *Publicaciones prepsicoanalíticas y manuscritos inéditos* e *Primeras publicaciones psicoanalíticas*. Freud aventava, nesse período, que a utilização metódica do recurso tóxico e a irrupção de angústia correspondem a fenômenos efeitos de uma perturbação no processo de excitação e descarga das tensões, processo cujo aparelho psíquico seria o encarregado. O

aparelho psíquico estaria destinado à regular o fluxo de excitações a que o ser humano está permanentemente exposto, a ponto de reduzi-las a um limiar tal que corresponderia ao exigível para a vida.

De acordo com Freud (1895 [1950]), ao psíquico atribui-se uma dupla função, a saber, aos processos primários a descarga das excitações e aos processos secundários a condução e, por consequência, uma espécie de demora no curso dessa descarga a partir do estabelecimento de uma noção de realidade externa. A noção de uma realidade exterior ao indivíduo, segundo o autor, seria determinante para a retenção no interior do aparelho psíquico de um *quantum* de excitação, requisito exigível para a manutenção da vida.

Segundo Freud (1895 [1950]), as vias pelas quais o aparelho psíquico realiza o movimento de descarga coincidem com aquelas marcas psíquicas, traços de percepção investidos de um objeto primordial, a *das Ding*, deixadas a partir de uma vivência primordial de satisfação. Dessa experiência restariam, portanto, apenas traços de percepção investidos desse objeto primordial, inscrições consolidadas por meio de alterações deixadas no sistema nervoso. Em decorrência dessas alterações neurais haveria agora um caminho já traçado por onde se dará o escoamento de excitações futuras quando numa nova ocasião de elevação de tensão; isto é, essas alterações terminariam por facilitar o intercurso das tensões que venham assolar o organismo futuramente (FREUD, 1895 [1950]).

De acordo com Freud (1895 [1950]), a descarga resume-se, essencialmente, em um movimento de recondução a essa vivência primordial de satisfação através da estimulação das marcas deixadas por essa experiência. Como resultado, alcançar-se-ia um efeito de percepção de objeto equivalente ao experimentado na ocasião da vivência primordial de satisfação.

Todavia, a manutenção do organismo em um estado de homeostase prevê que se renuncie atingir uma identidade de percepção com o objeto da experiência primordial, para que, desde então, esse objeto primordial possa ser buscado desde uma identidade de pensamento. Essa modificação nos meios pelos quais se procurará reencontrar o objeto primordial permitirá, por intermédio de um efeito de demora no curso da descarga, a retenção e o armazenamento de um *quantum* de energia; isso ocorrerá, no entanto, a partir do estabelecimento de uma noção de realidade externa ao sujeito e ao objeto por meio do qual se estabelecerá a satisfação (FREUD, 1895 [1950]).

A função de armazenamento e retenção antes referida é exercida pelos processos secundários desde o que Freud (1895 [1950], p. 371) chamou de “signo de realidade objetiva”. Esse índice, suporte de uma exterioridade relativa ao objeto por meio do qual o psiquismo pleiteia um movimento de descarga, atribui à percepção de objeto ao mundo exterior e não a uma percepção efeito de investimentos em traços de natureza puramente psíquica, isto é, a uma alucinação. Avalizando, por consequência, até que ponto pode ser levado o movimento de descarga. Preserva-se, com isso, uma cota de investimentos no interior do próprio aparelho, algo impensável, segundo o autor, se a descarga fosse processada apenas pelos processos primários.

Aos processos secundários, portanto, incumbe-se a sustentação de uma noção de exterioridade relativa ao objeto via de satisfação; ou seja, a função dos processos secundários corresponde a de suporte do desejo como que dirigido ao exterior. Atesta-se, por meio dos processos secundários, a descarga estar dirigida a um objeto externo e, assim, não coincidir com aquela obtida através de investimentos feitos, puramente, em traços de percepção de lembrança provindos do objeto primordial. Dessa forma, o processamento das excitações pelos processos secundários permitiria uma descarga marcada, paradoxalmente, por uma falta de satisfação.

Porém, na ocorrência de uma elevação de tensão, na qual não sobrevenha esse divisor de águas, a atividade de descarga encontrar-se-á inibida em sua totalidade a fim de evitar “não levar mais além de certa medida os investimentos nas recordações-desejos” (FREUD, 1895 [1950], p. 371). Contudo, a elevação da tensão até certo nível, aliada a não sobrevinda desse índice, resultará, conseqüentemente, num despertar de angústia (FREUD, 1894a; 1894b). A persistência desse estado de tensão, sem, portanto, a consecução do objeto pelo qual se projetará uma satisfação, resultará na ativação dos traços de percepção da vivência primordial, sem a regulação, todavia, dos processos secundários. Por consequência, produzir-se-á uma formação alucinatória (FREUD, 1895 [1950]).

Seria um tanto enfadonho compilar aqui todas as referências freudianas contidas nos volumes denominados de *Publicaciones prepsicoanalíticas* e *Primeras publicaciones psicoanalíticas* a respeito de a angústia corresponder à forma pela qual se faz presente na esfera psíquica um excesso de excitações num contexto onde a descarga encontra-se obstruída. Entretanto, faz-se importante, ao que será

desenvolvido a respeito da toxicomania neste período das construções teóricas freudianas, referências a algumas dessas passagens.

No *Manuscrito K*, Freud (1896) aborda brevemente o tema da dipsomania⁸ quando versa acerca das neuroses de defesa. Nesse texto, a dipsomania assume uma medida através da qual o *eu* combate as representações obsessivas decorrentes do compromisso sintomático. Para Freud (1896), por serem essas obsessões tomadas enquanto estrangeiras pelo *eu* devido ao recalque, o mesmo irá combatê-las por meio de uma série de sintomas, entre eles a dipsomania, os quais o autor denominou de “sintomas secundários da defesa” (FREUD, 1896, p. 265). Perspectiva equivalente àquela que o autor vai se referir na carta datada de 11 de janeiro de 1897a das “cartas a Fliess”.

No *Manuscrito E*, Freud (1894a, p. 230) refere-se à angústia enquanto um sintoma atribuído à neurose de angústia, resultado de uma “acumulação física da excitação”, produto de um excesso de tensão somática cujo processamento psíquico responsável por providenciar a descarga encontra-se inoperante. No *Manuscrito F*, Freud (1894b) sugere que, na ocasião de uma acumulação de tensão determinante para a emersão do afeto de angústia, o domínio psíquico das excitações, função primordial do aparelho psíquico de acordo com Freud (1895 [1950]), encontra-se débil, frágil.

No texto *Sobre la justificación de separar de la neurastenia un determinado síndrome en calidad de “neurosis de angustia”*, Freud (1895 [1894]) procurou sustentar sua hipótese de que a angústia correspondia a um sintoma oriundo da neurose de angústia, além de avançar na diferenciação dessa última em relação à neurastenia. Para Freud (1895 [1894]) os sintomas relativos à neurastenia decorrem de um emprego inadequado das excitações, enquanto a angústia, sintoma da neurose de angústia, é ocasionada por um acúmulo de excitação efeito de um represamento.

Para Freud (1895 [1894]), porém, a descarga na neurastenia realizar-se inadequadamente por meio de práticas autoeróticas, não quer dizer que, assim como no caso da neurose de angústia, o intercurso das excitações não esteja obstruído. À vista disso que, de acordo com Freud (1895 [1894]), a neurastenia

⁸ Impulso mórbido periódico e irresistível que leva a ingerir grande porção de bebidas alcoólicas. In: Buarque de Holanda, A., Dicionário Aurélio Básico da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988, p. 223.

instalar-se-á como uma medida preventiva aos estados de angústia, manifestação associada à neurose de angústia.

Posto isso, é sobre um fundo de angústia que, em uma carta datada de 22 de dezembro de 1897 remetida a Fliess, Freud (1897b) localizará os quadros de dependência a substâncias tóxicas. Freud (1897b) aventará que, assim como as práticas masturbatórias, as adicções correspondem a maneiras inadequadas de intervir sobre uma situação de elevação de tensão quando o seu intercurso psíquico encontra-se obstruído. Em outros termos, através do recurso tóxico, de acordo com o autor, permite-se uma via de descarga das excitações através de uma ação no próprio corpo, aos moldes das práticas masturbatórias observadas na neurastenia, evitando, assim, o despertar de angústia.

A ação das substâncias tóxicas sobre o organismo tornaria prescindível a vinculação das excitações a representações psíquicas e, por consequência, o agenciamento dos processos secundários responsáveis pelo encaminhamento das excitações com vistas à descarga. Ou seja, a descarga ocorreria por uma via estritamente corporal, sem a intermediação do aparelho psíquico.

No texto *La sexualidad en la etiología de las neurosis*, Freud (1898) aventa que, assim como na neurastenia, a dependência em relação a substâncias narcóticas decorre de uma dificuldade no trânsito psíquico das tensões. O caminho que o recurso tóxico ofereceria, segundo o autor, terminaria por evitar a acumulação das excitações que se transformariam, por conseguinte e automaticamente, em angústia.

Assim sendo, a ação do elemento de toxicidade da droga sobre o corpo estaria destinado a evitar os efeitos angustiantes relativos a um certo embaraço no processamento das excitações pelo aparelho psíquico, esse último que teria a função de oferecer às excitações uma destinação (FREUD, 1898). Em decorrência da debilidade do aparelho psíquico em executar seu designo primordial, isto é, mitigar o excesso de excitação que chega ao aparelho, dar-se-á a acumulação de um excedente de tensão desgarrado de um processamento psíquico que, pela ação do recurso tóxico, permitir-se-ia diminuir seus efeitos angustiantes por meio de uma satisfação aos moldes do autoerotismo.

A partir disso, Freud (1898) entende que as adicções se instauram quando o tóxico passa a suprir a função de mitigação das excitações não executada pelo

aparelho psíquico. Ou seja, Freud (1898) conclui que a toxicomania se instaura quando o tóxico passa a exercer uma função na economia psíquica dos sujeitos.

3.2.2. O chiste e o sonho

No texto de Freud (1905) intitulado *El chiste y su relación con lo inconsciente*, apesar da vasta compilação de exemplos de chistes, das considerações acerca das técnicas empregadas na formação chistosa e das discussões empreendidas à luz das referências bibliográficas da época, Freud (1905) ultrapassa seu escopo inicial de análise e estende suas discussões às condições de extração de prazer e de evitamento de desprazer no *nonsense*. Isto é, entre outras coisas, Freud (1905) analisará sobre que conjuntura a experiência de *nonsense* é vivida como prazerosa, como nos fenômenos, por exemplo, do chiste, do cômico e do humor, em contrapartida ao *nonsense* produzido no sonho corresponder a uma via pela qual, essencialmente, evita-se o desprazer.

A questão que poderia sintetizar esse eixo de discussões freudianas contidas no trabalho sobre o chiste, é a seguinte: sob que condições extraem-se prazer ou evita-se o desprazer no *nonsense*?

Faz-se oportuno ao tema destes escritos de revisão, frisar a não coincidência, pelo menos neste texto freudiano, entre os mecanismos pelos quais se obtêm prazer e aqueles através dos quais se permite evitar a angústia ou o desprazer. Tão importante quanto é Freud (1905) colocar o prazer extraído pelo uso de substâncias tóxicas ao lado destes mecanismos essencialmente destinados à extração de prazer. Enquanto isso, ao sonho reserva-se a função de evitar o despertar de angústia, tanto que os sonhos de angústia atestariam o fracasso da elaboração onírica naquilo que lhe compete, ou seja, evitar o desprazer/angústia para que o sonhador permaneça dormindo.

Dessa forma, reside aqui, talvez, um ponto de imprecisão da articulação proposta nestes escritos de revisão a respeito da ação das substâncias tóxicas servirem de lenitivos para a angústia. Isso porque, segundo Freud (1905), aos recursos tóxicos reservar-se-ia uma via de extração de prazer que não coincide com aquela pela qual se evita a irrupção de angústia.

O prazer conseguido na consecução do chiste, do cômico e do humor, segundo Freud (1905), decorre da disponibilidade, no interior do aparelho psíquico,

de um *plus* de tensão descarregado no riso, relativo a uma cota de investimento psíquico anteriormente destinada ao retesamento da atenção consciente. Aos chistes, entretanto, reservam-se particularidades que estão ausentes no cômico e no humor, como, por exemplo, a necessidade de um terceiro que, diferentemente daquele por quem o chiste toma enquanto objeto, atestaria uma proposição tratar-se de um chiste por intermédio do riso, garantia da apreensão do sentido subsidiário ao *nonsense*.

Além disso, no chiste ocorreria a intercorrência sobre um pensamento pré-consciente, inibido em seu acesso à consciência, de processos inconscientes que atuariam na distorção do pensamento pré-consciente, dando ao chiste o aspecto de disparate que lhe é característico. Esse sobreinvestimento de processos inconscientes seria o responsável pela emersão espontânea do chiste na consciência. Entretanto, a obtenção desse *plus* de prazer, assim como o reconhecimento do sentido subsidiário à enunciação absurda por parte de quem fez o chiste, estão condicionados à visada, por parte do interlocutor, do elemento aparentemente *nonsense* na malha das articulações de sentido suspensas na ocasião do lançamento do disparate.

Na consecução do chiste, portanto, a disposição eufórica, relativa à disponibilidade no interior do aparelho psíquico de uma cota “a-mais” de investimentos anteriormente gastos na manutenção da atenção consciente com vistas a inibir a penetração de pensamentos pré-conscientes indesejados, é efeito, inicialmente, de um representar estético. Isto é, tanto nos chistes frutos de jogos com palavras, no qual a palavra é tomada enquanto coisa, como, por exemplo, o chiste do “f milionário”, quanto àqueles relativos aos jogos com pensamentos, como, por exemplo, os chistes nos quais se busca dar uma aparência lógica a um raciocínio, de veras, falso, ocorrem pela burla da atenção consciente através da ênfase na experiência sensível da língua em detrimento das articulações de sentido (FREUD, 1905).

Esse drible na atenção consciente, efeito de uma ênfase no valor sensível das palavras ou dos pensamentos em detrimento de seu valor de sentido, permite o relaxamento dos investimentos empregados na inibição e a conseqüente entrada na consciência do pensamento subsidiário ao comentário chistoso. A suspensão definitiva dos esforços destinados à manutenção da inibição, não obstante, dá-se na consecução do chiste naquele para quem a enunciação chistosa endereça-se e que,

ao denunciar a falha nas operações sintático-semânticas, confere-lhe a dignidade de chiste no ato de apreensão do pensamento encoberto pela fachada do representar estético (FREUD, 1905).

Aos sonhos ocorreria um processo análogo à formação dos chistes. De acordo com Freud (1900), o sonho teria a função de zelar pelo sono ao tornar inócuos restos diurnos, pensamentos objetos da atenção consciente durante a vida desperta e que poderiam perturbar o desejo de dormir ao requerer investimentos da atenção consciente, ao levá-los a qualidade de percepções. A uma parcela do material do sonho, normalmente aquela de menos importância ao pensamento do sonho, impor-se-ia investimentos de natureza inconsciente. A essa parcela, objeto de investimentos do sistema inconsciente, infligir-se-ia um tratamento tal que conferiria ao sonho seu caráter absurdo, *nonsense* (FREUD, 1900).

Dessa forma, segundo Freud (1900), através da elaboração onírica, ocorre, simultaneamente, a confluência dos interesses do sistema inconsciente e do sistema pré-consciente, que correspondem, respectivamente, à descarga de excitações potencialmente promotoras de desprazer e ao zelo do sono; isso acontece ao mesmo tempo em que o pré-consciente renova seu domínio sobre o sistema inconsciente. Entretanto, esse compromisso vê-se fracassado quando o domínio pré-consciente sobre o fluxo de associações e excitações impostas pelo inconsciente é subjugado por esse último. Resultando, com isso, em um sonho de angústia e no conseqüente despertar da consciência e do estado de sono. Dessa forma, nos sonhos de angústia, o compromisso entre os dois sistemas envolvidos na elaboração onírica veio a fracassar, pois não logrou sua função de distorcer o que do inconsciente deveria aparecer enquanto absurdo (FREUD, 1900).

Assim como na elaboração dos sonhos, haveria na formação chistosa a interferência de investimentos provindos do inconsciente sobre um pensamento pré-consciente. Ao sono sucede a retirada de investimentos da consciência a partir da transformação em impressões sensoriais, quase sempre visuais, dos restos diurnos que poderiam despertar a atenção consciente interrompendo, assim, o sono. Todavia, nos chistes a suspensão da atenção consciente ocorre pela ação do inconsciente sobre uma parcela do pensamento pré-consciente articulado segundo a lógica semântico-sintática; conservando, com isso, condições para que no *nonsense* possa se inferir a existência de um sentido (FREUD, 1905).

Para Freud (1905), corresponde, exatamente, sobre os investimentos despendidos ao retesamento da atenção consciente, empregados na manutenção da inibição atinente ao acesso na consciência, o elemento que distingue uma técnica servir à ganância de prazer enquanto a outra ao evitamento do desprazer. Enquanto que, no período que antecede a elaboração dos chistes, a consciência encontra-se investida de um dispêndio psíquico, na elaboração onírica esses mesmos investimentos já haviam cessado visto o desejo de dormir e a transformação em percepção dos pensamentos que poderiam despertar a consciência.

Dessa forma, a obtenção de prazer encontra-se vinculada estreitamente à descarga desse *plus* de investimentos psíquicos despendidos à atenção consciente. Ademais, pela sobreposição de uma experiência do sensível em detrimento das operações de sentido, ao rebaixar o gasto empregado na inibição, permite-se uma via pela qual se dará a interferência dos processos inconscientes. Contudo, de acordo com Freud (1905), a intercorrência dos processos inconscientes não é condição para a extração de prazer, mas, para o evitamento do desprazer, como visto a respeito do trabalho dos sonhos.

Segundo Freud (1905), à interferência das substâncias tóxicas no psiquismo, reservar-se-ia uma operação sobre os investimentos despendidos no retesamento da atenção consciente por uma experiência análoga à técnica de obtenção de prazer vista no chiste. Isto é, dar-se-ia uma ênfase na experiência sensível – atestada pela propriedade das substâncias tóxicas interferirem nas condições de sensibilidade –, todavia, desamarrada dos constrangimentos implicados nas articulações significantes a que se pressupõe a tomada da língua. Freud (1905) compara a disposição eufórica do sujeito que se encontra sob influência de substâncias tóxicas com o êxtase psíquico observado no *infans* entregue à lalação – atividade que o autor supõe corresponder a um período do desenvolvimento no qual se está aprendendo a língua materna.

O manejo das palavras pela criança precisamente nesse momento do desenvolvimento, de acordo com Freud (1905), observa, tão somente, seu aspecto sensível, como, por exemplo, o ritmo e a rima. Isso porque, nesse período específico e, diga-se de passagem, não por muito tempo, o *infans* encontrar-se-ia livrado dos constrangimentos relativos à formação de efeitos de sentido. Pouco a pouco, coagida pela necessidade de produzir sentido, impor-se-ão limites à tomada da língua pela criança, brecando, com isso, seu emprego com fins puramente estéticos.

Freud (1905) entende, a propósito disso, que as poesias permitem a extração desse *plus* de gozo pela sua ênfase no valor estético das palavras, apesar dessa ênfase não ocorrer em detrimento das operações de sentido, ou pelo menos não se espera que isso aconteça.

À vista disso, o efeito das substâncias tóxicas sobre o organismo, segundo Freud (1905), traria ao psíquico o resgate de um estado de espírito, conseguido por intermédio do relaxamento de um dispêndio investido na atenção, sobre o qual não haviam recaído, ainda, os constrangimentos implicados no emprego da língua com fins de obtenção de efeitos de sentido. Insubmissão, pois, que torna o sujeito sobre efeito de substâncias tóxicas incólume, opostamente àquele que faz o chiste, da ação de um terceiro pelo qual auferirá sua própria mensagem.

Com base nisso, poderíamos perguntar o seguinte: o que torna esse estado de espírito de insubmissão ao código de linguagem, operada no ato de lançar mão do artifício tóxico, imprescindível a certos sujeitos, determinando, assim, os quadros de dependência química?

Ao final dessa seção, vê-se relançada a questão norteadora deste escrito de revisão: de que forma as vias de obtenção de prazer podem intervir sobre a irrupção de angústia? Consequentemente, pode-se, ainda, perguntar: por quais vias de evitação da angústia pode-se extrair prazer?

Freud (1905) ensaia uma resposta a essas duas questões ao postular a tirada humorística enquanto um meio através do qual se obtém prazer sob condições nas quais se estaria propenso a vivenciar uma liberação de desprazer. O prazer do humor, de acordo com o autor, decorre da disponibilidade no interior do aparelho psíquico de investimentos destinados a sufocar aquilo que, em determinadas situações, poderia desencadear desprazer.

De acordo com Freud (1905), no humor, o processo se completa, essencialmente, em uma só pessoa, a de seu autor, prescindindo da participação de outro indivíduo ou, então, da necessidade de comunicar a tirada humorística a alguém. Não se exclui, entretanto, que um ouvinte possa extrair prazer da atitude humorística, ou que não se possa tomar um outro como objeto da tirada humorística que não o próprio autor.

O humor, segundo Freud (1905), compreende uma técnica na qual ocorre um deslocamento da atenção consciente em direção a algo de importância secundária, produzindo um efeito de borradura sobre o que possa constituir uma fonte de

desprazer. Em seu trabalho sobre o narcisismo, Freud (1914) concebe a tirada humorística como um método por meio do qual se permite o desvencilhamento por parte do *eu* de algo que possa o apequenar.

Freud (1905) considera o deslocamento humorístico, ou então o seu efeito de borradura, sob a luz de um processo defensivo, por meio do qual se busca tirar o foco da consciência sobre conteúdos que poderiam gerar desprazer. Segundo Freud (1905), o deslocamento humorístico da atenção dá testemunho de um triunfo do *eu* quando submetido a circunstâncias que poderiam levá-lo a desesperar-se. É através de uma subtração da atenção desses materiais de natureza desprazerosa que, de acordo com o autor, pode-se extrair prazer. Isto é, ao mesmo tempo em que se evita o desprazer, extrai-se prazer.

Mais tarde, em seu trabalho intitulado *El humor*, Freud (1927) associará os efeitos alcançados através da tirada humorística, ou seja, o evitamento do desprazer e a extração de prazer, com aqueles obtidos através do recurso tóxico. Isto é, a ação das substâncias tóxicas sobre os processos psíquicos pode servir, ao mesmo tempo, aos propósitos de evitamento de desprazer e de obtenção de prazer.

3.2.3. O modelo de casamento feliz, o caso do pequeno Hans e a *Situation der Hilflosigkeit*

Em seu trabalho intitulado *Sobre la más generalizada degradación de la vida amorosa (Contribuciones a la psicología del amor II)*, Freud (1912) discorrerá, entre outras coisas, acerca das razões pelas quais a satisfação erótica mostrar-se-á envolta de uma cota de insatisfação. Determinando, assim, para além da parcialidade da satisfação alcançada pela corrente erótica, as flutuações de objeto da pulsão sexual.

De acordo com Freud (1912), a satisfação sexual está marcada em sua origem pela renúncia a um objeto original que um dia se desejou, mas que sucumbiu ao recalque por conta da ameaça de castração. A satisfação sexual, por conseguinte, estará condenada a nunca alcançar a plenitude, pois as vias pelas quais atingirá alguma satisfação coincidirão, apenas, com uma série infundável de objetos substitutivos do objeto original de que se abriu mão outrora. Isto é, essa cota de insatisfação decorreria da falta de correspondência entre o objeto original e o seu substituto.

A substituição de um objeto original por outro pertencente a uma realidade externa consuma, para Freud (1912), o progresso das fantasias sobre a realidade tornando-as suscetíveis de alguma consciência. Para acessar esses substitutos, todavia, precisa-se renunciar ao objeto original. O fracasso desse progresso, segundo Freud (1912), denuncia a fixação em objetos de natureza incestuosa que, não abandonados completamente, permanecem locados e atuantes desde o inconsciente.

A persistência desse quinhão de insatisfação denuncia a desarmonia entre a satisfação vislumbrada por meio desses objetos substitutivos e àquela obtida, de fato, no encontro com eles. O que impõe, a todo o momento, a projeção alhures desse resto de investimento não satisfeito quando na ocasião da satisfação da vertente erótica com o seu objeto. Segundo Freud (1912, p. 182), a “fome de estímulo” a que está submetida a pulsão sexual, em decorrência da insatisfação que lhe está nas bases e que a relança a todo o instante a outro lugar que não onde o sujeito encontra-se ou encontrou satisfação, determina, de certa forma, a sua infidelidade a um objeto único.

As considerações freudianas nesse trabalho a respeito do caráter contingente do objeto da pulsão sexual, assim como da parcialidade da satisfação erótica, contrapõem-se, segundo o autor, à satisfação obtida através do recurso tóxico. Isso porque, na medida em que essa última, ao contrário da via erótica cuja satisfação é relançada sempre num porvir, prescinde desse reenvio ao tornar a substância tóxica imprescindível. Contrastando, assim, a harmonia e a fidelidade do alcoólatra com sua bebida quando comparadas a desarmonia e a infidelidade da corrente sexual com seus objetos. Harmonia tal do bebedor com sua bebida que Freud (1912, p. 182) sugere constituir um “modelo de casamento feliz” do qual nunca poderá gozar o sujeito com seu respectivo objeto sexual.

A partir disso, Freud (1912) adverte os poetas acerca da não coincidência entre as vias pelas quais se dá a satisfação tóxica e aquelas por quais se extrai a satisfação erótica. Ademais, o bebedor encontrar-se-á livrado, por intermédio da satisfação tóxica, dos desígnios e percalços da satisfação erótica.

É desde os conflitos entre as correntes ternas e eróticas que Freud (1909) analisará, também, a fobia do pequeno Hans e a razão pela qual se deve sua

angústia. Tais correntes respondem aos interesses do primeiro dualismo pulsional⁹ freudiano, a saber, as antagônicas pulsões do *eu*¹⁰ ou de autoconservação e pulsões sexuais.

As pulsões de autoconservação seriam todas aquelas que impulsionam o *eu* a agir ao encontro do seu equilíbrio orgânico, cujas metas e objetos estariam muito claramente delineados em consideração às necessidades humanas de sobrevivência. Isto é, as pulsões do *eu* ou de autoconservação visariam à conservação de si mesmo em oposição aos interesses da espécie. De acordo com Freud (1912), as pulsões sexuais, apesar de apoiadas às funções necessárias à vida correspondentes às pulsões do *eu*, responderão aos interesses de conservação da espécie.

A neurose, para Freud, nesse momento específico, comporá o resultado do conflito entre os interesses do *eu* e os sexuais, com a prevalência daqueles relativos às pulsões de autoconservação em detrimento das pulsões sexuais cujos representantes sucumbirão ao recalque. No caso do pequeno Hans, por exemplo, ver-se-á a instalação da fobia, segundo Freud (1909), como triunfo da corrente terna a partir da desautorização da sexual por meio do recalque. Isso, entretanto, como adverte Freud (1909), não torna Hans incólume aos reclamos do material recalcado por intermédio dos sintomas que compõem sua fobia.

Vê-se no caso do pequeno Hans o desenvolvimento e a aplicação da hipótese freudiana acerca da angústia corresponder à libido não satisfeita. Sob a ameaça de castração, caso Hans leve adiante o componente libidinal do qual a mãe é objeto, colocar-se-á em marcha o recalque com vista à suspensão do perigo de perda do seu membro. A angústia decorreria, portanto, da operação de recalque sobre o componente representacional da pulsão sexual cuja satisfação traria consigo um perigo ao indivíduo, no caso do pequeno Hans, a perda do pênis.

Faz-se notar que a ameaça feita a Hans de castrá-lo foi realizada num tempo anterior ao aparecimento da fobia e da angústia. Período no qual Hans pareceu não se importar com o agravo que lhe fora prometido caso continuasse a se masturbar. Ocasão, inclusive, na qual Hans reage com um certo desdém ao replicar a ameaça

⁹ Sendo que o segundo corresponderá às pulsões de vida e de morte.

¹⁰ Esse “*eu*” das “pulsões do *eu*” não coincide com o “*eu*” objeto de investimentos da pulsão sexual assim concebido no texto sobre o narcisismo.

dizendo que se cortassem seu faz-pipi, então, faria pipi “com o traseiro” (FREUD, 1909, p. 9).

Mais tarde, como esclarece Freud (1909), a velha ameaça de castração feita outrora adquire vigência. Porém, não apenas porque Hans “já está crescido”, como adverte Freud (1909, p. 31), mas porque “essa querida peça de seu *eu*”, esse apêndice, alcança uma conotação tal, de que estes escritos pretendem se ocupar mais tarde na secção destinada a contribuições de Lacan a este tema.

Segundo Freud (1909), portanto, ainda sobre o caso de Hans, a fobia decorre, primeiramente, da libido que, ao sofrer o efeito do recalque, faz com que sua carga afetiva reapareça como angústia. Invaso pela angústia, a fobia produziria a ligação psíquica da energia livre através de um processo de distorção do material patogênico em objeto fóbico. A representação recalçada, da qual o afeto se desvinculou e que promoveu o aparecimento da angústia, por meio de cadeias associativas, é remodelada e atinge a consciência na forma de uma representação mais anódina. Dessa forma, ao mesmo tempo em que o recalcado é mantido no inconsciente, limita-se o aparecimento da angústia apenas na presença do objeto fóbico. Isso, entretanto, é feito à custa de uma parcela considerável de restrições à liberdade individual, como Freud (1909) constatou no caso de Hans.

Pertencente ao quadro das chamadas histerias de angústia, a angústia alcança a dignidade das psiconeuroses. Freud (1909) ainda explica que, em contraponto às histerias de conversão, cujo afeto desprendido da representação recalçada é convertido no somático, as histerias de angústia ganham exterioridade pela angústia e pela fobia. “A libido desprendida do material patogênico, em virtude do recalque, não é convertida, não é aplicada, saindo do anímico, em uma inervação corporal, senão que se libera como angústia” (FREUD, 1909, p. 94). Tal postura ratificaria a hipótese de Freud (1909, p. 111) de que “a essência do estado patológico está ligada por inteiro à natureza dos componentes pulsionais que se devia rechaçar”. Em outros termos, o conteúdo relativo ao material patogênico, do qual a pulsão irá desprender-se quando sob a ação do recalque, constitui aquilo que, fundamentalmente, e em um segundo momento após o recalque, impor-se-á na forma de sintoma, configurando, assim, um quadro de neurose propriamente dito.

Nos trabalhos intitulados *Lo inconsciente* e *Complemento metapsicológico a la doctrina de los sueños*, Freud (1915; 1917[1915]a) expõe alguns elementos conceituais que permitem apreender a natureza do objeto de que trata o postulado

freudiano, bastante difundido e fonte de equívocos, de a angústia ser sem objeto. Segundo Freud (1915; 1917[1915]a), aquilo que se encontra na consciência (Cs.) ou em condições de se tornar consciente (Pcs.) corresponde a representações de objeto (representação de coisa + representação de palavra); enquanto o inconsciente (Ics.) abarca, somente, representações de coisa. As representações de coisa constituem traços de percepção de lembrança produtos de investimentos em objetos primários de satisfação (*das Ding*); ao passo que os sistemas Pcs. e Cs. surgem quando as representações de coisa são sobreinvestidas pelo enlace com representações de palavra. É somente esse sobreinvestimento Pcs.-Cs. o que permite alguma organização psíquica, na medida em que, a partir da sobreposição dos processos secundários aos processos primários, produz-se certa inibição da disposição à descarga relativa aos processos primários.

A propósito da angústia, Freud (1915) sugere uma via direta de articulação do sistema perceptivo, que por definição é aquele que capta o que é sensível aos nossos sentidos, com os materiais inconscientes; isto é, uma via através da qual não se submete as representações de coisa ao enlace com o seu correspondente linguageiro e a conseqüente submissão a um sistema estruturado de linguagem. De acordo com Freud (1915), na ocorrência de estimulação de material inconsciente a ponto de demandar uma transposição para a condição de poder tornar-se consciente (Pcs.) e forçar passagem para o consciente (Cs.) até a descarga motora, incide a retirada do sobreinvestimento responsável por essa tarefa; emergindo, por conseguinte, a angústia. Porém, a angústia tem seu desenvolvimento interrompido quando uma representação substitutiva mais anódina assegura a emergência na consciência da representação recalcada, todavia, sob uma forma distorcida.

Entretanto, segundo Freud (1915, p. 179), algo escapa a essa tentativa de substituição própria do sintoma, fazendo com que a angústia surja “sem que se perceba ante o quê”, tornando a representação substituta e seu entorno fontes de angústia. Em outros termos, o sintoma carrega consigo algo que lhe é irredutível simbolicamente, isto é, onde a vertente simbólica do sintoma mostra seu limite. Com isso, “a representação substitutiva se comporta, em uma situação, como o lugar de uma transmissão desde o sistema Ics. ao interior do sistema Cs., em outra, como uma fonte autônoma de desprendimento de angústia” (FREUD, 1915, p. 179).

A partir disso, o autor constata que a “angústia é, então, a moeda corrente pela qual se transformam ou podem transformar-se todas as moções afetivas

quando o correspondente conteúdo representacional estiver sido submetido ao recalque” (FREUD, 1916-17[1915-17], p. 368). À vista disso, a angústia surgirá da desarticulação de uma cota de afeto do campo das representações quando sob o efeito do recalque. Contudo, ao oferecer a essa representação recalçada um equivalente simbólico, permite-se a inibição do aparecimento da angústia ou, ao menos, seu surgimento sobre determinadas condições, como no caso de Hans (FREUD, 1916-17[1915-17]).

De acordo com Freud (1916-17[1915-17], p. 373), a respeito do afeto relativo à representação que foi recalçada, “o destino mais imediato desse afeto é o de ser transformado em angústia”. Ou seja, o produto adjacente ao recalque, segundo o autor, é a angústia, enquanto que o sintoma consiste em uma maneira por meio da qual se dará um encaminhamento aos resultados decorrentes da ação de recalque.

Dessa forma, para Freud (1916-17[1915-17]), as neuroses, de maneira geral, passam a compreender mecanismos a partir dos quais se tentará buscar proteção contra a possibilidade de irrupção de angústia desde um contrainvestimento do *eu* com finalidade de conservar o recalque. Na histeria de conversão, o afeto correspondente à representação que foi recalçada, sofre o mesmo processo de deslocamento pela via da formação dos sintomas. Entretanto, sua vinculação à outra representação corresponde a uma parte do corpo. Na neurose obsessiva também os sintomas servem enquanto um anteparo à emergência da angústia por constituírem uma maneira de ligar o afeto que sofreu o efeito do recalque. Logo, conclui o autor: “os sintomas só se formam para se subtrair a um irrompimento de angústia que do contrário seria inevitável” (FREUD, 1916-17[1915-17], p. 368).

A partir disso, a angústia passa, então, a ocupar um lugar central na teoria freudiana, pois ela constituiria o efeito imediato do recalque, este que é identificado como a condição de entrada para a neurose, além da irrupção daquela surgir como motor para a formação do sintoma. Ademais, desde então, a angústia não só figurará como o produto do recalque, mas, também e principalmente, como a promotora do recalque.

Através de um raciocínio analógico, a pena desenvolvimentista de Freud (1916-17[1915-17]) estabelecerá a experiência do nascimento, em que o *infans* se encontrará inundado por excitações de fontes indiscerníveis por ter sido “arrancado prematuramente do seio materno” – citação que Freud (1916-17[1915-17], p. 361) extrai de “Macbeth” (ato V, cena 7) – como prototípica das experiências de angústia

que se seguirão no decorrer do desenvolvimento. Dessa forma, a separação do *infans* do agente materno constituirá, para o autor, o primeiro estado de angústia a se atualizar toda vez em que se interpor uma ameaça de perda de um objeto estimado.

Assim, o conceito freudiano de *Situation der Hilflosigkeit* (situação de desamparo), circunstância suposta à experiência do nascimento, ao qual o autor se dedica no trabalho intitulado *Inhibición, sintoma y angustia* de 1926, explicaria as condições sobre as quais a angústia emerge no decorrer da vida. Isto é, ao tentar localizar temporalmente a experiência primordial de angústia, Freud (1926) puxa de sua cartola um coelho que ele mesmo irá oferecer em sacrifício. Isso porque, posteriormente, para Freud (1933[1932]), dificilmente existiriam condições que permitiriam algum registro psíquico da situação de desamparo conferida à experiência do nascimento, na medida em que o *eu*, “genuíno almácego¹¹ da angústia” (FREUD, 1926[1925], p. 89), não é suposto estar lá desde antes do nascimento.

Freud (1933[1932], p. 86) diz o seguinte: “evidentemente, não é o dano na pessoa, que poderia se julgar [enquanto um dano] objetivo, pois não tem por que alcançar significado algum no psicológico, senão o que ele ocasiona na vida anímica.” Em seguida, Freud (1933[1932], p. 86) conclui: “o nascimento, nosso arquétipo do estado de angústia, dificilmente pode ser considerado em si como um dano, ainda que talvez comporte tal perigo”. Todavia, não se exclui, com isso, a proposição de Freud acerca de a angústia decorrer de uma experiência nociva ao *eu*¹², assim como, ela fazer alusão a um tempo lógico “pré-histórico”. Isto é, a angústia associar-se a algo a respeito do qual ainda não se fez estória (ficção).

3.2.4. O narcisismo e o par melancolia-mania

Em seu texto intitulado *Introducción del narcisismo*, Freud (1914) anuncia os fundamentos narcísicos sobre os quais repousam os conflitos neuróticos e

¹¹ Buscou-se conservar os efeitos de sentido da palavra “almácego”, empregada na tradução do texto freudiano para o espanhol, cujo correspondente em português é “almácego”, em vez da palavra “sede”, usada na tradução para o português. Isso porque, o significante “almácego” preserva, para além da ideia de uma sede, a noção de nascedouro sob o qual a angústia germina e que irrompe a superfície do *eu*.

¹² Esse “*eu*”, todavia, possui a conotação sobre a qual discorre o trabalho sobre o narcisismo, ou seja, enquanto objeto de investimentos da pulsão sexual.

psicóticos. De acordo com Freud (1914) o *eu* edifica-se sobre bases narcísicas. Dito de outra forma, o narcisismo, processo por meio do qual se concede atributos de uma perfeição ideal ao *eu*, consiste no fundamento sobre o qual o *eu* está alicerçado e pelo qual medirá o que lhe falta para alcançar a perfeição almejada.

De acordo com Freud (1914), por não querer privar-se da perfeição narcisista da qual gozou na infância, ante a perturbação relativa à impossibilidade de permanecer nesse estado, o neurótico em particular tentará reavê-la por meio da formação de ideais-de-*eu*. Entretanto, segundo Freud (1914, p. 91), “o que ele projeta diante de si como seu ideal é o substituto do narcisismo perdido de sua infância, no qual ele foi seu próprio ideal”.

Segundo o autor, da mesma maneira em que a constituição de um ideal é fundamental ao *eu*, ele também é imprescindível à consecução do recalque. Em outros termos, a “formação do ideal seria, por parte do *eu*, a condição do recalque” (FREUD, 1914, p. 90). É exatamente em benefício desse ideal, na forma de uma coerência narcísica, que, como ressalva Freud (1914, p.86), o indivíduo tentará “afastar de si tudo aquilo que poderia diminuir seu próprio *eu*”. A neurose, para Freud (1923), passa, então, a não compor tão somente um conflito entre o consciente e o inconsciente, mas, também, uma oposição entre o *eu*, cujas bases estão estabelecidas sobre aspirações narcísicas, e o recalcado que dele cindiu por ir de encontro a essas aspirações.

Dessa forma, de posse das elaborações relativas ao narcisismo, as representações que se tornam irreconciliáveis com o *eu* constituem aquelas que, necessariamente, entram em conflito com os atributos de perfeição sobre os quais o *eu* edifica-se. Conflito que guarda em si, portanto, um perigo à integridade e à coerência narcísicas almejadas pelo *eu* e que cessa com a formação do sintoma e com a submissão das excitações perigosas, que vêm de encontro a esse ideal, à operação de recalque.

Entretanto, por consequência do recalque, o sujeito encontrar-se-á dividido. Logo, caso o nível de exigência do ideal se eleve, favorecer-se-á a ação de recalque e, conseqüentemente, essa divisão se acentuará. Segundo observa o autor, não ocasionaria surpresa a constatação da existência de uma instância psíquica particular cuja função fosse velar pela satisfação narcisista. Derivada do ideal sobre o qual repousa o *eu* e com o propósito antes referido, a essa instância outorga-se a observação e a mensuração, de maneira contínua, do *eu* em relação

ao ideal que lhe está nas bases. O estabelecimento dessa instância, que mais tarde Freud irá chamar de supra-*eu*¹³, permite dizer que, quando se está, portanto, sob o regime do ideal, quem dita a regra é o supra-*eu*. Em contraponto ao inconsciente que se faz escutar pelo *mal-dito*, isto é, nos tropeços da articulação significativa.

Ao analisar o vínculo do parafrênico com a realidade, em oposição àquele estabelecido pela histérica e o neurótico obsessivo, Freud (1914) entende que o primeiro recolhe sobre o *eu* a libido objetal, ou seja, aquela que estava investida em objetos do mundo exterior. Enquanto que, na neurose, a libido objetal é mantida investida nos objetos do mundo exterior, entretanto, enlaçada aos traços de percepção de objetos, conservados no inconsciente, por intermédio da fantasia. Para Freud (1914, p. 71), concebe-se “o narcisismo que nasce do recolhimento dos investimentos de objeto como um narcisismo secundário que se edifica sobre a base de outro, primário”.

O narcisismo primário compreenderia um estado original de investimento libidinal no *eu*, a partir do qual uma parte será destinada para os objetos. Diretamente proporcionais, libido *euóica*¹⁴ e libido objetal se contrapõem da seguinte forma: “quanto mais se gasta uma, tanto mais se empobrece a outra” (FREUD, 1914, p. 73-74). Diversamente do paranóico, por exemplo, cuja libido objetal encontra-se recolhida sobre si mesmo, aquele que se encontra enamorado renuncia ao próprio *eu* em favor de investimentos em objeto.

Segundo Freud (1914), alterações na distribuição da libido ocorrem a partir da retirada dos investimentos libidinais de objeto sobre o *eu* por obra de perturbações corporais e, também, nos estados de sono. Uma pessoa afligida por uma dor orgânica ou por sensações corporais penosas veria seus investimentos retraírem-se,

¹³ Ao invés da terminologia “super-ego” ou “super-*eu*”, empregamos a tradução “supra-*eu*”, similar a utilizada pelos tradutores das novas edições em português das obras freudianas como correlata ao *Über-Ich* de Freud. A razão pela qual lançamos mão da terminologia “supra-*eu*” é a mesma de que os tradutores das novas edições empregaram para justificarem essa escolha. Na secção intitulada *Comentários do Editor Brasileiro*, diz o seguinte: “Especificamente na composição *Über-Ich*, o prefixo expressa a posição de um Eu que se situa espacialmente um ou mais degraus acima do Eu, ou ainda, ‘um Eu que paira acima de outro Eu’. Conotativamente, o termo composto expressa a posição de um Eu situado em um posto de observação e vigilância e serve bem para expressar a concepção freudiana de *Über-Ich* como entidade que ao mesmo tempo contém ideais, mas também opera como consciência moral e censura”. O emprego dessa terminologia, segundo os tradutores, ocorre por que o termo “‘Super-Ego’ era compreendido equivocadamente como um ‘Ego muito poderoso’, ou ‘mais poderoso do que o ego’”. (FREUD, S. *Escritos sobre a psicologia do inconsciente*. In: *Obras psicológicas de Sigmund Freud*; v. 3. Rio de Janeiro: Imago, 2007, p. 24-25).

¹⁴ Ao invés de “libido egóica” aludida à libido do *eu*, optamos por preservar a derivação da terminologia até aqui empregada neste trabalho e que é correspondente à terminologia utilizada pelos tradutores da obra freudiana para o espanhol, *libido yoica*.

desinvestindo, por consequência, seus objetos de amor. “Na estreita cavidade de seu molar se concentra toda sua alma”, frase que Freud (1914, p. 80) cita de Wilhelm Busch acerca do poeta que sofre de dor de dente.

A Freud (1914), a hipocondria, assim como a enfermidade orgânica, exterioriza-se por meio de sensações corporais penosas e dolorosas, efeitos de uma alteração na distribuição da libido. Na hipocondria ocorre a retirada da libido objetal investida no mundo exterior sobre um órgão ao qual se vinculará. Por conseguinte, esse órgão de sensibilidade dolorosa, sede de múltiplas sensações, como destaca o autor, é fruto de alterações na erogeneidade do corpo, ocasionadas pela retirada da libido dos objetos e colocadas sobre o *eu*, a ponto dessa parte do corpo sub-rogar os genitais.

Para Freud (1914), enquanto a hipocondria e as parafrenias correspondem a manifestações efeito da retirada sobre o *eu* da libido que, anteriormente, fora investida nos objetos, as neuroses de transferência decorrem de uma destinação a objetos inconscientes de uma libido *euóica*. Segundo o autor, a angústia hipocondríaca, efeito de investimentos libidinais sobre uma parte do próprio corpo, seria, do lado da libido *euóica*, o correspondente da angústia neurótica. À vista disso, Freud (1914) conclui que, enquanto os mecanismos de contração de enfermidade da hipocondria e os de formação do delírio de grandeza das parafrenias vinculam-se a estase da libido do *eu*, os sintomas nas neuroses de transferência se conectam a estase da libido de objeto.

Freud (1914) entende que a estase da libido no interior do *eu* é sentido como desprazeroso por conta do aumento de tensão geral do aparelho psíquico. Pela razão de os investimentos libidinais no *eu* ultrapassarem certo limite, compelir-se-á a libido excedente a transpassar o narcisismo e investir em objetos de natureza alheia ao *eu*. Dessa forma, o regresso ao estado primordial em que libido objetal e libido *euóica* se encontram indiscerníveis, o que configuraria para Freud (1914, p. 96) um “amor feliz/bem-sucedido”, é, antes, fonte de desprazer e, sobretudo, um estado insustentável.

Nas parafrenias, portanto, ocorre o recolhimento sobre o *eu* de uma libido antes investida nos objetos, cujo resultado é o delírio de grandeza por meio do qual se procurará o domínio psíquico desse volume excedente de libido. Essa operação psíquica pela qual se forma o delírio, de acordo com Freud (1914), equipara-se, em função, à formação da fantasia na neurose de transferência. Do fracasso no domínio

psíquico, pleiteado pela formação delirante desse excedente de libido objetal que recaiu sobre o *eu*, nasce, segundo o autor, a hipocondria da parafrenia; homóloga, segundo Freud (1914), à angústia das neuroses de transferência provocada, portanto, pelo fracasso da fantasia.

No texto intitulado *Duelo y melancolía* Freud (1917 [1915]b) discorrerá, entre outras coisas, a respeito da melancolia e da mania. A Freud (1917 [1915]b), apesar de aparentarem reações opostas, melancolia e mania repousam sobre uma mesma conjuntura de fatores. O que está nas bases do par melancolia-mania, Freud (1917 [1915]b) dirá corresponder a uma perda de objeto de natureza ideal. Isto é, essa perda refere-se a um objeto ao qual se destinou, majoritariamente, investimentos relativos à libido do *eu* e do qual não se consegue renunciar.

Freud (1917 [1915]b) assinala que, mesmo que o melancólico possa determinar o que ou quem houvera perdido, não saberá discernir com precisão o que seu *eu* perdeu com aquilo ou aquele que perdera. Assim, Freud (1917 [1915]b) referenciará a melancolia a uma perda de objeto do *eu* que escapa à consciência ou, então, uma perda que a consciência desconhece.

Além das características que compõem o quadro de inibição visto na melancolia, como, por exemplo, o estado de ânimo profundamente rebaixado, a suspensão do interesse pelo mundo externo e a perda da capacidade de amar, ver-se-á, de acordo com Freud (1917 [1915]b), a depreciação do sentimento *euóico* [*Ichgefühl*]. Enquanto que no luto o mundo mostrar-se-á vazio e depreciado, na melancolia é o *eu* quem se apresentará dessa forma. Freud (1917 [1915]b, p. 244) refere que o melancólico despreverá seu *eu* como “indigno, estéril e moralmente depreciável”; além disso, far-se-á reprovações, denegrir-se-á e esperará que o repudiem e punam-no.

A Freud (1917 [1915]b), a falta de vergonha, vista na melancolia em se autodepreciar na presença de outros, sugere alguma satisfação. Com base nisso, Freud (1917 [1915]b, p. 245) aventa que nesses casos, na verdade, “uma parte do *eu* se contrapõe a outra, aprecia criticamente, tomá-la por objeto”. Essa instância crítica, cindida do *eu*, Freud (1917 [1915]b, p. 245) irá chamar, nesse texto, de “consciência moral”. Na melancolia, portanto, destacar-se-ia, antes de tudo, um “desagrado moral com o próprio *eu*” (FREUD, 1917 [1915]b, p. 245).

Com a ressalva de que se tomem as autorreprovações como reprovações contra um objeto de investimentos do *eu*, Freud (1917 [1915]b) asseverará que esse

objeto encontrar-se-á, por conseguinte, relançado sobre o próprio *eu*. Isto é, toda essa abjeção que o melancólico outorga a si mesmo, no fundo, atribuía a outro (FREUD, 1917 [1915]b).

Para Freud (1917 [1915]b), os investimentos tornados livres em decorrência da perda de um objeto, ao invés dessa cota de afeto deslocar-se para outro objeto como ocorre no luto, na melancolia, porém, esse investimento anteriormente destinado ao objeto se recolherá sobre o *eu*. Isso ocorre a partir da entificação em si mesmo desse objeto perdido, processo que Freud (1917 [1915]b) chamou de identificação, isto é, como definiu o autor, quando a sombra do objeto recai sobre o *eu*.

Em outros termos, segundo Freud (1917 [1915]b), a perda de objeto produto de investimentos narcísicos coincidirá com uma perda do *eu*. A essa avaria, todavia, tentar-se-á oferecer uma medida de reparação através de uma identificação do *eu* com o objeto. Assim, o conflito entre o *eu*, avariado pela perda, e o objeto, causador da avaria, transformar-se-á em um conflito entre o *eu* e ele mesmo. Dessa forma, segundo o autor, o amor e o ódio que recaíam sobre o objeto experimentarão uma volta à própria pessoa.

Para Freud (1917 [1915]b), o amor pelo objeto se refugiará na identificação. Na medida em que se identifica com o objeto, preserva-o vivo em seu *eu*, assim como, também, conserva em si mesmo o índice de sua própria inferioridade em relação ao ideal que se colocou como meta; por não poder renunciá-lo, termina, paradoxalmente, renunciando-o ao recolhê-lo dentro de si. Enquanto isso, o ódio se voltará, por consequência, a esse objeto substituto localizado no interior do *eu*, signo de sua inferioridade, “insultando-o, denegrindo-o, fazendo-o sofrer e ganhando neste sofrimento uma satisfação sádica” (FREUD, 1917[1915]b, p. 249).

Ademais, Freud (1917 [1915]b) registra que, apesar de há muito se ter o entendimento de que os propósitos suicidas dos neuróticos não envolvem matar a si mesmos propriamente, mas a outros, o estudo da melancolia permite clarificar o fenômeno do suicídio. Para Freud (1917 [1915]b), a partir das ideias até aqui expostas, o suicídio comporia uma reação a uma subjugação radical das identificações de objeto sobre o *eu*. Isto é, o suicídio corresponderia a um ato último de oposição de um *eu* objetalizado.

Segundo Freud (1917 [1915]b, p. 250), o “complexo melancólico” funciona como uma ferida aberta a consumir todos os investimentos disponíveis. Entretanto, o

autor aponta a possibilidade de a melancolia se desfazer do revés que lhe é imposto através da transformação em seu oposto, a saber, em mania. De acordo com o autor, a mania repousa sobre a mesma conjuntura que a melancolia, isto é, uma perda de objeto produto, majoritariamente, de investimentos da libido do *eu* ao qual, por não conseguir renunciá-lo, o *eu* identifica-se. Enquanto a melancolia constitui uma reação de desprezo ao que do *eu* é efeito da identificação com o objeto, a mania corresponde ao triunfo do *eu* sobre essas identificações que o subjugam à condição de objeto de si mesmo.

Os estados de alegria em geral, de júbilo e de triunfo servem de apoio para Freud (1917 [1915]b) explicar o aspecto econômico concernente aos estados de mania. Segundo o autor, os estados de humor alegre correspondem, em geral, à disposição no interior do aparelho psíquico de investimentos empregados em outras atividades. A mania, em oposição à depressão e à inibição, próprias da melancolia, de acordo com Freud (1917 [1915]b), não é outra coisa que uma forma de triunfo, entretanto, a expensas da consciência daquilo sobre o qual o *eu* triunfou.

Além disso, Freud (1917 [1915]b) supõe equivalência entre os estados de mania e aqueles nos quais os indivíduos, sob efeito de substâncias tóxicas, encontram-se. Isso porque, sugere o autor, o recurso tóxico permitiria a suspensão dos gastos empregados na manutenção do recalque [*Aufhebung von Verdrängungsaufwänden*]. A sublevação maníaca, portanto, alcançada por via tóxica ou não, depende da liberação dos gastos de investimentos empregados na manutenção do recalque. Não obstante, sob a condição de que aquilo de que se trata de manter recalcado mantenha-se enquanto tal.

Na melancolia, assim sendo, a perda ou a vacilação do laço do *eu* com o seu objeto, faz com que ele o abandone, porém, sob a condição de que com o objeto se identifique. Sob a qualidade de representação de coisa, ou seja, material pertencente exclusivamente ao sistema inconsciente, esse objeto ganhará consciência como um conflito entre uma parte do *eu* e o que Freud (1917 [1915]b), até aqui, chamou de instância crítica. Em outros termos, o acesso à consciência das representações de coisa pelo seu sobreinvestimento por representações de palavra encontrar-se-á bloqueado, tanto pela identificação com o objeto de que se renunciou, quanto pelo trabalho realizado pela melancolia por meio do qual se estabelecerá o conflito que alcançará a consciência.

3.2.5. O humor e o mal-estar

Em seu texto intitulado *El humor*, Freud (1927) concebe a tirada humorística enquanto uma defesa diante do vislumbre de um sofrimento interposto na realidade. Diferentemente do chiste que serve, essencialmente, à ganância de prazer, o humor compreende uma forma a partir da qual se permite, sob a ameaça de uma situação potencialmente desprazerosa, extrair prazer.

A atitude humorística, segundo Freud (1927), consiste em uma operação que permite recusar um sofrimento esperado desde a realidade ao *eu*. Para o autor, na tirada humorística vivencia-se uma espécie de triunfo do *eu* por meio da recusa dos agravos que se entrevê desde o mundo exterior, além do triunfo, propriamente, do princípio do prazer.

Como uma medida defensiva diante do sofrimento, Freud (1927) coloca o humor dentro do que chamou de métodos que a vida psíquica dos seres humanos lança mão a fim de evitar o padecimento. Métodos entre os quais, segundo o autor, encontra-se o recurso tóxico.

No humor, de acordo com Freud (1927), sucede um deslocamento de investimentos psíquicos do *eu* para o supra-*eu* equivalente ao testemunhado na alternância melancolia-mania. Enquanto que na melancolia ocorre uma sufocação cruel do *eu* pelo supra-*eu*, por conta do primeiro manter fixado seus investimentos a objetos por meio da identificação, no humor e nos estados de mania, há um deslocamento para o supra-*eu* de investimentos advindos do *eu* e, por consequência, o relaxamento dos investimentos em objetos.

Pela adesão subserviente ao supra-*eu*, o *eu* ver-se-á livrado dos constrangimentos impostos pela realidade, ignorando qualquer agravo que possa vir a sofrer. Reduzido a uma entidade insignificante e tendo os seus interesses banalizados, ao *eu* restará, apenas, à moda de uma criança em relação a um adulto, a obediência cega aos desígnios e sanções do supra-*eu*.

O *eu* mostrar-se-á, então, como quem houvera superado os objetos aos quais destinou investimentos libidinais, índices da sua falta de completude, marcos, depositados sobre seu próprio *eu*, como visto na melancolia, da sua própria lacunosidade. No humor e na mania se verá o abandono dessas marcas em troca da

infantilização de seu próprio *eu*, esse último que, livrado dos desígnios e percalços da vida comum, apresentar-se-á, então, “forte e burro”¹⁵.

Em oposição a qualquer espécie de apreciação crítica da realidade, o humor, de acordo com Freud (1927), rechaçará qualquer exame acerca da realidade como infligidora de agravos ao *eu*, pois sua superioridade estará salvaguardada imaginariamente pelo *supra-eu*. Entretanto, Freud (1927) se pergunta, apesar de parecer não responder, acerca da razão pela qual a atitude humorística – ao recusar o sofrimento, ao dar ênfase à invencibilidade do *eu* pela realidade e ao sustentar triunfantemente o princípio do prazer – não compromete parcela da saúde mental do humorista; ao contrário, por exemplo, de outros procedimentos como no do emprego do recurso tóxico.

Mais tarde, Freud (1930 [1929]) voltará a se deter, em seu trabalho intitulado *El malestar en la cultura*, acerca dos recursos através dos quais os seres humanos furtam-se dos percalços e vicissitudes impostos pela realidade. Isto é, os recursos que os seres humanos usam para se tornarem incólumes ao sofrimento inerente à vida civilizada, ou melhor, à vida comum, ou, então, à vida compartilhada.

Freud (1930 [1929], p. 75), ao inferir que a felicidade não houvera entrado nos desígnios da Criação, entende que não se pode abrir mão, no decorrer da vida, do que chamou de “construções auxiliares” [*Hilfskonstruktionen*]. Isto é, os seres humanos não estariam programados para a felicidade. À moda dos chistes, do cômico e do humor, podem apenas desfrutar da fruição dos contrastes. A felicidade, a partir do entendimento freudiano, portanto, estará condicionada ao cumprimento de uma dupla função, não, necessariamente, alcançadas conjuntamente, como já se viu neste trabalho, quais sejam: a evitação do desprazer e a extração de prazer.

As construções auxiliares, de acordo com o autor, constituiriam lenitivos para as tarefas insolúveis que a vida impõe, ou seja, como explica Freud (1930 [1929]), métodos através dos quais se permita desdenhar da miséria comum. Em outros termos, métodos que possibilitam ao ser humano gozar de um estado de espírito aos moldes de um bebê que, imaginariamente, encontra-se alheio a todos e a tudo e, principalmente, alheio àquilo que, comum a todos, com ele mesmo é compartilhado. Essas técnicas, portanto, consistem naquelas por meio das quais se

¹⁵ Referência ao modo como se concebem, usualmente, os representantes de Batalhão de Infantaria nas Forças Armadas, os infantés. Referência pejorativa na qual se designa não apenas a força física dos infantés, mas a “força” dos seus caracteres, assim como, sua inatacabilidade moral e a consequente ignorância a que esta “força moral” está associada.

obtem ou se sustenta um alheamento ou, então, um alienamento¹⁶. Ou seja, alieno-me do que, apesar de comum a todos, não posso senti-lo implicado em mim.

Entre esses recursos de alheamento, por meio dos quais se aspira restabelecer um “narcisismo irrestrito”, Freud (1930 [1929], p. 73) cita a religião. Essa última que, ao fomentar uma espécie de “infantilismo psíquico”, como destaca Freud (1930 [1929], p. 84), permite que se desfrute do que o autor chamou de um “sentimento oceânico” (FREUD, 1930 [1929], p. 65), algo próximo à impressão de se fazer Um com o grande todo. Com a finalidade de alcançar a felicidade, obter prazer e proteger-se do sofrimento, a religião permitiria livrar os seres humanos de uma neurose individual.

A respeito do caminho com propósitos de obtenção de felicidade através da neurose, que segundo Freud (1930 [1929], p. 84) “promete ao menos satisfações substitutivas”, o autor relata a possibilidade de ele vir a fracassar. Não obstante, restará, ainda, o consolo do gozo proporcionado pela intoxicação crônica [*Lustgewinn der chronischen Intoxikation*], ou, então, a sublevação desesperada da realidade assim empreendida na psicose (FREUD, 1930 [1929], p. 84).

Dessa passagem, na qual Freud (1930 [1929]) pontua, como que cronologicamente, o fracasso das satisfações substitutivas próprias da neurose, no que diz respeito ao combate do sofrimento e à obtenção de prazer, e o refúgio na intoxicação crônica, Santiago (2001, p. 154) formula a seguinte hipótese: “a toxicomania se fabrica como um substituto artificial às formas usuais do sintoma neurótico, como um substituto de sua incapacidade em responder [a]o sofrimento”. Para Santiago (2001), a partir do que até aqui foi exposto e de sua experiência clínica, a toxicomania, monta-se, majoritariamente, como uma saída possível ao impasse do sintoma neurótico. Dessa forma, de acordo com Santiago (2001), o recurso à droga instala-se como uma construção substitutiva e, por vezes, auxiliar do sintoma, esse último considerado pelo autor na sua acepção mais clássica de retorno simbólico do recaiado. Assim sendo, pode-se dizer que a utilização do recurso tóxico como uma alternativa ao sintoma, como uma forma de opção ao regime substitutivo do sintoma neurótico, por esse último mostrar-se insuficiente

¹⁶ “Alienamento” faz deslizamento à “alienação” com a acepção do conceito hegeliano a que Lacan confere a ambivalência na relação com o outro, o semelhante, em sua teorização acerca do estádio do espelho.

diante do “impossível de suportar”, possa servir de divisor de águas entre um uso recreativo das drogas e o seu emprego na toxicomania.

Além disso, Freud (1930 [1929]) assevera ser o recurso tóxico o mais grosseiro, o mais tosco, mas, também, o mais eficiente dos artifícios utilizados com a finalidade de alcançar a felicidade. A respeito desse método, Freud (1930 [1929], p. 78) destaca seu poder apaziguador de “amortecedor de preocupações” [*Sorgenbrecher*], de poção mágica que suprime a dor, aos moldes da passagem de *The Odyssey* que veremos no capítulo V.

O artifício tóxico, segundo Freud (1930 [1929]), do qual alguns não conseguem abrir mão, ao incidir sobre as condições de sensibilidade, torna os seres humanos insensíveis, medicados ao que de irremediável está nas bases do laço do homem com a cultura, a saber, a morte. Dessa forma, para o autor, essas técnicas ganham certo valor vital [*Lebenstechnik*], ou seja, possuem um poder de manutenção da vida em contraponto ao seu desígnio de base, mas que, invariavelmente, cobrará seu destino (FREUD, 1920).

O recurso tóxico, por sua eficácia sedativa, permitiria, então, a neutralização do(s) sentido(s) e a consequente reclusão, como refere Freud (1930 [1929]), em um mundo próprio. A propósito disso, Le Poulichet (1990, p. 57) centrará suas discussões a respeito do uso toxicomaniaco da droga a partir do que chamou de um “recolhimento narcísico”¹⁷.

Ademais, Freud (1930 [1929]) volta a atribuir ao efeito das substâncias tóxicas um resultado equivalente aos estados de mania, assim como o status de mecanismo através do qual se obtém prazer e evita-se o desprazer. Além disso, ao discorrer a respeito do mal-estar relativo ao sentimento de culpa, Freud (1930 [1929]) assevera que, além desse último, os sintomas neuróticos repousam sobre um fundo de angústia, cujas determinações de sua irrupção escapam à consciência.

3.3. Escritos de revisão acerca de elaborações lacanianas a respeito da angústia e da atribuição psíquica do recurso tóxico

3.3.1. A das Ding, o desejo, a falta e o objeto a

¹⁷ A respeito de algumas elaborações da autora acerca da toxicomania, conferir o capítulo III, seção 4.3.

Para Freud, como foi visto, a noção de objeto concernente ao desejo vincula-se a uma experiência de satisfação primordial relativa a um objeto, a *das Ding*, o qual, desde então, encontrar-se-á para sempre perdido. Desse encontro restarão apenas traços de percepção de lembrança investidos desse objeto, que guiarão uma empreitada chamada desejo na busca pela reedição dessa experiência por intermédio de um objeto simbólico, isto é, de um objeto que faça as vezes de *das Ding*. Esse processo ocorre a partir da associação desses traços de percepção, as representações de coisa, aos elementos da língua, as representações de palavra, e da subsequente sistematização desses elementos operada pela habitação do sujeito no universo de linguagem.

Logo, esse reencontro com o objeto na sua dimensão simbólica exige a cessão de sua dimensão real, isto é, precisa-se ceder quanto à existência real desse objeto primordial para obtê-lo simbolicamente. Essa operação, entretanto, não ocorre senão deixando um resto, como uma falta de satisfação por conta de que o objeto simbólico, como o mesmo nome sugere, é um objeto que substitui um outro.

A perspectiva freudiana, portanto, aponta que a incursão do ser humano na ordem simbólica estaria condicionada a uma tentativa, fracassada de antemão, de reedição de uma experiência com um objeto que teria sido pleno de satisfação. Nessa óptica, esse reencontro pleiteado pelo desejo sucederia a um encontro. Isto é, para Freud o reencontro parte da ideia de que houvera um encontro anteriormente, tendo ele acontecido de fato ou meramente fruto de uma alucinação, impossível de reaver apesar dos esforços que possam ser empregados.

Em outros termos, a Freud o desejo compreende uma tentativa de reedição de uma experiência primordial de satisfação por intermédio de um objeto simbólico daquele que houvera desfrutado na ocasião da experiência primordial. Por consequência, a satisfação alcançada pelo desejo freudiano, por meio de objetos simbólicos, mostrar-se-á insatisfatória. A Lacan, todavia, o que se trata de reeditar atinente ao desejo e a incursão no simbólico é a ausência mesma de um objeto que concirna ao desejo, isso por intermédio de uma falta.

Ao criticar energicamente, em um dos seus seminários, o ponto de vista que assevera a existência de um objeto plenamente satisfatório – concepção pautada sobre a égide do objeto genital e bastante difundida entre os psicanalistas da época – Lacan (1956-57) afirma que o objeto a que Freud se refere é, antes, um objeto

redescoberto e que, por essa razão, tratar-se-ia não de encontrar, mas de reencontrá-lo, ele próprio tomado num movimento de busca do objeto perdido.

Mais tarde, sobre o assunto, Lacan (1959-60) dirá que é na correlação entre princípio do prazer e princípio de realidade que se plantará a perspectiva de atualização de uma experiência fundamental de realização de desejo, de reencontro com o objeto enquanto *das Ding*. Destaca-se a expressão “perspectiva de atualização”, pois isso tanto conota um reencontro posto sobre um porvir quanto um caráter de ausência no agora inerente a algo que se entrevê.

Para Lacan (1956-57), é a autonomia da articulação significativa que garante a discordância entre o que é reencontrado em relação ao que é procurado, rompendo a relação dual na qual sujeito e objeto são postos como equivalentes, direito e avesso de uma mesma superfície, aos moldes da relação especular introduzida pelo próprio Lacan (1947) na teoria analítica a partir do seu estádio do espelho. Estádio esse que Lacan (1962-63) reivindica para si como esboço de solução a respeito da origem do que Freud deixou em aberto, a saber, o que esse último chamou de campo da consciência. Abertura essa que não faz alusão apenas à ausência de um estudo freudiano, especificamente, acerca do sistema consciente, mas ao que na consciência faz furo, ao que não lhe é apreensível em seu campo, a saber, o *objeto a*; ou seja, ao que não é da ordem do(s) sentido(s), isso porque, de acordo com Lacan (1974-75), o *objeto a* possui um estatuto lógico. Logo, faz-se notar que o conceito lacaniano de real não se oferece à experiência sob a figura do inefável, do que se sente, mas que não se pode descrever, mas sob a forma de um impossível lógico.

Para o autor, o objeto concernente ao desejo não compreende, propriamente, um reencontro relegado ao fracasso na busca por um objeto que se perdeu depois de uma vivência primordial. A definição de Lacan a respeito do objeto atinente ao desejo prescinde de uma linearidade temporal ou da localização no tempo de uma experiência primordial; dir-se-ia mais, precisa se desvencilhar da ideia de uma anterioridade dessa natureza.

Com isso, Lacan produz uma torção na linearidade por vezes vista em Freud. Isso porque, em Freud, o que se trata de buscar concernente ao desejo e ao engendramento produzido pela fantasia consiste em um objeto de que se desfrutou em algum momento, apesar de para sempre perdido. Enquanto que, para Lacan (1968-69), o que se trata de reencontrar concernente ao desejo e à montagem do

fantasma corresponde a uma exterioridade que precede uma interiorização e sustenta o desejo como que causado por algo que se encontra noutra lugar que não onde o próprio sujeito está.

Dessa forma, sujeito e objeto do desejo em Lacan não se equivalem de maneira alguma, isto é, não há correspondência ou reciprocidade entre eles que exija uma retificação, como pensavam os pós-freudianos. Por isso a expressão “objeto do desejo” mostra-se imprecisa e, até mesmo, fonte de equívocos. Para Lacan (1966-67), a partir da fórmula lógica do fantasma ($\$ \langle \rangle a$), o sujeito atinente ao desejo corresponde, antes, às vias pelas quais se estabelecerá uma conexão com esse objeto enquanto causa, no interior da modelagem significante.

Para Lacan (1962-63), a propósito da angústia, ela irrompe, precisamente, quando a falta vem a faltar e, por consequência, sujeito e objeto terminam por se encontrarem num mesmo plano. Assim sendo, a angústia não corresponde à falta de amparo, mas, na verdade, à falta de amparo da falta. Se a falta ampara, quando a *falta* falta o sujeito encontra-se sem o amparo da falta e, portanto, desamparado. Nesse momento, de acordo com o autor, irromperá a angústia.

À vista disso, a “angústia não é sinal de uma falta, mas de algo que devemos conceber num nível duplicado, por ser a falta de apoio dado pela falta” (LACAN, 1962-63, p. 64). Sendo a falta somente, segundo Lacan (1962-63, p. 147), “apreensível por intermédio do simbólico”, pois “não existe falta no real”, consiste unicamente pela via da falta o que permite a introdução do simbólico no real. De tal modo que, em detrimento da centralização da psicanálise na reciprocidade sujeito-objeto, Lacan (1956-57) propõe que se privilegie na experiência analítica a noção de falta de objeto como central.

Pode-se dizer, ainda, que a noção de reencontro empregada por Lacan introduz uma ideia de antecedência não contemplada diretamente por Freud, como uma exterioridade íntima, e que Lacan (1968-69, p. 241) chamou de “*êxtimo*”. Por isso que, para Lacan (1956-57), esse reencontro de que trata Freud no *Proyecto...* é sempre um reencontro com o real, com algo que põe o desejo em movimento, causando-o, contudo, nas bordas do dizível.

Para Lacan (1974-75), o objeto concernente ao desejo, portanto, não é redutível ao significante, senão por aquele que, efeito da própria modelagem significante, forçosamente falta, a saber, o significante fálico. Segundo Lacan (1956-57), é no interior da articulação significante, portanto, que se tangencia esse pedaço

de real, no entanto, sobre um fundo de realidade comum. Opostamente, por exemplo, como destaca o autor, ao fundo de realidade angustiante sobre o qual repousa o objeto alucinado e o objeto fóbico.

Com o que até aqui foi exposto, pode-se dizer que a própria experiência do inconsciente, assim concebida por Lacan, vê-se reinventada sobre um elemento não tratado diretamente por Freud, apesar de parecer operar a todo o momento no discurso freudiano. Para Lacan (1968-69), o que se atualiza na experiência do inconsciente, seja através das formações inconscientes ou do automatismo de repetição, pela remissão a uma cadeia significativa que insiste em se tornar consciente, é, antes, a iteração de um signo impossível, de um resto que é efeito da própria depuração colocada em marcha pela lógica da articulação significativa, e que o autor chamou de *objeto a*.

3.3.2. O pequeno Hans, o falo e o modelo de contracasamento

Em seu *Discours de clôture des journées des cartels de l'École freudienne de Paris*, Lacan (1975) assevera que, diversamente ao que, por vezes, vê-se aventar no discurso freudiano, a castração é, antes, o que liberta o sujeito da angústia. Isto é, a angústia de castração não corresponde, exatamente, à angústia diante de uma perda que se coloca como iminente, como se constata claramente nos enunciados de Freud acerca da angústia e do caso do pequeno Hans. Ao contrário de Freud, para quem a angústia associa-se, como se vê no caso do pequeno Hans, à ausência do pênis sobre o qual recai a ameaça de castração, para Lacan a angústia implicada no complexo de castração diz respeito a uma presença que é fonte de um certo embaraço.

Por isso que, para Lacan, a angústia suposta à iminência da castração não constitui, de forma alguma, o impasse último relativo à neurose. Pode-se dizer, inclusive, que o neurótico a reconhece até muito bem. A propósito disso, Lacan diz o seguinte:

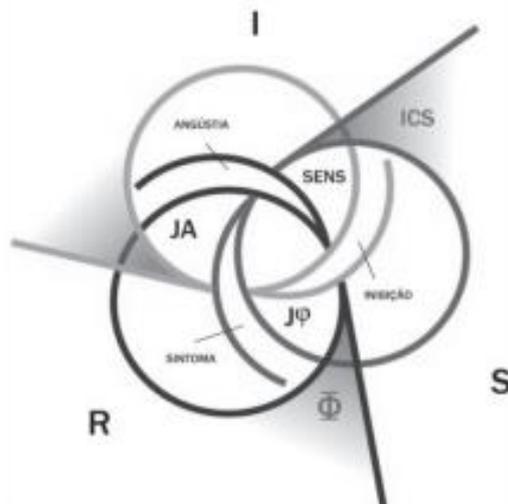
Aquilo diante de que o neurótico recua não é a castração, é fazer de sua castração o que falta ao Outro. É fazer de sua castração algo positivo, ou seja, a garantia da função do Outro, desse Outro que se furta na remissão infinita das significações, desse Outro em que o sujeito não se vê mais do que como um destino, porém um destino que não tem fim, um destino que se perde no oceano das histórias (LACAN, 1962-63, p. 56).

O que assegura, à vista disso, o vínculo do ser humano com o universo de significações, de acordo com Lacan (1962-63), é a garantia da existência de gozo por meio de um significante que, inevitável e forçosamente, falta, qual seja, o significante fálico. Por isso que, a Lacan, a consecução da castração coincide com o meio através do qual se permite a subtração de um irromper de angústia. Assim como, a angústia, portanto, está ligada a tudo que possa aparecer no lugar em que o autor destinou a esse significante faltoso em seu estágio do espelho, o (-Φ). Lugar esse a que Lacan associou, em seu seminário dedicado à angústia, ao fenômeno do estranho [*Unheimlich*] de Freud.

É nesse lugar apontado pelo (-Φ), onde algo pode aparecer determinando a irrupção de angústia, que Lacan (1962-63, p. 55) indica perfilar-se uma relação com uma reserva libidinal que permanece profundamente investida “no nível do próprio corpo, do narcisismo primário, daquilo a que chamamos auto-erotismo, de um gozo autista.” Essa reserva derradeira e irredutível da libido, que segundo Lacan (1962-63) é o rochedo de que Freud tanto fala a respeito da castração, não se investe no nível da imagem especular, além de compor aquilo que anima, eventualmente, a relação com o outro constituído a partir da imagem do semelhante. Mais tarde, Lacan (1974-75, p. 12) diz que a angústia “é o que, do interior do corpo, ex-siste quando há algo que o desperta, que o atormenta”.

A referência citada anteriormente, atribuída ao seminário 22 R.S.I, coincide temporalmente com o período em que Lacan tece seus comentários a respeito da função a que está a serviço o elemento de toxidade inerente à prática da droga em seu *Discours...*. Ao que nos concerne neste momento, em relação ao seminário 22, é a referência de Lacan a respeito da relação angústia e corpo, cuja primeira está associada, em sua origem, ao registro do Real e o segundo ao do Imaginário.

Nesse seminário, entre outras coisas, Lacan (1975) se ocupa em localizar a tríade freudiana (Inibição, Sintoma e Angústia) em seus três registros (Real, Simbólico e Imaginário) os quais estão dispostos, cada um, em um dos círculos que compõem o nó borromeano. Enquanto o sintoma coloca-se em seu esquema como efeito da invasão do Simbólico sobre o Real, a angústia corresponde à invasão do Real sobre o Imaginário. Assim como o gozo fálico, que em seguida falaremos, está localizado entre os registros do Real e do Simbólico.



Esquema V (LACAN, J., 1974-75, p. 23).¹⁸

Após essa breve digressão, retomemos o *Discours de clôture des journées des cartels de l'École freudienne de Paris* de Lacan. Nele Lacan (1975, p. 268) localiza a angústia em um ponto da evolução do “parasita humano”¹⁹, a saber, no momento exato em que ele se percebe “casado com sua cauda [queue]”.

Nesse trecho, Lacan parece fazer alusão à passagem descrita num escrito anterior, à qual o pequeno Hans não se mostra aflito com a ameaça de que lhe iriam cortar o seu faz-pipi caso continuasse a se masturbar. Perguntado a respeito de como faria pipi, caso cortassem seu faz-pipi, Hans replica: “com o traseiro” [*Mit dem Popo*] (FREUD, 1909, p. 9). Vê-se, na passagem supracitada do *Discours...* de Lacan, o autor lançar mão de deslizamentos significantes que o termo *queue* possibilita na língua francesa. Em francês, esse significante refere-se tanto à “cauda” ou “rabo”, apêndice relativo à extensão posterior da coluna vertebral observado em certos animais, quanto a “traseiro” ou às “nádegas”, assim como, pode remeter a “pênis”.

Assim sendo, o que se pode inferir a respeito da angústia de Hans, desde as contribuições lacanianas a respeito da fobia e do trecho supracitado, é ela não decorrer, propriamente, da ameaça relativa à perda do faz-pipi. Mas, antes de tudo,

¹⁸ Essa versão do Esquema V foi extraída do trabalho de Andréa Máris Campos Guerra (2013, p. 47), “O gozo na topologia borromeana: um novo paradigma”. GUERRA, Andréa Máris Campos. O gozo na topologia borromeana: um novo paradigma?. *Tempo psicanal.* [online]. 2013, vol.45, n.1 [citado 2014-06-04], pp. 39-59 Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-48382013000100004&lng=pt&nrm=iso>. ISSN 0101-4838.

¹⁹ Essa expressão é utilizada pelo autor, aparentemente, como se pode inferir pelo contexto, numa alusão ao trabalho freudiano *Más allá del principio de placer* de 1920.

a angústia de Hans mostra-se efeito da coincidência entre o momento em que seu pequeno faz-pipi tanto se agita e se mostra fonte de excitação e prazer, quanto se torna índice daquilo que falta à mãe. Isto é, a angústia irrompe com a entrada de Hans no jogo interpelador acerca do lugar que Hans ocupa diante do desejo materno. Esse último marcado fortemente pela sua inconformidade com relação à falta do falo imaginário.

De acordo com Santiago (2001), o caso do pequeno Hans ilustra perfeitamente a forma como que o sujeito é levado a responder ao enigma do desejo do Outro pela fobia, numa tentativa de barrar a presença massiva da mãe. A fobia de Hans provê um significante pelo qual procurará anular a relação metonímica que a mãe de Hans estabelece com esse último. Isso, entretanto, em decorrência de o Nome-do-Pai não ocupar seu lugar de metáfora ante o desejo materno.

No caso de Hans, como Lacan (1975) faz notar, o pênis ocupa o lugar destinado ao que deveria faltar no plano especular, ou seja, o falo; esse último, encontrando-se investido no próprio corpo, é determinante para o aparecimento da angústia. Deste modo, ao mesmo tempo em que Hans vê-se convocado pela mãe a saciá-la em seu desejo marcadamente insatisfeito, descobre-se confrontado com o desejo materno na sua face devoradora.

A fobia persistirá a não ser que, como o visto no caso da resolução da fobia de Hans, o falo ganhe uma dimensão simbólica. Isso se constata quando o bombeiro, no devaneio de Hans, desparafusa o seu faz-pipi para lhe dar um maior, colocando-o, assim, como algo removível e, sobretudo, como algo fora do corpo. Dessa maneira, concede-se ao falo uma existência simbólica, como um objeto de troca, situado, ainda por cima, fora do corpo. A irrupção de angústia em Hans, portanto, ocorre quando, ao se perceber casado com o falo, com aquilo que falta à mãe, esse último vem se associar ao seu corpo sob a presença de seu faz-pipi.

A partir disso que, como assinala Lacan (1975), a angústia localiza-se precisamente quando o ser humano se dá conta do seu casamento com o falo. O que faz com que, por consequência, veja-se impelido a fazer algo com isso sem que se possa desfazer o casamento ao qual se está impreterivelmente submetido. Um matrimônio que repousa, portanto, sobre a necessidade constante de se assegurar alhures um gozo, não redutível ao significante ou especularizável, de que se precisa abrir mão no próprio corpo. Isto é, precisa-se deslocar para Outro lugar esse gozo que seria insuportável no nível do próprio corpo.

A operação de castração, ao se efetuar, portanto, como sugere Lacan (1975), livra o sujeito da angústia. Por isso que o impasse de toda neurose, para Lacan, não corresponde à castração em si mesma, mas, sim, à necessidade de sustentá-la em Outro lugar. Dessa forma, a angústia de castração, como indica Lacan (1962-63), corresponde, acima de tudo, à angústia em sua relação com o Outro, mais especificamente, com o não saber que *objeto a* sou eu para o desejo do Outro.

Após asseverar que a angústia decorre, portanto, da constatação de que se está casado com o falo, Lacan (1975, p. 268) diz o seguinte: “tudo o que permite escapar a esse casamento é evidentemente bem-vindo, daí o sucesso da droga, por exemplo; não há outra definição da droga senão essa: é o que permite romper o casamento com o pequeno pipi”. Na medida em que a angústia irrompe quando da constatação desse matrimônio indissolúvel com o falo, o qual se encontra investido no próprio corpo, aquilo que permite ao indivíduo furtar-se do afeto de angústia coincide com aquilo que, necessariamente, incide sobre esse casamento rompendo-o. Rompimento esse que se faz oportuno quando, sob condições análogas as que se encontrava Hans, têm-se dificuldades na operação de metaforização do desejo materno.

Dessa forma, se a Freud o laço entre o beerrão e a sua bebida constituía um modelo de casamento feliz/bem sucedido, por conta desse laço não sofrer com a insatisfação envolta nas flutuações de objetos impostas à pulsão para que ela possa se satisfazer, em Lacan, a adesão à droga figura como um modelo, como bem nomeou Santiago (2001, p. 170), de “contracasamento com o falo”. À vista disso, Lacan (1975) parece corroborar com o que, de alguma forma, observamos a frente da clínica psicanalítica ofertada àqueles para os quais o recurso tóxico tornou-se imprescindível, a saber, a capacidade lenitiva da droga no que diz respeito à angústia. Santiago (2001), também, parece concordar com essa afirmação; o autor, acerca da sua experiência clínica na toxicomania, diz o seguinte:

Tendo-se em vista a experiência analítica conduzida com pacientes toxicômanos, o uso das drogas é, usualmente, interpretado como uma saída para a angústia decorrente de todo encontro do sujeito com o desejo do Outro, a fim de se afastar dele (SANTIAGO, 2001, p.156).

4. Capítulo III

Algumas considerações atinentes à toxicomania na literatura psicanalítica

4.1. Introdução

Neste capítulo apresentarei algumas elaborações atinentes à toxicomania na literatura psicanalítica que considero de singular relevância para este trabalho. Todavia, não me deterei apenas na apresentação das ideias dos autores dessas elaborações; quando achar pertinente, autorizar-me-ei a tecer algumas críticas que considero pertinentes ao estudo proposto nesta dissertação.

Cabe destacar que não pretendo realizar uma análise exaustiva das construções teóricas desses autores, o que, deveras, parece impossível visto a riqueza de seus trabalhos. Extrairei apenas alguns pontos que se tornaram objetos de estranhamento durante a realização desta pesquisa e que, por conta disso, colocaram-na em marcha.

4.2. O autismo como paradigma psicopatológico da toxicomania

Para Fédida (1991), o nível de pertinência que a semiologia do autismo adquiriu, com base em sua descrição fenomenologicamente apurada na atualidade, transformou-o em uma verdadeira fonte de modelização. Traços do autismo infantil precoce, como, por exemplo, o extremo recuo, o isolamento sensorial, a recusa de contato e o aparente retraimento da comunicação, são considerados pelo autor como patognomônicos de um estado que não se deve confundir com o da psicose esquizofrênica.

Apesar disso, o autor faz notar a existência de estranhas semelhanças entre esses traços característicos do autismo infantil precoce e a semiologia de fenômenos observados, principalmente, na clínica psicanalítica de adultos considerados neuróticos. Tal similaridade, sugere ele, permite que a esses fenômenos se possa conferir o adjetivo de “autísticos”, sem que, necessariamente, correspondam a manifestações de um autismo tardio. Entre esses fenômenos ditos autísticos, de acordo com o autor, encontram-se anorexias e bulimias e a toxicomania (FÉDIDA, 1991).

Ao justapor, por exemplo, autismo e toxicomania, Fédida (1991) não pretende atribuir uma etiologia idêntica ao autismo e à toxicomania. Em vez disso, o autor procura com essa aproximação conferir o status de paradigma psicopatológico (modelização) ao autismo. Isto é, ele propõe que entendamos a toxicomania e algumas anorexias e bulimias sob o prisma dos processos encontrados em manifestações observadas nos casos de autismo infantil precoce.

Para o autor, não se trata, apenas, de uma comparação entre nosografias; a simples analogia entre sintomas não é suficiente para compor os parâmetros de um paradigma psicopatológico. Para Fédida (1991), é necessário ultrapassar a nosografia comparativa e estabelecer o ponto de encontro entre esses fenômenos ou, ainda, a conjuntura sobre a qual se poderia cogitar uma aproximação entre autismo e toxicomania, como que compartilhando, conseqüentemente, determinadas especificidades.

Se essa aproximação não se deve ao fator etiológico, ou seja, toxicomania e autismo não compartilham o mesmo processo que os desencadeia, o ponto de encontro elencado por Fédida (1991) fica a cargo dos mecanismos subjacentes tanto aos fenômenos toxicomaniacos quanto àqueles observados no autismo infantil precoce. Mecanismos esses que, por princípio, permitiriam uma espécie de isolamento e de retração autogeridos.

Em outros termos, patologias como o autismo e a toxicomania se assentariam, segundo as ideias do autor em questão, sobre mecanismos de retração, de isolamento e de conservação autoalimentar, que excluiria qualquer troca com o exterior. Isso ocorreria através da produção de uma autossensorialidade que eliminaria qualquer superfície de contato; produção essa, portanto, de capacidade autárquica. De acordo com Fédida (1991), não é raro encontrar narrativas que evocam imagens sensoriais para descrever esses estados, como, por exemplo, a de um “buraco” ou a de uma queda vertiginosa no interior do corpo, que em nada lembra o que se poderia chamar de metáfora.

Para desenvolver o seu ponto de vista, Fédida (1991, p. 158) traz à baila o conceito de autoerotismo a partir da seguinte fórmula extraída de parte dos trabalhos de Bleuler: “o autismo é o autoerotismo sem o eros”. Isto é, Bleuler, como nos esclarece Fédida (1991, p. 158), “sugeriu o termo ‘autismo’ por subtração de *eros* da expressão *aut(erot)ismo*”, como se *eros* tivesse caído do meio.

Antes de se debruçar sobre as implicações da fórmula bleuleriana, Fédida (1991) refaz aspectos históricos do termo “autoerotismo”, apontando que essa palavra foi usada por Freud, não sem ressalva, antes de 1900, emprestada do sexólogo Havelock Ellis. Diga-se de passagem, o mesmo de quem, anos mais tarde, Freud tomará emprestado, também, o termo “narcisismo”.

O problema de pesquisa de Havelock Ellis, sempre de acordo com Fédida (1991), era compreender como poderia existir atividade sexual sem um correspondente externo. Isto é, como pode haver manifestações de ordem sexual sem um objeto externo fonte de excitação e incitação. Ou então, “como as manifestações sexuais podem se produzir no interior de um sonho e como, no prolongamento de sua hipótese, é necessário supor a existência de uma sexualidade sem nenhuma fonte, nem mesmo a do sonho” (FÉDIDA, 1991, p. 97).

Para Havelock Ellis a sexualidade humana estaria capitaneada, em suas origens, por uma estimulação endógena não condicionada a qualquer espécie de representação ou objeto exterior. O orgasmo feminino durante o sono sem sonho constituiria o modelo mais puro de autoerotismo segundo esse autor. Isto é, a sexologia de Havelock Ellis repousa sobre uma concepção maquinal da sexualidade, a qual estaria desprovida de qualquer potencial criativo ou propósito que não recaísse sobre si mesma (FÉDIDA, 1991).

Havelock Ellis empregará esse modelo de sexualidade maquinal na sua explicação a respeito da crise histórica argumentando que essa não passaria de uma manifestação exagerada de um processo normal, qual seja, do autoerotismo. Ponto de vista que Freud irá rechaçar alegando que, de forma alguma, a sexualidade histórica é autoerótica, mas, sim, aloerótica, dirigida, portanto, para um objeto diferente de si mesmo. As razões pelas quais Freud divergirá de Havelock Ellis a respeito da sexualidade histórica constam, segundo Fédida (1991), em uma carta remetida a Fliess. Nessa carta Freud justifica que a busca do objeto de amor e a identificação com esse implicam a necessidade de se pensar a sexualidade histórica como aloerótica e não autoerótica como entendia Havelock Ellis (FÉDIDA, 1991).

Fédida (1991) faz notar que o uso da expressão “autoerotismo” por Freud cede espaço ao do conceito de narcisismo, sendo, a partir daí, a utilização da palavra autoerotismo, mais ou menos, abandonada. Entretanto, em um dado momento da obra freudiana, o autoerotismo virá vinculado à compreensão do sonho,

principalmente na relação do sonho com o sono, na qual a noção de regressão narcísica relativa ao estado primeiro do sono constitui o modo pelo qual Freud apresenta algumas de suas ideias sobre o autoerotismo.

O conceito de autoerotismo, como aventa Fédida (1991), também é trabalhado por Freud a partir do “chupetear” derivado da relação com o seio materno, no entanto, na falta desse último. Na forma gestual do “chupetear” conservar-se-ia não a presença do objeto perdido, ou sua busca, mas a presença de uma ausência interna autogeradora e geradora; ou seja, produtora de formas de si e do outro. Processo tornado possível a partir da projeção de uma superfície de contato por meio da qual se estabelecerão as trocas com o mundo exterior. Para Fédida (1991), no autoerotismo, *eros* corresponde, precisamente, ao movimento tornado circunscritível por essas zonas de contato, constituinte de uma circularidade autopoiética. É exatamente essa potência criadora de si e do outro de que o autista estaria privado, justamente pela subtração de *eros* e, correlativamente, por um excesso de autos.

Ainda sobre o modelo criança/seio materno, o qual Freud considerará como o momento em que se produz o primeiro luto da criança, ou seja, a perda do objeto de conservação, Fédida (1991) frisarà que o gestual do “chupetear” não consiste em uma busca pelo objeto perdido da conservação. Para o autor, na forma gestual do “chupetear”, está implicada a inscrição de uma ausência no interior do corpo, o que aconteceria a partir de uma zona de contato, requisito para que sobrevenha o desenvolvimento da sexualidade. Ausência essa que em nada se equivale à falta do objeto perdido, a não ser na condição, continua e trabalhosamente renovada, de objeto faltoso.

O estabelecimento dessa zona de contato tornaria circunscritível o que para Fédida (1991) está no cerne da sexualidade humana: o excesso. Dessa forma, diferentemente de Freud – ou pelo menos de parte da obra freudiana – para quem a sexualidade estaria sentenciada ao fracasso relativo à inadequação de todo e qualquer objeto que pretendesse vigorar como plenamente satisfatório (como vimos anteriormente), Fédida (1991) entende a sexualidade humana como condenada a outra espécie de fracasso, qual seja: à iminência de um excesso, ameaça sobre a qual recairá todo o processo civilizatório. Há de se convir que, pelo nesse aspecto, Fédida mostra-se mais lacaniano que freudiano.

Segundo Fédida (1991), a constituição do autoerotismo, isto é, de zonas ou superfícies de contato e de troca que contornarão esse excesso oferecendo uma espécie de borda, possui como consequência a criação de um lugar do qual advirá o outro e, por consequência, um *si-mesmo*. Com base nisso, o autoerotismo ajustar-se-ia a um estado pré-imaginário e, por essa razão, pré-especular, tornando-se, até mesmo, requisito para a assunção jubilatória da imagem de si referente ao estádio espelho. Isso porque, no momento em que a criança encontra-se em um estado de contemplação de si frente ao espelho, pressupõem-se já a existência de um outro (FÉDIDA, 1991).

Diferentemente da psicose, a qual seria impossível de conceber sem um *eu* constituído como unidade, o paradigma psicopatológica do autismo proposto por Fédida oferece-se como instrumento de esclarecimento de patologias onde justamente a constituição do *eu* encontra-se em questão. Patologias nas quais o impedimento da circulação de *eros*, através de uma autossensorialidade conservadora, ou então, da fabricação de um estado de “desaferentação”, funcionaria como um recurso contra o fracasso na produção de um lugar para que o outro e, conseqüentemente, um *si-mesmo* possam advir (FÉDIDA, 1991).

4.3. A operação de *phármakon* e as toxicomanias de suplência de suplemento

Le Poulichet (1990), em *Toxicomania y psicoanálisis: las narcosis del deseo*, serve-se das elaborações de Derrida²⁰ a respeito do conceito de *phármakon*, para em torno do qual tecer suas considerações acerca da toxicomania. Conceito esse que Derrida, por sua vez, extraíra do relato do mito de *Theuth* de Platão.

Sendo o *phármakon*, por definição, aquilo que encerra sobre si mesmo seu próprio contrário ou aquele que tanto pode operar como remédio quanto como veneno, a autora o emprega à propósito da utilização do recurso tóxico na toxicomania. Diferentemente do uso com propósitos recreativos, no consumo de drogas atinente à toxicomania ver-se-ia a alternância/reversibilidade entre veneno e remédio a que alude o conceito de *phármakon* assim entendido por Derrida.

O recurso à toxidade inerente à prática da droga na toxicomania, portanto, trataria de, ao mesmo tempo, funcionar tanto como veneno como quanto remédio.

²⁰ DERRIDA, J. La pharmacie de Platon, *Tel Quel*, n. 32, 1968.

Isto é, na toxicomania vigoraria um consumo pelo qual se daria uma operação de *phármakon*.

A operação de *phármakon*, segundo nos diz Le Poulichet (1990, p. 58), parece encontrar sua “justificativa mais importante”, continuamente evocada pelos pacientes, na sua capacidade de “borrar imagens, pensamentos, acontecimentos ou dizeres”. Depois disso, a autora associa as modificações das qualidades de percepção produzidas por meio do recurso tóxico, responsáveis por exercer esses efeitos de borradura, a uma espécie de restauração alucinatória do objeto que engendrará, por consequência, uma satisfação alucinatória. “Por que sem dúvida se trata aqui de conservar na vida desperta uma forma de percepção alucinatória como no sonho, sob a proteção de uma narcose” (LE POULICHET, 1990, p. 58).

Ora, o efeito de borradura produzido por meio do recurso tóxico, já mencionado em nossas considerações a respeito do chiste, pouco me parece aludir à deformação do *trabalho* do sonho. Esse último, o sonho, não está a serviço de uma satisfação alucinatória de desejo, mas, antes de qualquer coisa, como se pode constatar no capítulo VII de *La interpretación de los sueños* de Freud (1900), cumpre a função de manter aquele que dorme tal qual se encontra, qual seja: dormindo. Assim como não credito às modificações das qualidades de percepção produzidas pelo recurso tóxico à capacidade de engendrar uma satisfação alucinatória de desejo, como entende Le Poulichet.

A esse respeito, Lacan (1971-72, p. 209) nos diz o seguinte:

O que faz um sonho? Não satisfaz o desejo, por razões fundamentais que não vou tratar de desenvolver aqui hoje [...]. A razão é simplesmente esta, e é tangível: o que Freud diz é que o único desejo fundamental no sono é o desejo de dormir. [...] o que se trata de suspender [no sono] é a ambiguidade que há na relação do corpo com ele mesmo, é gozar. [...] Quando dormimos, a questão é justamente fazer com que esse corpo se enrole, forme uma bola. Dormir é não ser perturbado. O gozo, no entanto, é perturbador.

Diga-se de passagem, além das questões relacionadas ao sonho e ao sono, ao aludir uma suspensão da relação do corpo com algo relacionado ao que dele mesmo diz respeito a um gozo a fim de que o sono não seja perturbado, Lacan evoca a figura de uma “bola” para imajar esse estado de suspensão. Como vimos em vários momentos neste trabalho, ao falarmos sobre a toxicomania vimos

constantemente a referência a figuras similares, pelas quais se fazia alusão a um rompimento com algo que do corpo apresenta-se como perturbador, intolerável.

Após essa breve digressão, ao evocar a diferença entre dor [*Shmerz*] e desprazer [*Unlust*] presentes nos textos freudianos, Le Poulichet traz-nos um detalhe importante que poderá ser útil mais tarde. A autora nos lembra de que a dor não está incluída no marco da bipolaridade prazer-desprazer. Le Poulichet (1990, p. 62, *grifos meus*) prefere trabalhar com a noção de dor para teorizar a respeito da toxicomania enquanto satisfação alucinatória, pois para ela, enquanto a dor implica a ideia de uma ruptura abrupta, o desprazer é “um *simples* aumento de tensão relacionado ao investimento de um traço mnêmico *ou* de uma percepção”. No entanto, procedo uma correção: a ruptura abrupta a que se vincula a experiência de dor em Freud deixa marcas, traços de memória, que investidos/incitados *pelo* aparelho perceptivo resultam em desprazer e, conseqüentemente, num movimento de fuga antes que se dê novamente a experiência dolorosa.

Chego aqui a um ponto importante do que gostaria de trabalhar mais tarde, a saber: se é pelo aparelho perceptivo que se dará a ativação de uma experiência dolorosa, faz todo sentido delegarmos ao recurso tóxico a função daquele que, ao intervir sobre as condições de sensibilidade, tratará de borrar o que do aparelho perceptivo desperta esses traços de memória vinculados, digamos, a experiências dolorosas. Falta-nos, entretanto, discorrer a respeito da natureza desse laço entre percepção e traço mnêmico, por qual razão chamei de rasura a ação do recurso tóxico e não de borradura, entre outras questões. Deixarei para tratar desses questionamentos em outro momento, mais precisamente no capítulo 5.

Ainda a respeito das considerações da autora em questão acerca da aproximação entre a dor e o elemento de toxidade da droga, lá pelas tantas, Le Poulichet evoca uma passagem na qual Freud se refere às neuroses traumáticas. Nesse trecho, Freud (1920) nos diz que as possibilidades de contrair uma neurose se reduzem quando a experiência traumática é acompanhada de uma lesão física. De forma que as representações e afetos vinculados ao trauma resultam, de certo modo, neutralizados. Le Poulichet cita também uma passagem na qual Lacan (1977) afirma que existem lesões corporais que suspendem a memória ou que, ao menos, não permitem contar com os traços a ela atribuídos. A autora diz que essas lesões corporais funcionariam como uma espécie de borda que viria ligar a energia libidinal, “um recorte real” (LE POULICHET, 1990, p.113).

A meu ver, haveria uma tentativa de aproximação entre o conceito de “real” lacaniano com aquilo que se entende popularmente como o real do corpo ou o real dos órgãos. Por mais que possamos considerar essa aproximação válida, não sem ressalvas, não dá para esquecermos de que, quando se sente dor por ocasião de uma lesão física, fala-se em sensações penosas que, na ocasião de uma cena potencialmente traumática, torná-la-ia, até mesmo, imperceptível.

“Na estreita cavidade de seu molar se concentra toda sua alma”, disse-nos Freud (1914, p. 80), como anotamos há algumas páginas atrás. Disso podemos concluir que o que opera, majoritariamente, na lesão física a ponto de neutralizar uma cena potencialmente traumática é a sensação dolorosa, não a imagem do dente esburacado ou qualquer coisa parecida. Logo, o recolhimento dos investimentos libidinais de objeto sobre o *eu*, que Le Poulichet atribui à operação de *phármakon*, é, antes, efeito da repercussão da sensação dolorosa do que da imagem de um buraco que, a meu ver, parece servir de esteio (analógico, figurativo) ao “buraco” lacaniano concernente ao conceito de real. Inclusive, como já mencionamos, Freud compara essa modalidade de recolhimento ao estado de sono, no qual os órgãos do sentido estão pouco propensos a despertar aquele que dorme por conta da retirada de investimentos psíquicos destinados à percepção.

Retomando as ideias de Le Poulichet (1990), as propriedades implicadas na operação de *phármakon* (remédio/veneno), ao se imiscuírem, culminam em uma medida em que, paradoxalmente, a aparente autodestruição associada à prática da droga assimila, também, um modo de automedicar-se ou, até mesmo, de auto-conservar-se. A partir disso, a autora considera a existência de duas “montagens” nas quais o tóxico pode cumprir uma função psíquica: a de suplemento e a de suplência. Ambas constituem maneiras nas quais se busca escapar de um sofrimento vivenciado enquanto insuportável, de algo intolerável que não pode ser assumido enquanto pertencente à realidade psíquica. Em ambas, por meio da operação de *phármakon*, criar-se-á um circuito pseudopulsional através do qual, ao garantir uma certa autonomia em relação aos meios de satisfação (por conta da satisfação alucinatória promovida pelo recurso tóxico), produzir-se-á uma espécie de recolhimento narcísico.

Segundo Le Poulichet (1990), a diferença entre essas duas montagens reside, especificamente, em relação à função que a operação de *phármakon* realizará quando sob determinadas condições psíquicas. Na toxicomania de

suplemento a operação de *phármakon* é empregada meramente enquanto uma prótese frente aos assaltos sofridos pela ameaça de castração caso o indivíduo ceda aos seus impulsos, isto é, “aqui o intolerável não é outra coisa que a castração” (LE POULICHET, 1990, p.135). Na toxicomania de suplência, entretanto, busca-se, por intermédio da operação de *phármakon*, uma forma de garantir, minimamente, uma subjetividade frente a uma conjuntura de ruína do Outro.

Entretanto, como há pouco vimos, se a castração configura uma ameaça e uma fonte de angústia para Freud, para Lacan ela é a solução para o que, concernente à angústia, possa o sujeito se livrar. De forma que a discordância de Lacan com relação à castração sob um ponto de vista freudiano torna a divisão da toxicomania em suplemento e suplência, de certa forma, imprecisa (para não dizer inválida).

Para finalizar esta seção, gostaria de trazer uma citação de Le Poulichet (1990) que considero bastante pertinente a respeito da exigência, ou não, feita por parte do analista para que o analisando mantenha-se em abstinência no curso do tratamento analítico. Nesta citação, Le Poulichet dialoga com um trabalho de Glover (1935) a respeito do tema anunciado anteriormente e que, apesar de extremamente relevante à prática clínica com essa clientela, não poderemos tratar nesta dissertação.

Sem focar o problema de uma cura relativa a uma desintoxicação necessária e previa à cura analítica, o autor [Glover] se mostra atento aos efeitos de uma abstinência voluntariamente instituída pelos pacientes. Essa, disse ele, estabelece-as às vezes à custa de uma grande angústia, e em seguida, por exemplo, de um aumento considerável da atividade obsessiva. [...] o autor se mostra sensível ao surgimento de tempos de adicção na cura [analítica], que ele considera como “automedicações” que ocorrem em momentos precisos, quando a angústia aumenta. Mais precisamente, ainda, Glover considera que no interior da cura a droga pode servir para anular certas “imagens mentais” (LE POULICHET, 1990, p. 156).

À parte uma análise a respeito de uma interdição requisitada pelo analista para que o analisando mantenha-se em abstinência como requisito para que o tratamento ocorra, o que para a autora parece completamente fora de lugar²¹, cabe

²¹ Em nota agregada pela autora a respeito do assunto aqui evocado, no que me parece ser uma justificativa razoável acerca da importância de um trabalho interdisciplinar no que diz respeito aos tratamentos propostos na toxicomania, a autora diz o seguinte acerca do posicionamento de Glover acerca dessa questão: “E. Glover qualifica como ‘perigosa’ esta interdição pronunciada pelo analista. Em troca, a propósito do caso clínico que expõe, menciona a intervenção de um médico externo que se ocupa da paciente, seja para organizar uma desintoxicação, seja para prescrever-lhe certos

frisarmos o recurso tóxico aparecer no texto de Glover como um método a ser empregado com o objetivo de remediar uma angústia que surge durante o tratamento, na medida em que anula “certas imagens mentais”. Faz-se oportuna, também, pelo que iremos tratar logo mais, a menção para que se proceda a uma desintoxicação – não a abstinência – como condição de possibilidade para que o tratamento analítico aconteça.

4.4. O retorno não simbólico do recalçado?

Jésus Santiago (2001), em seu livro intitulado “A droga do toxicômano: uma parceria cínica na era da ciência”, aventa a existência de três campos de referências de Freud a respeito da prática da droga. Para além da hipótese substancialista da libido e da reflexão ética na qual o tóxico se apresenta como uma técnica vital como figura de apaziguamento, Santiago (2001) reivindica um terceiro campo denominado de supressão [*Unterdrückung*] tóxica.

Vejamos uma passagem que julgo importante ao que se seguirá:

Se, para as formações do inconsciente, nas quais se inclui o sintoma, a operação do recalque [*Verdrängung*] equivale ao retorno do recalçado, retorno provocado pela pressão astuciosa da censura; para a *Unterdrückung* tóxica, apreende-se a ocorrência momentânea de uma “passagem por baixo” das exigências do próprio recalque. O método de intoxicação surge, nos textos de Freud, com o intuito de explicar o modo como a embriaguez maníaca resulta de uma supressão do dispêndio psíquico, causado pelo relaxamento das pressões do recalque. Na mania propriamente dita, o mecanismo da supressão [*Unterdrückung*] estaria também presente, sem, no entanto, ser necessária a ação de substância euforizante. Tomando-se como ponto de partida o terreno conceitual da *Unterdrückung* tóxica, pode-se preconizar o ato toxicomaniaco como uma tentativa de lidar com os efeitos insuportáveis do retorno do recalçado por uma via distinta daquela do sintoma, concebido como uma formação inconsciente substitutiva (SANTIAGO, 2001, p. 12, *grifo meu*).

As aspas em “passagem por baixo” ocorrem por que Santiago (2001) atribui essa expressão, em nota, à Lacan (1964, p. 34), mais precisamente a seu seminário sobre os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. Nessa passagem, Lacan (1964) fala a respeito do tropeço de memória de Freud (1901) concernente à palavra Signorelli.

medicamentos e vigiar que os tome. Porém, os dois registros [nos quais o psicanalista e o médico intervêm] parecem independentes” (LE POULICHET, 1990, p. 156).

Tal esquecimento ocorrera quando Freud compartilhava com um estranho com quem viajava sua visita às pinturas de Orvieto. Freud (1901) verificou, no momento em que queria evocar o nome Signorelli, autor de quadros que aludiam à Morte, ao Juízo, ao Inferno e ao Paraíso, que o mesmo lhe havia fugido da memória. Vindo-lhe à mente dois outros nomes, recusados interiormente como errôneos: Botticelli e Boitraffio.

Momentos antes de falar a respeito de sua visita a Orvieto, Freud (1901) fizera referência, junto a seu companheiro de viagem, às impressões de um colega seu, médico na Bosnia e na Herzegovina, a respeito de um determinado posicionamento dos clientes turcos do último: esses clientes demonstravam grande confiança na figura do médico e um singular conformismo em relação ao prognóstico fatal de algum parente. Ao que costumavam expressar: "*Herr* (senhor), não há mais nada que dizer? Eu sei que, se pudesse salvá-lo, havia o salvado!" (FREUD, 1901, p. 11).

Logo em seguida, Freud cogitara comentar com seu parceiro de viagem a estima dessa gente pela normalidade de sua vida sexual a ponto de preferirem a morte aos problemas insolúveis concernentes a esse tão precioso bem. Ao que exclamam: "Tu sabes *Herr* (senhor), quando isto já não funcionar, a vida perderá todo o valor!" (FREUD, 1901, p. 11). A vontade de Freud (1901) em tecer esse comentário cede à justificativa de que não se deveria tratar desses assuntos com estranhos.

Freud (1901) depreende, no entanto, que outro motivo, de ordem inconsciente, fora responsável por não abordar tal tema. Algumas semanas antes, na localidade de Trafoi, ficara sabendo do suicídio de um paciente seu, desesperado por conta da sua incurável perturbação sexual.

Com propósitos de ilustração, suponhamos que tal esquecimento ocorresse durante uma sessão de análise e que o curso da fala do paciente Freud, recostado no divã, seguisse uma sequência equivalente ao que se produziu na companhia do estranho que com ele seguia na tal viagem. O analista Freud, ao cortar o discurso de seu paciente (por exemplo, pela escansão: Bol-traffio), extrai-lhe significantes aos quais o paciente Freud fornecerá associações ao que lhe vem à cabeça. Assim procede a explicação do autor:

Sei com precisão que em toda aquela viagem a Herzegovina não ocorreu a minha lembrança consciente esse triste acontecimento, nem ao que com ele se relacionava. Porém, a coincidência Trafoi – Boltraffio me obriga a supor que naquele tempo a reminiscência do ocorrido com meu paciente, não obstante o deliberado desvio de minha atenção, procurou uma ação eficiente dentro de mim (FREUD, 1901, p. 11).

Vejamos o esquema apresentado nesse trabalho de Freud pelo qual memória e linguagem se enodam, mas cuja significação é alcançada *a posteriori* ou, então, só-depois:

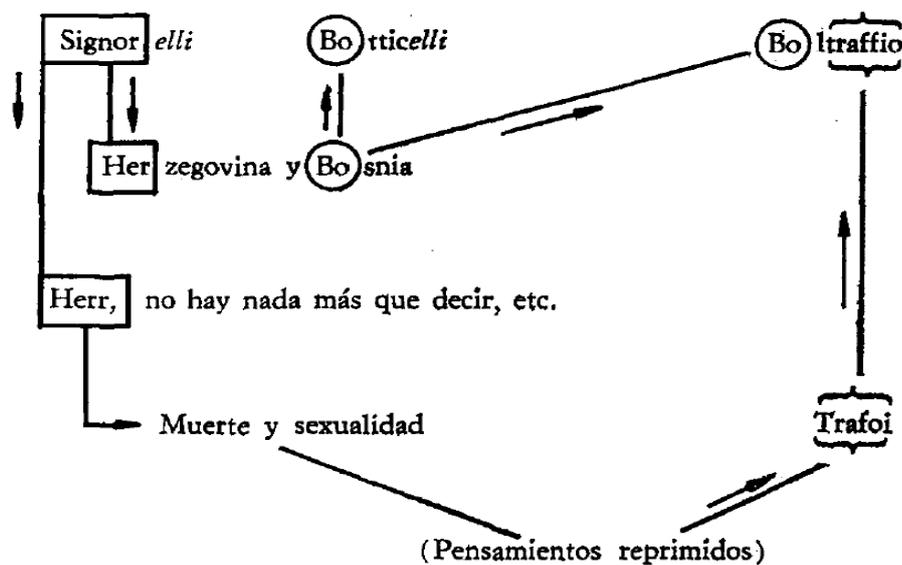


Figura 1 (FREUD, 1901, p. 12).

O que Lacan (1964) nos faz notar, entretanto, não é propriamente as substituições significantes que acabam por determinar o aparecimento de Botticelli e Boitraffio, o que o próprio Freud já fizera com maestria. Mas, sim, o desaparecimento da palavra *Signor*, cuja presença era iterada, paradoxalmente, por sua própria ausência na forma de seus substitutos, sem que, no entanto, pudesse, de fato, entrar em cena. O que, por consequência, acabava sustentando o esquecimento do nome do pintor.

Lacan (1964) chama a atenção para a “passagem por baixo” da palavra *Signor* que, ligada ao senhor absoluto (*Herr*), a morte, retratada nos afrescos de Orvieto pelo pintor Signorelli, faz com que *Herr* possa ser pronunciado sem que lhe seja atribuído seu significado. É, portanto, pela iteração de sua ausência que *Signor*, o senhor absoluto, faz-se presente no tropeço de memória de Freud. Uma página

antes, Lacan (1964, p. 33) diz o seguinte: “a ruptura, a fenda, o traço da abertura faz surgir a ausência – como o grito não se perfila sobre fundo de silêncio, mas, ao contrário, o faz surgir como silêncio”.

Ao barrar a livre associação de seus pensamentos um pouco antes, a Freud escapa um nome um tempo depois. Ao “forçar a barra” tentando lembrá-lo, ocorrem-lhe substitutos que condensam, e ao mesmo tempo deformam/borram, os caminhos pelos quais a partícula *Signor* fora objeto de esquecimento. Partícula essa que, caso lhe viesse à mente no momento em que falava dos afrescos de Orvieto, constituiria fonte de desprazer por evocar uma lembrança desagradável que quisera evitar antes de mencionar tais afrescos.

Ora, do que se trata no tropeço de memória freudiano que não a iteração de uma ausência que reavivaria uma lembrança causadora de desprazer? De que forma a supressão tóxica que Santiago (2001) aventa poderia servir aos propósitos a que está a serviço, também, as falhas de memória, como no esquecimento dos nomes próprios freudiano? Isto é, poderia o recurso tóxico ser empregado com vistas a barrar/borrar a invocação de uma lembrança fonte de angústia/desprazer?

Infelizmente, a meu ver, Santiago (2001) parece não fazer uso da potência de seu achado. O conceito de supressão [*Unterdrückung*] tóxica é usado por ele unicamente como um mecanismo por meio do qual se faz desaparecer ou diminuir uma quantidade de investimentos destinados a manter as exigências astuciosas da censura, cuja função Lacan (1964, p. 33, *grifo meu*) a identifica como aquela responsável por barrar, “*riscar* uma outra coisa”.

Outro ponto que gostaria de trazer à baila acerca da passagem do livro de Santiago (2001, p. 12) citada no começo desta seção, diz respeito à finalidade do ato toxicomaniaco: “uma tentativa de lidar com os efeitos insuportáveis do retorno do recalçado por uma via distinta daquela do sintoma, concebido como uma formação inconsciente substitutiva”. Ora, sobre qual forma se daria o retorno do recalçado que não pelas formações do inconsciente, cujos efeitos insuportáveis a prática da droga corresponderia a uma tentativa de com eles lidar? O sintoma corresponderia, assim como a supressão tóxica, a uma medida através da qual se poderia lidar com um retorno do recalçado? Não seria o sintoma – assim como as demais formações do inconsciente – o próprio retorno do recalçado? Isto é, há outras vias pelas quais se dá o retorno do recalçado que não pelas formações do inconsciente?

Por ora, gostaria de deixar essas questões em aberto. Primeiro por que não me parece que Santiago forneça as ferramentas necessárias para que possamos levar alguma luz a essas questões. Segundo por que estou propenso a concordar em parte com algumas dessas afirmações, mas para isso precisarei lançar mão de outros conceitos os quais pretendo trabalhar mais tarde.

Para finalizar esta seção, queria fazer alusão ao que atribuo à obra referida de Santiago como uma de suas considerações de suma importância para a clínica psicanalítica na toxicomania. Santiago (2001), ao levar em consideração as ideias de Freud contidas em seu texto sobre o mal-estar, como já anotamos outrora, entende o recurso à droga na toxicomania como uma espécie de “‘construção substitutiva’ auxiliar” [*Hilfskonstruktion*] (SANTIAGO, 2001, p. 14) do sintoma neurótico. Sobretudo, no exato ponto em que esse último se revela falho em seus propósitos. Resta-nos a pergunta aparentemente ingênua mais de suma importância: quais seriam esses propósitos? Poderiam esses propósitos serem explicados, por exemplo, pelo caso do esquecimento do nome “Signorelli” visto a pouco? Ou seja, o de manter os restos de memória²² afastados de seu acesso à consciência?

Freud (1915) nos diz que a essência do recalque não consiste em cancelar ou aniquilar a representação que sucumbiu ao recalque, senão em impedir que se torne consciente. Assim como, “a supressão da descarga de afeto é a meta genuína do recalque, e seu trabalho fica inconcluso quando não a alcança” (FREUD, 1915, p. 174).

²² Utilizei a expressão “restos de memória” e não simplesmente memória ou lembrança a fim de diferenciar a memória a qual evocamos no discurso corrente, como quando contamos a alguém a respeito de alguma experiência anterior que tivemos, daquela que não passa de traços de percepção relativos a experiências inarticuladas pela linguagem a não ser na forma de tropeços, lapsos.

5. Capítulo IV

A herança *mal-dita* da psicanálise com a neurologia e suas implicações sobre as elaborações psicanalíticas a respeito das toxicomanias

5.1. As patologias psiconeurotóxicas

De acordo com o “Manual de Prevenção do Uso de Drogas para Mediadores” (s/d), para a Organização Mundial de Saúde (OMS) o termo “droga” abrange qualquer substância não produzida pelo organismo que tem a propriedade de atuar sobre um ou mais de seus sistemas produzindo alterações em seu funcionamento. De forma que aquelas destinadas a alterarem o funcionamento do Sistema Nervoso Central (SNC) são chamadas de drogas psicotrópicas ou substâncias psicoativas.

No relatório “Neurociências: consumo e dependência de substâncias psicoativas”, lançado pela OMS, atribuem-se à ação das substâncias psicoativas alterações, majoritariamente, sobre as funções cerebrais. De forma que o consumo dessas substâncias afetariam processos cerebrais normais relativos à senso-percepção, às emoções e à motivação. Concluindo-se que “a dependência é um transtorno da função cerebral ocasionada pelo consumo de substâncias psicoativas” (OMS, 2004, p 13). Sendo “evidente que tal dependência é um transtorno cerebral tanto quanto qualquer doença neurológica ou psiquiátrica” (OMS, 2004, p. 14).

“Altamente organizado em várias regiões distintas com funções especializadas”, o cérebro contém estruturas que se comunicam entre si através de “mensageiros químicos que são liberados nas sinapses” (OMS, 2004, p. 15).

Quando um neurônio é excitado, o corpo da célula envia um sinal elétrico ao longo de um prolongamento conhecido como axônio, que tanto pode ser curto para atingir neurônios próximos como ser longo para atingir outras regiões do cérebro. Na extremidade do axônio existe um botão terminal. Para transmitir a mensagem do botão terminal de um axônio ao neurônio seguinte, é preciso atravessar um espaço denominado sinapse ou fenda sináptica. O neurônio que envia a mensagem, ou neurônio pré-sináptico, libera substâncias químicas para o neurônio receptor ou neurônio pós-sináptico. Estas substâncias químicas, ou neurotransmissores têm estruturas e funções específicas e o tipo do agente libertado depende do tipo de neurônio (OMS, 2004, p. 15).

Cada neurotransmissor liga-se a um receptor específico, de forma que a relação neurotransmissor/receptor pode resultar em alterações na membrana pós-

sináptica determinando a preferência de determinados receptores por neurotransmissores particulares. As substâncias psicoativas agem sobre a condutividade do estímulo no âmbito cerebral por diversos mecanismos: imitam efeitos de neurotransmissores naturais ou endógenos, ou interferem na função normal do cérebro bloqueando uma função ou alterando processos normais de acumulação, liberação e eliminação de neurotransmissores (OMS, 2004).

Entretanto, segundo o relatório aqui em questão, o qual reconhece o recurso tóxico como meio através do qual se busca obtenção de prazer ou alívio da dor, o consumo de drogas não se mostra menos imperioso mesmo após um longo período desde a cessão do consumo. De forma que a desintoxicação física, determinante para o aparecimento dos fenômenos de abstinência física, não desfaz necessariamente o quadro de dependência química (OMS, 2004).

Em outros termos, a farmacodependência não pode ser explicada unicamente pela interação entre as estruturas físicas cerebrais e as substâncias psicotóxicas. Não podendo figurar, portanto, unicamente, como a responsável pelo estabelecimento de um quadro de dependência. Até por que, como explica o relatório aqui em questão, “quando se estuda a dependência, é importante não esquecer que, durante as suas vidas, muitas pessoas experimentam muitas substâncias potencialmente produtoras de dependência, embora a maioria não se torne dependente” (OMS, 2004, p. 22).

Entretanto, as razões apresentadas no relatório, pelas quais a MAIORIA das pessoas não adquire um quadro de farmacodependência – mesmo experimentando, no decorrer de suas vidas, MUITAS substâncias POTENCIALMENTE produtoras de dependência química –, recaem novamente sobre uma concepção psiconeurotóxica. Na farmacodependência, explica o relatório lançando mão da teoria cognitivo-comportamental, as substâncias psicoativas ativariam de maneira repetida regiões cerebrais vinculadas a estímulos vitais como comida, água, perigo e parceiros sexuais. “O cérebro é ‘levado’ pelas substâncias a reagir como se estas e seus estímulos associados fossem biologicamente necessários” (OMS, 2004, p. 22). Isto porque o cérebro seria responsável por orientar e dirigir o comportamento para estímulos vitais para a sobrevivência (OMS, 2004).

Ora, poderia perguntar um leitor desavisado, por que essa referência à compreensão neuroquímica da droga em uma dissertação que pretende abordar o fenômeno da toxicomania desde a psicanálise? Seria o prenúncio do que se seguirá,

ou seja, duma tentativa do autor em associar neurociências, psicanálise e, quem sabe, teoria cognitivo-comportamental? A respeito da segunda pergunta, a resposta é negativa.

Uma das razões pelas quais fiz um sucinto resumo da abordagem dominante na atualidade concernente à toxicomania diz respeito ao que tenho encontrado ao longo da minha (breve) trajetória clínica nos lugares em que atuei até este momento. Faltam-me dados para justificar ser essa a abordagem dominante também em outros lugares. Por isso, autorizo-me a, apenas, restringir essa hegemonia aos locais em que exerci minhas atividades profissionais.

Contudo, não é difícil notar a importância que se concede à substância e à sua atuação sobre o cérebro como determinantes para a instauração de um quadro no qual a utilização da droga torna-se imprescindível. Também não é difícil perceber que a justificativa empregada pelas políticas públicas em relação aos toxicômanos pauta-se majoritariamente nos efeitos nocivos das substâncias psicoativas, sendo essas as responsáveis por “levar” o cérebro do indivíduo a fazer qualquer coisa pela droga.

Como se pode observar, a convicção na existência de uma realidade pré-discursiva concernente aos efeitos das drogas psicoativas atribui à substância o poder de excluir o sujeito do seu ato. Ao que sucede uma tentativa de anular a imbricada relação subjetividade e linguagem tão cara à psicanálise.

Outra razão, não menos importante e a que credito boa parte da babel psicanalítica a respeito da toxicomania, concerne à aproximação entre a química da droga e a química cerebral ou, como vimos acima, aos mensageiros químicos. Os neurotransmissores transportam mensagens que as substâncias psicoativas tratariam de bagunçar provocando comunicações equivocadas entre os neurônios, reforçando, por consequência, a própria necessidade do consumo da droga.

Por que essa aproximação entre “químicas” poderia trazer dificuldades ao pesquisador psicanalítico em suas teorizações a respeito da toxicomania?

5.2. A neurologia: uma herança *mal-dita*

Sabe-se que Freud, na primeira tentativa de agrupar suas obras numa mesma edição – organizadas tematicamente (*Gesammelte Schriften*) –, fez questão de suprimir textos que julgava tratar de assuntos atinentes à neurologia e não à

psicanálise, como, por exemplo, o seu trabalho sobre as afasias. Tempos depois, numa segunda edição (*Gesammelte Werke*), buscou-se agrupar os trabalhos freudianos seguindo uma ordenação cronológica, incluindo, também, elaborações que antecederam a criação da psicanálise. O que culminou, por conseguinte, na edição de suas obras reunidas [*Gesammelte Werke*], traduzidas posteriormente como obras completas, na qual se manteve o posicionamento de excluir o texto sobre as afasias, entre outros.

Emiliano de Brito Rossi (2012), em sua tese de doutorado intitulada “Tradução como sobre-vida: no exemplo de Sobre a concepção das afasias – um estudo crítico, de Sigmund Freud” aventa a hipótese de que há outras razões para essa exclusão. Rossi (2012) diz que a exclusão desse trabalho do conjunto que veio a compor as obras reunidas de Freud obedece, acima de tudo, a uma espécie de “recalque” por parte do autor.

Em segundo lugar, a reiterada manutenção dessa ausência realizada pelos editores equivaleria ao trabalho da “censura” com vistas à ratificação, constantemente renovada, do “recalque freudiano”. Da mesma forma em que conceitos e noções inauguradas no texto de 1891 e que, extraídos de seu campo de origem, a neurologia, deformaram-se a ponto de serem incorporados como propriamente psicanalíticos um tempo depois, para Rossi (2012), constituem “retornos do recalçado”.

De acordo com Rossi (2012), a manutenção da ausência do trabalho sobre as afasias, por parte dos editores das obras freudianas, deixa de lado uma obra seminal que inaugura a transição das pesquisas neuropatológicas para as pesquisas propriamente psicanalíticas. Ou seja, onde se reconhece que as questões próprias à psicanálise não seriam resolvidas pela neurofisiologia, assinalando uma ruptura radical de Freud com a neurologia ortodoxa alemã.

Por qual razão Freud suprimiria essa obra que marca decisivamente sua ruptura com a neurologia daquele tempo, além conter conceitos que, posteriormente, serão amplamente usados em seus trabalhos de inspirações ditas psicológicas? Como vemos na ocasião da segunda edição dos *Estudios sobre la histeria*, mais especificamente no prólogo à segunda edição, Freud (1893-95) diz não haver motivos para alterar o conteúdo desse trabalho, mesmo tendo ampliado suas concepções e abandonado outras. O *Estudios sobre la histeria*, segundo o autor, segue como referência àquele que, ao percorrer o caminho que o mesmo deixou

para trás, possa, então, acompanhar a origem e o desenvolvimento da psicanálise, nesse caso, desde a hipnose e o método catártico.

Por qual razão essa origem *mal-dita* com a neurologia seria objeto de um “recalque” por parte de Freud ao contrário de sua herança com a hipnose e o método catártico?

Como nos faz crer Rossi (2012), não faltariam razões. A recepção da comunidade científica para a qual o trabalho se destinara não foi a esperada pelo seu autor. Pouco se falou a respeito, não mais que um quarto dos exemplares foram vendidos durante os nove primeiros anos e o resto foi destruído (ROSSI, 2012).

No entanto, haveria, também, uma razão em particular. Aquele para quem o livro foi dedicado “em amigável honorificência”²³ não pôde apreciá-lo, o que gerou sentimentos desgostos por parte do autor. Rossi (2012, p. 23 *apud* Rizzuto, 1989, p. 112) traz uma passagem da carta de 13 de julho de 1891 endereçada a Minna Bernays na qual Freud diz:

O livro sobre as afasias já *me causou muito desgosto*. A recepção de Breuer foi deveras estranha; ele quase não me agradeceu pela dedicatória... não conseguiu lembrar-se de nenhum de seus méritos e, no final, *tentou amenizar* dizendo que o livro tinha sido muito bem escrito.²⁴

Outras razões, ainda, fazem Rossi (2012) creditar a essa exclusão motivos suficientes para que ela ocorresse. Até porque, em uma carta destinada a Fliess de 21 de 1894, Freud teria sentido seu estudo sobre as afasias como nada mais que “um respeitável fracasso”²⁵.

Por qual razão a origem neurológica de alguns conceitos caros à psicanálise poderia trazer dificuldades ao pesquisador psicanalítico que se ocupa do fenômeno da toxicomania? Fuçar o “recalque freudiano” seria, talvez, uma boa resposta para não abordar diretamente o efeito da droga sobre o organismo e suas repercussões sobre o psíquico.

A meu ver, recorrer a uma certa “operação de *phármakon*” só atende à necessidade de se desviar de um constatação incômoda ao psicanalista: de que a

²³ Freud, S. (1891). Herrn Dr. Josef Breuer in freundschaftlicher Verehrung gewidmet.

²⁴ Rizzuto, A.-M. (1989, p. 112) *On Aphasia* was dedicated ‘To Dr. Josef Breuer with friendly admiration’. Breuer could not appreciate it. Freud wrote to Minna Bernays on 13 July 1891: ‘The “Aphasia” has already *caused me deep disappointment*. Breuer’s reception of it was such a strange one; he hardly thanked me for it... couldn’t recollect any of its good points, and in the end tried to *soften the blow* by saying that it was very well written.’ Destaques da autora.

²⁵ Masson, J. M., (1986, p. 74), tradução de Vera Ribeiro.

droga tem, sim, uma ação sobre a química do cérebro, sem que, por isso, precisemos reduzir o psíquico a esse órgão e suas regiões. Até por que o dito *phármakon* – conceito que pulula nas elaborações psicanalíticas sobre a toxicomania, inclusive nas de Santiago (2001) – não faz outra coisa que apontar a possibilidade de algo cernir um bônus e um ônus relativos a um mesmo processo, tal qual uma “faca de dois gumes”, pois ele não se refere a nenhuma coisa material, como uma substância psicoativa, por exemplo.

Com propósitos de ilustração, suponhamos que alguém com dificuldades financeiras esteja pensando em alguma forma de ver os seus ganhos materiais aumentarem. Ao saber que, se concluir um curso de mestrado, terá seus ganhos acrescidos em mais de 50 %, infere, então, que realizar o curso de pós-graduação supracitado irá remediar aquilo de que padece. Não podemos esquecer que aquele que escreve uma dissertação, por mais que obtenha alguma recompensa, seja ela material ou intelectual, adquire, também, por vezes, algum prejuízo, tal como, em certos casos, a avaria da sua própria saúde física. Talvez, somado ao aumento de salário pela sua nova qualificação profissional (o bônus), o mestre tenha ganhado, também, algumas dores nas costas, uma epicondilite, etc. (o ônus). Suponhamos que com a intenção de obter ganhos financeiros através do mestrado, contraiu prejuízos cujos ganhos não farão outra coisa que servir para pagar o tratamento das avarias físicas ocasionados pelo intento inicial pelo qual ingressou no curso de mestrado. Aquilo a que o curso de mestrado colocou-se como remédio (as dificuldades financeiras) assumiu proporções de veneno (problemas de saúde) no que tange aquilo mesmo de que se tratava de remediar.

Outra questão. Reconhece-se que o uso de drogas pelo homem ocorre desde tempos remotos, sendo que somente no final do século XIX, como nos lembra Le Poulichet (1990), é que aparece a figura do flagelo social à que se vincula o consumo de drogas até os dias de hoje. Deste modo, essa herança com a neurologia poderia justificar, ainda, a inexistência de um estudo mais detido, tanto de Freud como de Lacan, a respeito do fenômeno da dependência química?

A essa especulação acerca das dificuldades que o pesquisador psicanalítico pode encontrar ao se debruçar sobre o fenômeno da toxicomania poderia se juntar a experiência singular e, por vezes, entusiasta que Freud estabeleceu com a cocaína. Seu fascínio por essa substância – determinando o seu consumo e o início das suas pesquisas sobre as propriedades dessa droga por volta de 1883 – rendeu-lhe o

fracasso em salvar o seu amigo Ernst von Fleischl-Marxow de uma dependência em morfina e as duras críticas de Erlenmeyer que o acusava de dar vazão à terceira praga da humanidade depois do álcool e da morfina (CONTE, 2003).

Entretanto, não podemos esquecer que o fascínio freudiano pela cocaína estava condicionado à possibilidade de Freud sair do anonimato. Segundo Conte (2003), o motivo que levou Freud a se dedicar ao estudo da cocaína relacionava-se ao desejo de encontrar um remédio milagroso, o qual viria a destacá-lo na comunidade científica da época. Ou seja, a mesma comunidade científica a quem endereçaria alguns anos mais tarde seus escritos a respeito das afasias, isto é, a neurologia.

A meu ver, relegado ao segundo plano na especulação histórica acerca das origens da psicanálise concernentes à neurologia e aos estudos sobre a cocaína, resta um posicionamento de Freud, quiçá, mais importante: o de que o psíquico não é um epifenômeno do físico, não constitui um mero pós-efeito da estimulação sensorial. O psíquico e o físico não são, entretanto, totalmente independentes. Há entre eles uma relação, “*a dependent concomitant*” (FREUD, 1891, p. 127) ²⁶. Sem que, com isso, caiamos em uma concepção dualista acerca do ser humano, como, por exemplo, na divisão mente e corpo.

²⁶ As referências atribuídas, daqui por diante, ao texto freudiano sobre as afasias correspondem à tradução realizada por Rossi (2012) presente em sua tese de doutorado da qual já nos referimos durante este trabalho.

6. Capítulo V

A rasura química do traço

*Então, a Helena, filha de Zeus, ocorre um método para confortá-los:
Prontamente, ela despeja uma droga no vinho do qual eles estavam bebendo.
Inimigo para toda aflição e cólera, e afogar as preocupações no esquecimento.
Pois, se um homem bebesse um gole disso no seu copo de vinho,
Ele não derramaria uma lágrima pelo dia inteiro, ainda que sua mãe
E seu querido pai morresse, ou se assassinassem seu irmão
Ou seu próprio filho com uma espada, e ele observasse isso com seus próprios olhos.
Tais eram as maravilhosas drogas que Helena detinha em seu poder,
Potências que a esposa de Thon, Polydamna, tinha lhe dado.
(Ela era do Egito, onde a terra generosa produz
Drogas de toda espécie, algumas curativas, mas algumas, ao contrário, venenosas.
Pois, nessa maravilhosa terra, o pior médico supera
Todos os de outra raça: porque eles são filhos de Paen).
(Homer, *The Odyssey*, 1921, p. 51-52).*

*Formei-me em Letras e na bebida busco esquecer.
(Luis Fernando Veríssimo, *Os Espiões*, 2009, p. 15).*

6.1. Introdução

A droga da qual Helena lança mão durante o banquete oferecido a Telêmaco é destinada a remediar a profunda melancolia na qual os convivas mergulharam após o rei Menelau invocar a lembrança de Ulisses. Não menos na literatura quanto na prática clínica, o recurso tóxico é empregado com a finalidade de apaziguar a coloração afetiva vinculada a lembranças que melhor seriam se houvessem sucumbido ao esquecimento, mas que, uma vez ou outra, terminam por se impor à consciência.

Sabe-se que é a incapacidade de restaurar uma escrita uma vez apagada da superfície receptora que põe fim a analogia freudiana entre o aparelho psíquico e o bloco mágico em seu trabalho *Nota sobre la “pizarra mágica”* (1925 [1924]). Segundo Freud, o bloco mágico seria realmente mágico se, tal qual a memória, por um processamento interno, essa restauração fosse possível. Entretanto, no que concerne à analogia com o bloco mágico, basta que tenhamos em mente, diz-nos o autor, a capacidade sempre renovada de receber novas percepções, assim como a de armazenar traços permanentes de lembranças [*Erinnerungsspur*].

Na analogia freudiana a cobertura de celuloide e o papel encerado equivaleriam, respectivamente, ao escudo protetor contra magnitudes excessivas de estímulos e ao sistema percepção-consciência (P.-Cs.). Enquanto a placa de cera,

sobre a qual se acumulariam as ranhuras produzidas nas camadas localizadas logo acima, equivaler-se-ia ao inconsciente.

Desfeitos os pontos de contato entre as camadas, a escrita sumiria da superfície ficando apenas o seu registro na placa de cera. Freud (1925 [1924]) diz que o inconsciente, utilizando-se do sistema P.-Cs., após esse último ser excitado pelos estímulos do ambiente, estende sensores para tatear o mundo externo, ao que, após o registro no sistema P.-Cs., são recolhidos desfazendo os pontos contato entre as camadas. Freud (1925 [1924]), entretanto, não esclarece de que forma, esses pontos de amarração entre as camadas poderiam ser refeitos permitindo a restauração da escrita psíquica na superfície receptora perceptiva. Isto é, o que faria do “bloco mágico” do aparelho perceptivo-mnemônico do ser humano realmente mágico.

Em seu trabalho *Lo inconciente*, como anotamos anteriormente, aquilo que se encontra na consciência (Cs.) ou em condições de se tornar consciente (Pcs.) corresponde a representações de objeto (representação de coisa + representação de palavra); enquanto o inconsciente (Ics.) abarca, somente, representações de coisa. As representações de coisa constituem traços de percepção produtos de investimentos em objetos primários de satisfação (*das Ding*); ao passo que o sistema Pcs.-Cs. surge quando as representações de coisa são sobreinvestidas pelo enlace com representações de palavra, essas últimas também derivadas das percepções. É somente esse sobreinvestimento Pcs.-Cs. o que permite alguma organização psíquica, na medida em que, a partir da sobreposição dos processos secundários aos processos primários, produz-se certa inibição da disposição à descarga relativa aos processos primários.

A propósito da angústia, Freud (1915) sugere uma via direta de articulação do sistema perceptivo com os materiais inconscientes. O que nos permite questionar, assim como anotamos anteriormente, se um traço de percepção disposto na superfície receptiva do “bloco mágico” do aparelho perceptivo-mnemônico teria o poder de despertar um complexo de representações de coisa pertencente ao inconsciente. A solução que encontramos, contra a minha vontade (devo admitir), é a possibilidade de um evento perceptivo ou traço de percepção servir como metáfora. Isto é, diversamente de uma articulação direta entre o complexo de representações de coisa do sistema Ics. com os traços de percepção dispostos na

superfície P.-Cs., fui levado a conjecturar que os traços de percepção estabelecem com as representações de coisa, ao menos na neurose, uma relação simbólica.

Ao evocar a carta 52 de Freud a Fliess, Lacan (1964, p.51) diz o seguinte:

Vocês sabem que esses dois elementos [a percepção e a consciência] formarão mais tarde, quando se tratar de estabelecer a segunda tópica, o sistema percepção-consciência. *Wahrnehmung-Bewusstsein*, mas não se deve esquecer então o intervalo que os separa, no qual está o lugar do Outro, onde o sujeito se constitui.

A seguir, buscarei refazer o percurso pelo qual o traço de percepção adquiriu valor de metáfora para esta dissertação justificando a interferência da droga no campo da sensibilidade como remédio para a angústia.

6.2. Para além de uma herança *mal-dita*: a relação corpo-alma no trabalho sobre as afasias

Em 1891, já envolvido diretamente com questões relativas às paralisias históricas, tendo, inclusive, traduzido para o alemão trabalhos de Charcot com quem há cerca de 5 anos havia estudado em Salpêtrière, Freud publica sua primeira obra, a saber: “Sobre a concepção das afasias: um estudo crítico”. Nesse trabalho, ao ocupar-se das perturbações concernentes ao funcionamento da linguagem, Freud (1891) propõe uma releitura das bases sobre as quais repousam às formulações da neurologia da época a respeito desses distúrbios. Freud advogará a favor de uma concepção, permito-me dizer, psicoassociacionista do aparelho de linguagem [*Sprachapparat*] em oposição a uma perspectiva neurolocalizacionista.

Nesse trabalho, Freud (1891) terça armas com os neurologistas de sua época, mais especificamente com as ideias localizacionistas dominantes naquele período, as quais delegavam aos distúrbios de linguagem um correspondente fisiológico anatomicamente determinado em uma região específica do cérebro. Freud (1891) se propôs investigar se a precedência de um local determinado no cérebro daria conta de esclarecer os mais diversos distúrbios de linguagem e se haveria justificativa para a separação entre centros de linguagem e vias de condução através das quais esses centros se articulariam. Da lesão em uma dessas estruturas (centros e vias), depreender-se-ia tratar de uma afasia de centro (afasia motora ou de Broca e a afasia sensória ou de Wernicke) ou afasia de condução (as

parafasias). Isto é, os distúrbios de linguagem encontravam-se intimamente relacionados ao local sobre o qual recaísse uma perturbação orgânica.

Cabe ressaltar que Freud não se coloca contrário à localização de uma determinada região no cérebro que acometida por alguma perturbação orgânica poderá interferir, em diferentes proporções, no funcionamento do aparelho de linguagem. Aquilo a que Freud se opõe é a suposição de uma precedência da localização em detrimento da função desse aparelho.

Para sustentar seu ponto de vista, Freud contrastou quadros clínicos diversos nos quais uma lesão no mesmo local repercutia de formas distintas sobre o funcionamento da linguagem. Sendo improvável a suposição de que uma determinada região do cérebro, quando lesada, pudesse ocasionar um distúrbio específico puro. Assim sendo, os distúrbios de linguagem corresponderiam a perturbações funcionais, aos quais não se poderia presumir, majoritariamente e *a priori*, um dano orgânico em uma região determinada do cérebro.

Na visão de Wernicke os estímulos sensórios que chegam ao córtex cerebral deixariam ali impressões duradouras, representações [*Vorstellung*], cada uma delas retida numa célula diferente e de forma unitária, um engrama. Caberia a uma região específica do cérebro, os chamados centros, o armazenamento de cada uma dessas representações, numa proporção 1:1 (FREUD, 1891).

De acordo com Freud, essas impressões deixadas em cada célula no transcurso da estimulação, como queria a concepção hegemônica da época, não passariam de restos de impressões sensoriais ou, então, imagens de lembrança [*Erinnerungsbilder*]. No que tange à linguagem falada, essas imagens de lembrança corresponderiam aos resíduos dos sons ouvidos e daqueles deixados “durante os movimentos de linguagem como sensação de inervação ou percepção dos movimentos realizados” (FREUD, 1891, p. 117).

Responsável pela fala, a articulação entre as “imagens de lembrança sonora” [*Klangvorstellungen*] e as “imagens de lembrança do movimento” [*Sprachbewegungsvorstellungen*] ocorreria através de vias subcorticais de substância branca que conduziriam o estímulo de um centro a outro. Esses centros se encontrariam separados por um “território sem função, que aguarda a ocupação por novas aquisições linguísticas” (FREUD, 1891, p. 171).

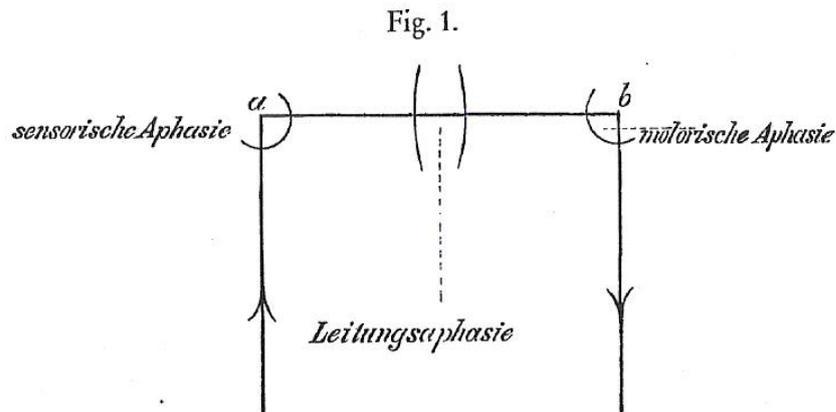
Faz-se notar a diferença entre a “imagem sonora” [*Klangbilder*] da “imagem sonora de lembrança” [*Klangvorstellungen*], essa última impressa numa determinada

região do córtex cerebral, de acordo com a abordagem localizacionistas. Destacam-se, também, as “imagens de lembrança dos movimentos da linguagem” [*Sprachbewegungsvorstellungen*] em contraponto às “imagens de movimento” propriamente ditas [*Sprachbewegungen*].

Portanto, enquanto que numa área determinada do cérebro estarão armazenadas todas as “imagens de som de palavra” (a área de Wernicke), noutra estarão todas as “imagens de movimento de palavra” (a área de Broca). A conexão de representações de diferentes naturezas implicadas na articulação da fala é tarefa dos sistemas de associação, responsáveis por ligar diferentes áreas corticais entre si. Enquanto a destruição dos centros sensorio e motor corresponderiam ao que Wernicke chama de “afasias de centro”, a destruição da via de associação entre os centros é chamada de “afasias de condução” ou, segundo Freud (1891, p. 79), de “parafasias”.

De forma resumida, pode-se dizer que na afasia motora (ou de Broca) a compreensão restaria preservada, apesar dos distúrbios na expressão verbal. Na afasia sensoria (ou de Wernicke) a capacidade de compreensão estaria prejudicada, enquanto a capacidade de expressão restaria preservada. Na parafasia, enquanto a capacidade de compreensão e a articulação das palavras ficam preservadas, há, entretanto, trocas de palavras, “a palavra apropriada é substituída por uma inapropriada que, contudo, mantém sempre uma certa relação com a palavra correta” (FREUD, 1891, p. 94). A respeito das parafasias, como se pode notar, Freud aponta que essas trocas de palavras não ocorreriam ao acaso, mas, sim, em função de alguma proximidade entre os seus significados ou da similaridade entre os sons. Haveria também casos em que ocorreria uma espécie de falha na articulação, em que letras isoladas são substituídas por outras, a parafasia literal.

Vejamos o esquema de Wernicke pelo qual se busca retratar o percurso dos estímulos que culminarão na produção da linguagem, assim como os locais das lesões que produzirão os três tipos de afasias antes referidas.



Legenda: Neste esquema a primeira seta à esquerda indica a entrada do estímulo sensório rumo à área de Wernicke, ponto a, a indicação do tipo de afasia causada pela lesão deste centro afasia sensória (sensorische Aphasie), o caminho da inervação rumo à área motora, ou área de Broca, ponto b, e a indicação da afasia correspondente à lesão neste centro, ou afasia motora (motorische Aphasie) e, finalmente, a afasia de condução (Leitungsaphasie), provocada pela ruptura dos feixes de substância branca responsáveis pela ligação entre os dois centros (Freud, 1891, p. 78).

Pautados nesse esquema, outros mais virão com o intuito de explicar diferentes tipos de distúrbios afásicos os quais não poderiam ser esclarecidos pelo esquema acima. O que resultou na complexificação dos elementos associados à articulação da linguagem, como, por exemplo, aos já estabelecidos centros motor e sensório, acrescentou-se um centro visual.

Apesar da riqueza dos argumentos empregados por Freud (1891) para refutar as ideias localizacionistas, não pretendo me estender neles, pois isso extrapolaria o âmbito deste trabalho. Gostaria, apenas, de trazer à baila que, ao colocar em dúvida a acuidade desses esquemas baseados essencialmente na localização, não fez outra que firmar uma posição fundamental à construção da psicanálise: recusar a localizar elementos psíquicos (as representações) em áreas determinadas do cérebro. Segundo Freud (1891, p. 91), “não nos é permitido procurar o substrato fisiológico da atividade anímica na função desta ou daquela parte do cérebro, mas sim, concebê-la como resultante de processos que se estendem para muito além do cérebro”.

Freud (1891) também rejeita a suposição de que as representações estejam separadas por um território sem função destinado a apreensão de novos conhecimentos linguísticos. Para o autor, os processos de representação e associação não poderiam estar localizados em áreas diferentes, pois são inseparáveis. Para isso, proporá uma perspectiva psicológica associacionista ao

aparelho de linguagem, em detrimento de uma anatômica localizacionista, concepção esta que possui uma visada estática e morfológica do aparelho de linguagem enquanto aquela possui uma perspectiva dinâmica e funcional do mesmo.

Para expor a sua concepção a propósito do aparelho de linguagem e os correspondentes distúrbios desse aparelho, Freud recorre à psicologia:

Para a psicologia, a “palavra” é a unidade da função de linguagem, uma representação complexa que se apresenta como um composto de elementos acústicos [imagem de som], visuais [imagem visual das letras] e cinestésicos [imagem do movimento da fala e imagem do movimento da escrita] (FREUD, 1891, p. 143).

Todavia, a palavra, composta, portanto, por um intrincado complexo associativo, conquista seu significado somente por meio da sua vinculação à representação de objeto (que mais tarde será nomeada de representação de coisa). A respeito da representação de objeto, Freud, recorrendo à filosofia, diz constituir um complexo associativo constituído pelas mais diversas representações visuais, táteis, cinestésicas.

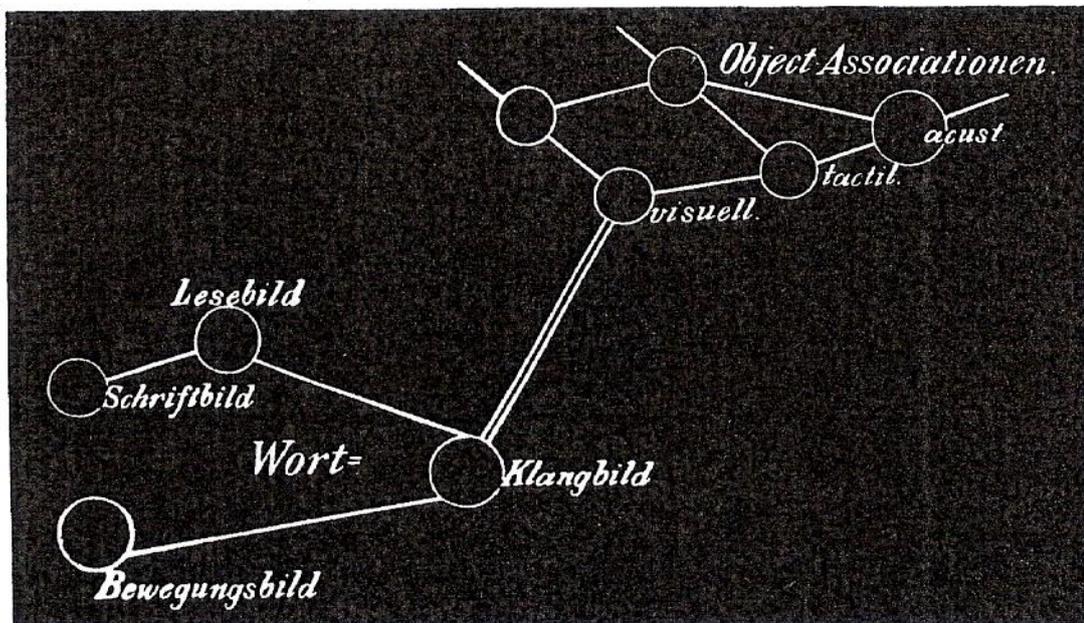
Concluimos a partir da filosofia que a representação de objeto nada mais contém além destas representações, e que a aparência de uma “coisa”, para cujas “características” concorrem aquelas impressões dos sentidos, somente se constitui na medida em que abarcamos, na *soma das impressões dos sentidos que apreendemos de um objeto*, a possibilidade de uma grande sequência de novas impressões na mesma cadeia associativa (FREUD, 1891, p.153, *grifos meus*).

Há, entretanto, uma diferença entre esses dois complexos associativos (de palavras e de objetos) resultados das impressões deixadas pelos sentidos: enquanto o complexo de representação de objeto não se apresenta como fechado ou passível de fechamento, o de representação de palavra, apesar da capacidade de ampliação, apresenta-se como algo fechado. De forma que o estabelecimento de um objeto propriamente dito está condicionado ao recorte produzido pela língua nas representações de objeto.

Entretanto, a base sobre a qual Freud (1891) irá abordar os distúrbios de linguagem está, por sua vez, condicionada a natureza da ligação entre as representações de palavra e de objeto. A representação de palavra, através da imagem sonora, se ligará à representação de objeto por meio do seu componente visual.

Vejamos a seguir o esquema proposto por Freud para ilustrar as conexões entre os complexos associativos, sem antes advertirmos que se trata de uma simplificação de um processo dinâmico e que, por isso, não estático como é apresentado. Esquema esse que, de acordo com Freud (1891), prescinde das relações anatômicas espaciais exatas e retrata o que até aqui foi apresentado. Ou seja, a representação de palavra se apresenta como um complexo associativo fechado enquanto a representação de objeto como um complexo associativo aberto, cuja ligação entre ambos ocorre por meio do elemento sonoro de um com o elemento visual do outro. Vamos a ele:

Fig. 8.



Cito Rossi (2012) em sua explicação a respeito desse esquema:

Vê-se, pois, no lado esquerdo da figura o complexo de representação de palavra. Cada um dos círculos ilustra uma das imagens (*Bilder*) componentes deste complexo. São elas, respectivamente: a imagem [motora] da escrita (*Schriftbild*), a imagem da leitura (*Lesebild*), a imagem do movimento (*Bewegungsbild*) e, finalmente, a imagem do som (*Klangbild*), que tem o papel de elo de ligação com o complexo de representação de objeto.[...] no centro do conjunto, à esquerda, a indicação *Wort=* (palavra=) que é uma abreviatura para *Wortvorstellung* (representação de palavra), por se tratar da ilustração deste complexo nesta metade da figura. Abaixo desta indicação vemos a circunferência referente à imagem de movimento (*Bewegungsbild*), termo que, neste contexto, refere-se especificamente aos movimentos articulatorios produzidos pelo aparelho fonador durante a fala.

[...] à direita da imagem de movimento (*Bewegungsbild*) e mais ao centro da figura, vemos a imagem de som (*Klangbild*), que, de acordo com a construção do aparelho de linguagem por Freud, assume a tarefa de estabelecer uma conexão com a imagem visual (*visuelles Bild*) componente da representação de objeto, fazendo, desta maneira, com que a palavra adquira um sentido (*Bedeutung*) (ROSSI, 2012, p. 173).

Pautado nesse esquema, portanto, Freud (1891) propõe duas classes de distúrbios de linguagem: a afasia de primeira ordem, ou verbal; a afasia de segunda ordem, ou assimbólica. Na primeira a perturbação ocorre entre os elementos individuais que compõem a representação de palavra. Na segunda há uma perturbação na associação entre representação de palavra e representação de objeto. Destaca-se que a relação entre representação de objeto e representação de palavra constitui, para Freud, uma relação simbólica.

Diferentemente da afasia assimbólica, há os distúrbios de reconhecimento de objeto nos quais há uma perturbação entre a representação de objeto e o objeto, a qual Freud sugere o nome de “agnosia”. Essa última terá como consequência um distúrbio de linguagem, pois “todos os estímulos para o falar espontâneo provêm do território das associações de objeto” (FREUD, 1891, p. 149); o autor as chamará de afasias de terceira ordem ou afasias agnósticas.

Diga-se de passagem, é pela necessidade de incorporar o falar espontâneo ao aparelho de linguagem e à concepção das afasias que Freud propõe seu esquema. Isso por que o esquema de Wernicke poderia apenas explicar o modo como se daria a atividade de repetição de algo ouvido, sem levar em conta, por consequência, o falar espontâneo.

Assim como as imagens da visão são, segundo Freud (1891, p. 151), os “componentes mais proeminentes e importantes” do complexo associativo de objeto, a imagem sonora de lembrança da palavra é o componente mais importante do complexo associativo de palavra. Encontrando-se “no ponto nodal de toda a função de linguagem” (FREUD, 1891, p. 160).

Com base na concepção freudiana sobre as afasias, todas elas corresponderiam, segundo ele, a uma parafasia ou afasia de condução. Na medida em que os distúrbios de linguagem ocorreriam por perturbações nas vias de associação. Sendo as associações mais frequentemente exercitadas as que resistem melhor às perturbações de suas ligações.

Por qual razão nos interessaria as construções teóricas freudianas a propósito das afasias no que tange à toxicomania?

O que Freud denominou de representação de objeto no seu trabalho sobre as afasias não passa de uma massa indistinta de associação de imagens (sensórias, motoras, visuais, táteis, olfatórias, gustativas), resíduos de percepções/sensações captados pelos órgãos dos sentidos à medida que são associados a outros elementos do complexo de representação de objeto. Não havendo, portanto, sensação/percepção sem associação. Lembremos, de passagem, que o radicalmente exterior para Freud (1895 [1950]; 1915), desde o qual os órgãos dos sentidos são incitados, não passa de um fluxo contínuo de quantidades, de massas em movimento, por si mesmas incognoscíveis.

A esse respeito, Freud (1891, p. 129) faz a seguinte pergunta retórica:

É possível distinguir no correlato fisiológico da sensação a parte correspondente à “sensação” da parte correspondente à “associação”? Certamente, não. “Sensação” e “associação” são dois nomes com os quais recobrimos diferentes aspectos do mesmo processo. Sabemos, contudo, que ambos os nomes são abstraídos de um processo único e indivisível. Não podemos ter sensação alguma sem associá-la imediatamente.

A cadeia dos processos fisiológicos no sistema nervoso, segundo Freud (1891), não se encontra numa relação de causalidade com os processos psíquicos, mas, sim, de simultaneidade. Isto é, os processos fisiológicos não causam os processos psíquicos, estes não são epifenômenos daqueles ou meros efeitos da estimulação de inervações. Porém, não são totalmente independentes, “o psíquico é um processo paralelo ao fisiológico (*‘a dependent concomitant’*)” (FREUD, 1891, p. 127).

A noção de uma dependência por concomitância supõe um fator temporal. Isto é, os processos fisiológicos ocorrem simultaneamente aos processos psíquicos (leia-se aqui associações entre representações). Entretanto, a suposição de que eles ocorrem ao mesmo tempo ou, então, paralelamente, não reduz um ao outro. As leis que determinam as associações entre representações (palavra-objeto, objeto-objeto, palavra-palavra) não são as mesmas que regulam os processos fisiológicos.

O aparente abandono das noções concernentes ao complexo de associação de representações postuladas por Freud no seu trabalho sobre as afasias (pelo menos até algo similar surgir nos trabalhos *Lo inconsciente* e *Complemento*

metapsicológico a la doctrina de los sueños publicados mais de duas décadas depois) não quer dizer que, de fato, tenham sido deixadas de lado. O esquema inaugurado no estudo sobre as afasias ressurgirá com toda força em seus trabalhos sobre as paralisias histéricas nas formas do que o autor chamou de “conversão com base na simultaneidade” [*Konversion auf Grund von Gleichzeitigkeit*] e “conversão por simbolização” [*Konversion durch Symbolisierung*].

Ora, por qual razão Freud não recorreria às noções trabalhadas no texto sobre as afasias acerca do complexo de associação de representações em suas elaborações sobre as paralisias histéricas? Não podemos esquecer com quem Freud compartilhava seus estudos sobre a histeria. Ninguém mais que aquele a quem Freud, “em amigável honorificência”, dedicara seu livro sobre as afasias: o “Sr. Dr. Josef Breuer”.

6.3. A escrita psíquica nos trabalhos sobre a histeria: *saxa (non) loquuntur!*

Imaginemos que um explorador chega a uma região pouco conhecida onde seu interesse é despertado por uma extensa área de ruínas, com *restos* de paredes, fragmentos de colunas e lápides com *inscrições meio apagadas e ilegíveis*. Pode contentar-se em inspecionar o que está visível, em interrogar os habitantes que moram nas imediações – talvez uma população semibárbara – sobre o que a tradição lhes diz a respeito da *história* e do *significado* desses resíduos arqueológicos, e em anotar o que eles lhe comunicarem - e então seguir viagem. Mas pode agir de modo diferente. Pode ter levado consigo picaretas, pás e enxadas, e colocar os habitantes para trabalhar com esses instrumentos. Junto com eles, pode partir para as ruínas, remover o lixo e, começando dos resíduos visíveis, *descobrir o que está enterrado*. Se seu trabalho for coroado de êxito, as descobertas *se explicarão por si mesmas*: as paredes tombadas são parte das muralhas de um palácio ou de um depósito de tesouro; os fragmentos de colunas podem reconstituir um templo; as numerosas inscrições, que, por um lance de sorte, talvez sejam bilíngües, revelam *um alfabeto e uma linguagem* que, uma vez *decifrados e traduzidos*, fornecem informações nem mesmo sonhadas sobre os eventos do mais remoto passado em cuja homenagem os monumentos foram erigidos. *Saxa loquuntur!* [“As pedras falam!”] (Freud, 1896, p. 218, vol. III, *grifos meus*)²⁷.

Tal qual um explorador em busca de um significado que, embora enterrado, oferece condições para que seja descoberto, Freud se debruça sobre os sintomas histéricos com as ferramentas que dispunha na época: a hipnose e a técnica da pressão na testa. Ao contrário do desbravador que se contenta com o que se apresenta aos olhos e com aquilo que lhe é dito, Freud não se encontra satisfeito em

²⁷ Excepcionalmente nesta citação, foi empregada a tradução brasileira realizada pela Imago.

apenas visualizar as ruínas, nem mesmo com a história e o significado conscientes que lhe são comunicados pela histórica a propósito do seu sintoma. Pois, para descobrir a verdade, precisa-se remover o lixo, cavar, alcançar as profundezas, para, aí sim, desenterrar, de maneira inequívoca, a significação a que essas ruínas, deveras, devem sua existência. Esses restos, inscrições meio apagadas e ilegíveis, revelam um alfabeto e uma linguagem que, uma vez decifrados e traduzidos, fornecem um texto com informações a respeito de eventos do mais remoto passado. Até que: *saxa loquuntur!* As pedras fariam por si mesmas, sem mediação ou margem para interpretações.

Diz-nos Claudia de Moraes Rego (2005, p. 159) a respeito do romance histórico de Freud (1939 [1934-38]) – como o autor houvera subintitulado seu trabalho *Moisés y la religión monoteísta* aproximando-se do que Lacan definirá como a estrutura de ficção da verdade –, que o objetivo que sustenta tal trabalho é “fazer o traço falar, dizer o seu sentido, apagar o seu silêncio, apagá-lo. [...] mas o que se revela é que as pedras não falam, são faladas”. A verdade, segundo a autora, estaria ausente no traço.

Embora a intuição de que a verdade seria mais bem cernida pela ficção do que propriamente por uma historiografia (história factual), o Freud (1939 [1934-38]) arqueólogo não deixa de apostar em uma verdade material. Haveria fragmentos do verdadeiro estado de coisas que estariam por atrás da narrativa histórica (histórica?), os quais, ao serem lidos, forneceria um texto revelador de um passado longo nem mesmo imaginado.

Se a verdade oculta do traço em *Moisés y la religión monoteísta* é lida por Freud como o assassinato do chefe da horda primeva, no *Estudios sobre la histeria* seria qual? O trauma? Arriscaria dizer que especificamente no *Estudios sobre la histeria*, diferentemente do que Freud fará logo em seguida com a elaboração de sua teoria da sedução, está-se a procura de um significado ao traço, da sua verdade, de uma ideia que justifique a colocação em marcha da operação de recalque.

A meu ver, o trabalho freudiano *Estudios sobre la histeria* é aquele no qual se encontra uma descrição clínica da escrita psíquica enquanto memória viva e que muitas vezes é ignorado nos estudos psicanalíticos sobre o tema. Mesmo que o método empregado seja o catártico e não, propriamente, o psicanalítico, o que fará toda a diferença entre este e aquele a ponto de justificar uma diferenciação entre

ambos não é tanto o objetivo de um ou de outro. Mesmo que consideremos as elaborações que se seguiram a ponto de justificarem a diferenciação entre um e outro, no período no qual ocorreu a fundação do método psicanalítico, o que se tornara discrepante em relação ao método o catártico é, principalmente, o material manejado na clínica psicanalítica.

Em outros termos, no método catártico se empreenderá uma busca pelo significado/ideia que mobilizou uma operação de recalque. Isso ocorrerá por intermédio de uma investigação realizada através de símbolos de lembranças ou traços de memória concernentes à cena de um evento de repercussão traumática. O método psicanalítico, pelo menos no seu princípio e caso consideremos o que nos diz a autora supracitada, não será tão dessemelhante quanto ao objetivo de seu antecessor. O que fará, sobretudo, toda a diferença é o material manejado na prática clínica psicanalítica que não coincidirá mais com as lembranças ou os símbolos de memória propriamente. Pois, na medida em que Freud abandona a pá e a enxada (a hipnose e a técnica da pressão na testa), encontrará a memória na superfície ou, melhor, na produção verbal de seus analisandos na forma de uma escrita (psíquica) na fala. O que não impedirá que continue sendo assombrado pela presunção de um significado que se encontraria nas profundezas.

Almejo que durante esta seção, se a ainda não foi suficiente (espera-se, na verdade, que nunca seja), elucide-se a razão pela qual nesta dissertação se procurou a utilização do termo “representação” para *Vorstellung* e não “ideia”. Apesar de acreditar que não tenha termo ou expressão que possa equivaler-se em português, ao *Vorstellung* freudiano assim como visto nos estudos sobre as afasias.

Como se sabe, o conceito de trauma é central no *Estudios sobre la histeria*. Esse conceito é descrito como relativo a uma vivência que seria acompanhada por um grande apelo afetivo responsável por bloquear, segundo a teoria da ab-reação de Breuer, as vias de associação que permitiriam sua entrada na consciência. Isto é, ao nos servirmos das elaborações vistas anteriormente, poderíamos dizer que sobre determinados elementos da massa indistinta de associações de imagens (sensórias, motoras, visuais, táteis, olfatórias, gustativas), resíduos de percepção/sensação captados pelos órgãos dos sentidos, recairiam a suspensão de sua vinculação com a representação de palavra tornando a lembrança vinculada a eles não passível de consciência.

Tais como os resíduos arqueológicos dos quais se procuraria refazer os nexos com aquilo a que devem sua existência, os sintomas histéricos corresponderiam a reminiscências as quais se procuraria devolver ao fluxo das representações conscientes e, conseqüentemente, alcançar o seu significado “original”. Esse último seria o responsável por colocar em marcha a operação de recalque.

Logo a seguir, como podemos constatar no volume dedicado às *Primeras publicaciones psicoanalíticas*, Freud lerá no traço sua teoria da sedução. Todavia, sabe-se que Freud, pouco tempo depois, foi levado a abandonar a hipótese que delegava a uma experiência real de sedução sofrida na infância o fator causal para o estabelecimento de uma neurose. Isso porque seus neuróticos lhe faltavam com a verdade dos fatos. Por conta disso, paralelamente aos desenvolvimentos a propósito da sexualidade infantil, Freud entende que as cenas de sedução seriam, por vezes, elas mesmas, produtos de construções fantasmáticas. Deslocando do centro das suas investigações os traumas infantis para as fantasias infantis. Isso foi o suficiente para que postulasse uma noção de realidade independente de uma pretensa realidade externa, a realidade psíquica.

O que interessa aos propósitos deste trabalho, entretanto, não é tanto o que Freud houvera lido nos traços/pedras, mas como o autor aqui em questão procedeu essa leitura ou, melhor, como concebeu a escrita psíquica no *Estudios sobre la histeria*. Concepção essa articulada a dois mecanismos psíquicos atribuídos ao fenômeno histérico, quais sejam: a conversão por simbolização [*Konversion durch Symbolisierung*] e a conversão com base na simultaneidade [*Konversion auf Grund von Gleichzeitigkeit*].

Se os histéricos padecem, sobretudo, de reminiscências, essas últimas não necessariamente se utilizam das mesmas vias pelas quais a sua revivescência é fonte de sofrimento. Por vezes, o vínculo entre os restos de lembrança de um evento de repercussão traumática e o fenômeno patológico propriamente dito, segundo Freud (1893-95), é, em ampla medida, simbólico. O retorno simbólico da lembrança de repercussão traumática equivaleria, de acordo com o que nos diz o autor, a uma espécie de idiomatismo [*Redensart*], de uma metáfora. Vínculo esse, segundo Freud

(1893-95), semelhante ao encontrado na formação dos sonhos²⁸. É importante que não esqueçamos que, na linguagem empregada nos estudos sobre as afasias, a relação simbólica corresponde à associação da representação de objeto à representação de palavra. Isto é, na conversão por simbolização o sintoma corresponderia a uma forma particular de apropriação da língua por parte da histérica.

6.3.1. Conversão por simbolização: o caso Cacilie M.

No *Estudios sobre la histeria*, um exemplo que ilustra o mecanismo de conversão por simbolização é o caso Cacilie M.. Essa última sofria, de tempos em tempos, de uma neuralgia facial, limitada à região do segundo e terceiro ramos do nervo trigêmeo. Por conta disso, Cacilie M. se sujeita às mais diversas intervenções médico-odontológicas, contudo, sem sucesso algum.

Sofria também de alucinações que remetiam a traços de percepção visuais de cenas de seu passado e que, sob hipnose, revelavam-se a que momento, propriamente, deviam sua existência. Submetida à hipnose, “como uma série de imagens com um *texto* elucidador” (FREUD, 1893-95, p. 190, *grifo meu*), poder-se-ia reconhecer as conexões de pensamentos que comandavam as sequências dos incidentes históricos de Cacilie M..

Na ocasião em que se tratava de evocar a cena que houvera causado a neuralgia facial, Cacilie M. foi conduzida a uma época de grande suscetibilidade anímica em relação ao seu marido. Ao relatar uma conversa que teve com ele, na qual lhe disse coisas que a ofenderam, gritou de dor e disse que aquilo que o marido houvera lhe dito foi como uma bofetada. No dia seguinte, Cacilie M. volta a sentir as dores faciais, o que se atribui a cenas ainda mais antigas nas quais foi objeto de ofensas. Freud (1893-95), entretanto, não deixa de supor uma conversão pautada na simultaneidade como fundamento para a conversão por simbolização de Cacilie M..

6.3.2. Conversão com base na simultaneidade: o caso Miss Lucy R.

²⁸ A esse respeito, lembremos a analogia freudiana do sonho com o rébus, cujo elemento visual é lido ao invés de visto. Isto é, a composição pictórica do sonho para a psicanálise possui um valor fonético, não pela coisa (imagem) a que se refere.

Em outros casos, no entanto, a revivescência de uma lembrança ocorre pela intrusão de um resto de memória, ao modo de um corpo estranho, na qualidade de traço de percepção ou, na terminologia do texto sobre as afasias, de representação de objeto. A intrusão de representações de natureza intolerável ocorreria, de acordo com Freud (1893-95), com uma nitidez alucinatória e uma intensidade sensorial que atestaria que os esforços para esquecê-las somente suspendem as vias pelas quais poderiam integrar o complexo associativo disponível à consciência. Além disso, ao bloquear o comércio associativo com o restante do conteúdo da consciência, mantém-se a elas fixada uma carga de investimento (catexia) [*Besetzung*] responsável por conservar seu poder de atração sobre outras representações com as quais venham estabelecer alguma associação. Determinando, por conseguinte, a persistência desses traços de percepção fora da memória consciente, assim como, o seu poder de retorno.

O caso de Miss Lucy R., presente no *Estudios sobre la histeria*, configura um exemplo daquilo que Freud (1893-95) concebera como de uma conversão com base na simultaneidade. Vejamos.

Encaminhada a Freud por um médico de sua amizade, Miss Lucy R. encontrava-se com uma perda quase completa de sua percepção olfativa, salvo por uma ou duas sensações olfatórias que as sentia como muito penosas e que a perseguiram quase que continuamente. Além disso, andava abatida, fatigada, queixava-se de um peso na cabeça, falta de apetite e uma diminuição em sua capacidade de rendimento.

A interpretação [*Deutung*] de Freud (1893-95) para o caso de Miss Lucy R. era a seguinte: as sensações olfatórias subjetivas, enquanto alucinações recorrentes, eram, na verdade, sintomas histéricos permanentes e a inquietação que a assolava correspondia ao afeto correspondente ao retorno desse traço de percepção relativo a um evento de repercussão traumática. Dessa forma, os odores agora subjetivos deveriam ter sido objetivos na ocasião do evento de repercussão traumática, os quais corresponderiam a uma espécie de retorno na forma de símbolos de lembrança.

As sensações olfatórias subjetivas mostravam uma particularidade. Ao perguntar sobre a natureza do odor que a perseguia, Miss Lucy R. responde a Freud (1893-95, p. 125) o seguinte: “como de pudim queimado”. Ao que Freud só poderia

supor uma intervenção da sensação olfatória correspondente a um pudim queimado na ocasião da vivência de eficácia traumática. Não sem um certo estranhamento por parte do autor pela eleição de uma sensação olfatória como símbolo de lembrança do trauma, Freud não deixa de indicar que, tendo em vista as perturbações orgânicas relativas ao aparelho olfatório da paciente, o nariz e as suas percepções haveriam ganhado uma atenção especial por parte dela.

Freud (1893-95), então, resolve fazer do odor de “pudim queimado” o ponto de partida da análise que se seguirá. Tratava-se agora de hipnotizá-la e regastar das profundezas a memória cuja sensação olfatória subjetiva era símbolo ou, então, resto de percepção. Entretanto, Miss Lucy R. não cai sonâmbula quando Freud tenta hipnotizá-la. Freud vê-se constrangido a lançar mão de outra técnica para não precisar abandonar o método catártico: a técnica da pressão na testa.

Lançando mão dessa técnica, Freud (1893-95) pergunta a Miss Lucy R. se ela recordava a ocasião na qual a sensação olfatória houvera sido gerada. Ela, então, relata uma cena ocorrida há uns dois meses, dois dias antes do seu aniversário, na qual ensinava a cozinhar as duas filhas de um industrial viúvo pelas quais Miss Lucy R. era responsável pela educação. Nessa ocasião, Miss Lucy R. recebe um carta cuja letra e o selo postal permitiam deduzir que o remetente era a sua própria mãe. Ela quis abri-la e lê-la. Só que as meninas se arremessaram sobre ela [*auf mich losgestürzt*], arrancaram a carta de sua mão e disseram para Miss Lucy R. que ela não poderia lê-la naquele momento, pois, sem dúvida, a carta era para o seu aniversário e que, por isso, iriam guardá-la até que esse dia chegasse. De pronto, difundiu-se um intenso odor. As crianças haviam abandonado o pudim que cozinham, o qual queimara. Desde então, a sensação olfatória de pudim queimado lhe perseguia, retornando mais forte quando se encontrava nervosa.

Freud então pergunta: “vê você nitidamente diante de si essa cena?”. Ao que Miss Lucy R. responde: “de maneira palpável, tal como a tinha vivenciado”. Freud replica: “que pode nela haver-lhe emocionado tanto?”. Miss Lucy R.: “me tocou a ternura que as crianças me demonstravam”. Freud, então, questiona: “não eram sempre tão ternas?” (FREUD, 1893-95, p. 131-132).

Depois de uma série de perguntas a respeito do que houvera tocado Miss Lucy R. a propósito da tal cena, Miss Lucy R. diz que tinha a intenção de viajar para visitar sua mãe e permanecer morando com a última; abandonando, por conseguinte, as crianças. Isso porque os demais empregados da casa acreditavam

que Miss Lucy R. houvera se ensoberbecido em seu posto e estariam unidos em uma pequena intriga contra ela. Não encontrando apoio quando se queixara a esse respeito com os patrões, conseqüentemente, anunciou sua saída ao pai das meninas, o qual lhe respondeu muito amistosamente que deveria tomar duas semanas para pensar antes de comunicar uma decisão definitiva. Foi nesse período em que Miss Lucy R. se encontrava quando ocorreu o evento na cozinha.

Freud (1893-95) a interroga a respeito de alguma razão em particular para que Miss Lucy R. permanecesse na casa mesmo acreditando naquele momento que a abandonaria. Ao que ela responde que houvera prometido a mãe das meninas, em seu leito de morte, ocupar-se com todas as suas forças das pequenas e não abandoná-las; comprometendo-se, até mesmo, a substituí-la. Ao anunciar o seu interesse em sair da casa, caso levasse a cabo essa ideia, romperia a promessa que fizera à moribunda.

A esse respeito, Freud (1893-95, p. 132) diz o seguinte:

Assim parecia completa a análise da sensação olfatória subjetiva; de fato, essa havia sido objetiva em seu momento, e ademais associada intimamente com uma vivência, uma pequena cena em que travaram batalha afetos conflitantes: a lástima por abandonar as meninas e as afrontas que a impulsionavam a tomar essa decisão. É compreensível que a carta de sua mãe, visto que ela pensava em ir embora para a casa dela, faça-lhe recordar os motivos dessa decisão. O conflito dos afetos havia elevado esse fator à condição de trauma, e como seu símbolo permaneceu a sensação olfatória que se havia conectado a ele.

No entanto, a Freud (1893-95) faltava uma explicação a respeito da razão pela qual, entre todas as percepções sensoriais presentes naquela cena, o odor foi o escolhido como símbolo de memória. Assim como fizera a respeito das afasias, Freud rejeita a fundamentação orgânica para o sintoma histérico de Miss Lucy R.. A justificativa com base na patologia física de Miss Lucy R. não deixa Freud contente. “Tudo soava muito verossímil”, porém, a Freud faltava algo, “uma razão aceitável para que essa série de excitações e essa querela de afetos pudessem levar à histeria” (FREUD, 1893-95, p. 132).

Por que não havia permanecido tudo no terreno da vida anímica normal? Com outras palavras, o que justificava a conversão aí presente? Por que não se recordava prontamente da cena mesma em vez de recordar a sensação enlaçada a ela, a qual privilegiava como símbolo da recordação? (FREUD, 1893-95, p. 132).

A Freud (1893-95) essas questões até seriam impertinentes e pouco proveitosas caso se tratasse de uma histérica cujo mecanismo de conversão fosse habitual. Porém, Miss Lucy R. havia adquirido os sintomas histéricos como consequência desse trauma ou, ao menos, como consequência dessa pequena história de padecimento.

Reproduzo na sequência a continuação do raciocínio freudiano, trecho no qual o autor faz uma definição do mecanismo da histeria que considero importante aos propósitos deste estudo.

Pela análise de casos parecidos, eu já sabia que se uma histeria é de nova aquisição há uma condição psíquica indispensável para isso: *que uma representação seja recalçada {desalojada} deliberadamente da consciência*, excluída do processamento associativo. Nesse recalçamento deliberado veio também o fundamento para a conversão da soma de excitação, seja ela total ou parcial. A soma de excitação não destinada a entrar em associação psíquica encontra, mais facilmente, a via falsa até uma inervação corporal. Quanto ao fundamento do recalque mesmo, somente podia ser uma sensação de desprazer, a inconciliabilidade [*Unverträglichkeit*] da ideia [*Idee*] por recalcar com a massa de representações dominantes no eu [*Vorstellungsmasse des Ich*]. Ora, a representação [*Vorstellung*] recalçada se vingava retornando patógena (FREUD, 1893-95, p. 133, *grifos do autor*).

Do fato de que Miss Lucy R. houvera caído presa numa conversão histérica naquele momento específico, Freud extrai a conclusão de que o evento de repercussão traumática ocorrido na cozinha teria uma ideia/significação que Miss Lucy R. queria deliberadamente deixar na obscuridade e da qual se empenhara por esquecer. Ao levar em conta os dois protagonistas do conflito, despertados na cena ocorrida na cozinha, a ternura pelas meninas e a animosidade das outras pessoas da casa, Freud (1893-95, p. 133, *grifo do autor*) diz o seguinte:

[...] isso só admitia *uma* interpretação [*Deutung*]. Tive a ousadia de comunicá-la à paciente. Disse-lhe: ‘Não creio que essas sejam todas as razões de seu sentimento em relação às duas meninas; melhor conjeturo que você está enamorada de seu patrão, o diretor, acaso sem saber você mesma; creio que alimenta em sua alma a esperança de ocupar de fato o lugar da mãe, e que a isso se deve, aliás, que se volte tão suspicaz em relação aos empregados, com os quais tem convivido em paz durante tanto tempo. Você tem medo de que notem algo de sua esperança e lhe zombem por isso.

Ao que, “com seu modo lacônico”, Miss Lucy R. responde: “Sim, creio que é assim”. Freud pergunta, então, se ela sabia que amava o viúvo, por qual razão não

havia lhe dito. Ao que ela responde que não sabia ou, melhor, que não queria saber, pois gostaria de tirar isso da cabeça, não pensar mais a respeito, o que acreditava que havia conseguido nos últimos tempos (FREUD, 1893-95, p. 133-134). Em nota, Freud (1893-95) diz não haver encontrado melhor descrição deste curioso estado no qual se sabe algo e ao mesmo tempo não se sabe.

Freud, por conseguinte, questiona-a sobre a razão pela qual não queria confessar seus sentimentos em relação ao viúvo, ao que supõe talvez pela vergonha de amar um homem. Miss Lucy R. diz que não, pois não era uma tão pudica, além do mais, as pessoas não seriam responsáveis por seus sentimentos. Utilizando-se do significado atribuído por Freud para justificar a operação de recalque e, por consequência, o seu sintoma, Miss Lucy R. complementa que o que lhe era penoso em relação aos seus sentimentos corresponde ao fato de que o viúvo era seu patrão, em cuja casa vive e a respeito de quem não sente uma independência suficiente. Além do mais, ela seria uma mulher pobre e ele um homem rico de boa família; por conta disso ririam dela se vislumbrassem algo dessa ordem (FREUD, 1893-95).

Descoberto o significado do sintoma, Freud não encontra resistência alguma para iluminar a gênese da inclinação amorosa de Miss Lucy R.. A última conta a Freud que durante os primeiros anos em que viveu na casa desempenhava seus deveres sem ser tomada por desejos impossíveis. Todavia, certa vez o viúvo, homem sério e sobrecarregado de ocupações, normalmente reservado em relação a Miss Lucy R., iniciou com a última uma conversa sobre as exigências da educação infantil. Colocando-se mais suave e agradável do que de costume, disse-lhe o quanto esperava dela para o cuidado de suas filhas órfãs, demonstrando nutrir por ela uma estima particular. Nesse momento, Miss Lucy R. começou a amá-lo e, por consequência, baseada nessa conversa, nutriu-se de esperança. Porém, quando percebeu que suas esperanças não seriam atendidas resolveu tirar essas ideias da cabeça. Dando razão a Freud, logo em seguida, a respeito da afeição demonstrada pelo viúvo na ocasião daquele colóquio que houvera despertado seus sentimentos em relação a ele: na verdade, ele fora consagrado à memória de sua esposa morta e que sua inclinação amorosa careceria de qualquer perspectiva de realização (FREUD, 1893-95).

Encontrado o significado do sintoma, isto é, a verdade que subjaz ao traço de lembrança correspondente ao odor de pudim queimado, Freud esperava uma

mudança radical de seu estado. Todavia, Miss Lucy R. seguia deprimida e irritada. O odor de pudim queimado não havia desaparecido totalmente, tornando-se, contudo, mais raro e fraco, somente aparecendo quando ela se encontrava muito nervosa (FREUD, 1893-95).

A persistência desse símbolo de lembrança fez Freud inferir que, além da cena principal, ele recolhia sobre si múltiplos e pequenos traumas colaterais. Na medida em que se puseram a trabalhar sobre as questões pertinentes à cena do pudim queimado, como, por exemplo, os atritos da casa, a sensação olfatória subjetiva de chamoscadura ia desaparecendo. Sobreveio, todavia, nesse período, uma interrupção mais prolongada no tratamento por causa de uma nova afecção nasal (FREUD, 1893-95).

Ao retornar, Miss Lucy R. informa a Freud que houvera recebido muitos presentes de ambos os senhores (do avô e do pai das meninas) e, ainda por cima, houvera se reconciliado com o pessoal com quem trabalhava na casa. Quando Freud lhe pergunta a respeito do odor de pudim queimado, Miss Lucy R. informa que havia desaparecido por completo. Entretanto, em seu lugar a torturava outro odor similar, como de fumaça de cigarro. Parecia-lhe que esse odor de fumaça de cigarro já se encontrava ali desde antes, porém encoberto pelo odor de pudim queimado. Disse-lhe que agora, no entanto, havia surgido puro (FREUD, 1893-95).

Freud (1893-95, p. 135), mais uma vez, diz não se encontrar satisfeito com o resultado de sua terapia, pois “havia ocorrido o que somente se podia imputar a uma terapia meramente sintomática: removeu-se um sintoma somente para que um novo pudesse se situar no lugar desocupado”. Mesmo contrariado, Freud se dispôs à eliminação deste novo símbolo de memória.

Dessa vez, entretanto, ela não fazia ideia de onde provinha essa sensação olfatória subjetiva; nem em que oportunidade particular havia sido objetiva, pois na casa todos os dias se fumava. Por persistência de Freud e pela pressão de suas mãos que comprimiam a testa da paciente, aflorou-lhe uma imagem, fragmentada e vacilante num primeiro momento. Era a sala de jantar da casa, onde as meninas aguardavam que os senhores viessem da fábrica para almoçar. Todos estavam na mesa como nos demais dias. Há, entretanto, um convidado, o contador-chefe, o qual possuía um apreço muito especial pelas meninas, gostava delas como se fossem suas netas. Miss Lucy R. diz não haver nada de especial na cena. Ao que Freud lhe solicita que continue prestando atenção na imagem que, sem dúvida, algo surgirá.

Miss Lucy R. replica que continua não aparecendo nada de especial. Eles se levantam da mesa e as meninas precisam se despedir e seguirem para o segundo piso. Freud, então, pergunta: “E, então?”. Ao que Miss Lucy R. responde reconhecer a cena. Quando as meninas se despedem, o contador quer beijá-las. O patrão se sobressalta [*auffahren*] e grita com ele sem fazer rodeios: “Não se beija as crianças!”. Isso me crava um espinho no coração, e como os senhores estavam fumando, permanece em minha memória o odor de cigarro” (FREUD, 1893-95, p. 136).

Diz Freud (1893-95, p. 136, *grifo meu*) que essa era a segunda cena “situada mais *profundamente*, que teria o efeito de um trauma e deixado como sequela um símbolo de memória”. Porém, não contente, Freud se pergunta a respeito da razão pela qual essa cena teria uma eficácia traumática. Questiona Miss Lucy R. sobre qual cena teria sido anterior no tempo, ela responde que foi essa que acabou de contar. Freud, então, inquiri-a a respeito da razão pela qual a reação do patrão havia-lhe cravado tal espinho no coração, na medida em que a reprimenda não havia se dirigido a ela. Miss Lucy R. diz que não era justo atropelar [*anfahren*] um senhor idoso, amigo querido da família e, além do mais, um convidado. Ávido por descobrir a verdade do traço, numa espécie de esforço adivinhatório, Freud (1893-95, p. 136) pergunta:

Então, somente a feriu a reação violenta de seu patrão? Vergonhou-se por ele, ou acaso pensou: “Se por uma pequenez assim pode ser tão violento com um velho amigo e convidado, quanto mais não seria comigo si eu fosse sua mulher?”.

Miss Lucy R. prontamente responde: “Não, não é isso”. “Então foi pela violência?”, replica Freud (1893-95, p. 136). A resposta de Lucy Miss R. foi a seguinte: “Sim, por beijar as crianças, nunca gostou”. Freud, então, vai desenterrar a verdade do traço de memória com a mão, pois é sob ela que reaflorescerá a lembrança de uma cena ainda mais antiga de Miss Lucy R., ainda mais profunda, e que Freud supõe compor o trauma genuíno e responsável por conferir à cena com o contador-chefe sua eficácia traumática.

O evento correspondente ao trauma que conferiu eficácia traumática à cena com o contador-chefe havia ocorrido alguns meses antes. Uma dama amiga da família e que os visitava, ao se despedir das meninas, beijou-as na boca. O viúvo

estava presente e se controlou para não dizer nada à dama. Porém, quando a última foi-se, o viúvo descarregou sua raiva sobre Miss Lucy R.. Falou-lhe que era seu dever não tolerar que alguém beijasse as crianças na boca, faltando com suas obrigações caso consentisse. Prometendo que, caso isso voltasse a acontecer, confiaria a outras mãos a educação das crianças. Nessa época, Miss Lucy R. ainda se acreditava amada e esperava uma repetição daquele colóquio amistoso (FREUD, 1893-95).

Essa cena pulverizou suas esperanças. Disse a si mesmo: “Se por uma questão tão pequena, e na qual, além do mais, sou inteiramente inocente, pode lançar-se [*losfahren*] contra mim dessa maneira, dizendo tais ameaças, eu me equivoquei, nunca teve um sentimento mais cálido [*wärmere Empfindung*] por mim, o qual o faria ter mais consideração”. (FREUD, 1893-95, p. 137)

A Freud parece evidente que a cena na qual o viúvo repreendeu o contador-chefe, por esse ter quisto beijar as crianças, houvera evocado em Miss Lucy R. a reprimenda que sofreu na ocasião em que a dama beijara as meninas na boca. Logo em seguida, quando voltou a visitar Freud, Miss Lucy R., de acordo com o autor, havia se transformado a tal ponto que conjeturou que ela se tornara noiva de seu patrão. Ao que a própria fez questão de dizer que nada havia mudado a propósito de sua relação com o viúvo. Diz a Freud que, ainda por cima, não deixou de amá-lo, mas que isso não a fazia infeliz. Pelo contrário, encontrava-se muito bem. Sua sensibilidade olfatória e reflexos haviam retornado quase por completo (FREUD, 1893-95).

6.4. Alguns comentários sobre o caso Miss Lucy R.: do símbolo à metáfora

A cena na cozinha e a cena com o contador-chefe estabelecem com suas respectivas sensações olfatórias (o cheiro de pudim queimado e o de fumaça de cigarro) uma associação por simultaneidade. Isto é, as cenas e as suas respectivas percepções olfatórias coincidem no tempo e no espaço. Enquanto isso, as sensações olfatórias (o cheiro de pudim queimado e o de fumaça de cigarro)

estabelecem entre si uma associação por similaridade com base em uma sensação empireumática (Do grego *empýreuma*, -atos, «cheiro a queimado» +-ico)²⁹.

Com base nisso, talvez pudéssemos responder a pergunta a respeito do que haveria determinado a escolha por uma sensação olfatória de queimado como elemento de amarração entre as cenas. Poderíamos atribuir tal escolha apenas à casualidade entre similaridade e simultaneidade entre as cenas e os eventos perceptivos olfatórios? Ficaríamos contentes com essa explicação? E as outras cenas, assim como o conflito pelo qual passa Miss Lucy R., não teriam participação na determinação do sintoma, como, por exemplo, a da dama que beija as meninas na boca e a do colóquio amistoso sobre a educação das crianças?

Ora, se levarmos em conta a perspectiva que nutre Miss Lucy R. de ter aceso um sentimento mais ardente [*wärmere Empfindung*] no viúvo em relação a ela, não é de se admirar a escolha por uma sensação empireumática [*Empfindung des brenzlichen Geruches*] como sintoma quando percebera estar enganada. Para usar um idiomatismo [*Redensart*], termo empregado por Freud a propósito da conversão por simbolização: onde há fumaça, há fogo! Mesmo que desse fogo não se produza nada mais do que um cheirinho de uma chamuscadela que, a meu ver, despertou em Miss Lucy R. as mais calorosas esperanças.

A expensas de uma cota de sofrimento atrelada à presença contínua desse traço de percepção, Miss Lucy R. não deixou de conservar na ponta do nariz, mais vivo que nunca, o cheiro de queimado da tacanha brasa que julgava ter aceso no patrão na ocasião do colóquio amistoso a respeito da educação das crianças. Não obstante a constatação de que houvera se enganado, através da operação de recalque Miss Lucy R. não precisou abrir mão do lugar de objeto dessa centelha. Desde que, tal como *allia quando terunt retinent mortaria gustum*³⁰, suporte a presença contínua da sensação empireumática a que está atrelada uma cota de desprazer.

Ao propor uma dimensão metafórica ao sintoma de Miss Lucy R. não faço outra coisa que reafirmar o que Freud procurou demonstrar no caso de Cacilie M. e Elisabeth von R., por exemplo. Isto é, aquilo mesmo que o autor houvera dito no seu

²⁹ *Empireumático* In: Infopédia. Porto: Porto Editora, 2003-2014. [Consult. 2014-04-07]. Disponível: <http://www.infopedia.pt/lingua-portuguesa/empireum%C3%A1tico?homografia=0>>.

³⁰ O pilão conserva o odor do alho socado.

trabalho sobre as afasias: que sensação e associação fazem parte de um mesmo e único processo, não há sensação sem associação. Uma não vem depois da outra.

Contudo, diferentemente dos casos supracitados como exemplos, o de Cacilie M. e o de Elisabeth von R., no de Miss Lucy R. Freud atreve-se e vai um pouquinho mais longe ao rejeitar a fundamentação de um distúrbio orgânico como fator determinante para a eleição da sensação olfatória como sintoma histérico. Mesmo que, inspirado pelo método catártico de Breuer, force um pouco a barra tentando adivinhar a ideia/significado que subjaz ao traço de percepção.

Apesar de tudo, é em nome da sua obstinada busca por fazer o traço falar (malgrado, ao final, termos observado o traço sendo falado por Miss Lucy R. quando se refere ao seu engano a respeito dos sentimentos cálidos do patrão) que Freud se autoriza a romper com a cômoda linearidade sobre a qual repousa a teoria ab-reacionista. Linearidade essa que, pautada na aparente verossimilhança entre afecção orgânica e sintoma histérico, atribui precedência à sensação em detrimento da associação.

Dessa forma, a persistência do traço de percepção empireumático na forma de pudim queimado e depois na de cheiro de fumaça de cigarro possibilita a “passagem por baixo” do cheirinho de queimado da centelha que Miss Lucy R. queria acreditar ter aceso no patrão. Prevenindo-se, com isso, do despertar de desprazer vinculado à recordação da reprimenda que sofreu do viúvo. Exprobração por meio da qual se deu conta que estava enganada quanto a ver retribuída sua expectativa amorosa em relação a ele.

Assim sendo, os cheiros de pudim queimado e de fumaça de cigarro são eleitos menos pela materialidade perceptiva do que pelo valor de metáfora da centelha que Miss Lucy R. julgara ter aceso no patrão e da qual não queria abrir mão. Dessa forma, a similaridade entre esses odores não é determinada pela sua equivalência perceptiva, mas pelo seu valor no interior da articulação significativa.

Feitas essas considerações a respeito da indissociabilidade entre sensação e associação com base no caso Miss Lucy R. não é difícil conjecturar a que propósitos a droga na toxicomania pode estar a serviço. Se levarmos em conta que o cheiro de pudim queimado e o cheiro de fumaça de cigarro trazem consigo a sensação empireumática (enquanto metáfora) que insiste em se fazer presente enquanto reminiscência, um recurso que intervenha diretamente sobre as condições de sensibilidade dá ares de remédio ideal para aquilo que essas imagens de lembrança

olfatórias portam de desprazeroso (no caso de Miss Lucy R. a constatação de que estava enganada a respeito dos sentimentos de seu patrão). Tornando-se, dessa maneira, como vimos a respeito das considerações de Santiago (2001) a propósito do trabalho freudiano sobre o mal-estar, um recurso auxiliar do sintoma no custeamento do recalque. Isso porque, ao incidir sobre as condições de sensibilidade, permite o relaxamento dos esforços empregados na manutenção do recalque através de um efeito de rasura sobre o traço perceptivo fonte de associações das quais não se quer nada saber. Mas que, todavia, cobra o seu preço na forma de uma cota de desprazer.

Não menos importante é considerarmos que a noção de desprazer, que no *Estudios sobre la histeria* vincula-se à cota de afeto relativa à reminiscência sobre a qual se assenta o sofrimento histérico, tempos depois, tomará a forma de uma chispa de angústia ou, como Freud denominou, de angústia sinal. Como vimos no capítulo destinado aos escritos de revisão, no período do *Estudios sobre la histeria*, o afeto de angústia é atribuído, majoritariamente, a perturbações no decurso da excitação sexual relativas à neurose de angústia que, por sua vez, pertence ao quadro das chamadas neuroses atuais. É somente quando alçada à condição de produto da operação de recalque, que a angústia alcança a dignidade das psiconeuroses. Chegando, logo a seguir, a ser postulada como aquela que coloca em marcha tal operação.

Anotamos outrora que a anterioridade do despertar de angústia em relação ao recalque e ao sintoma ocorre sem que se saiba diante do que ocorreu tal irrupção, como que numa relação direta entre os sistemas lcs. e o P.-Cs. Para, depois de consumada a operação de recalque e a formação do sintoma, a angústia venha servir como sinal de algo a que o sintoma tratou de tornar mais anódino. Entretanto, como vimos, entre os sistemas lcs. e P.-Cs. não há articulação possível sem que se esteja mergulhado até o pescoço no simbólico. O que não exclui, de antemão, o caráter de desconhecimento acerca do objeto a que se presta o irromper de angústia. Desconhecimento esse que Lacan (1959-60) fez questão de assinalar quando disse que a angústia não é sem objeto. Nas palavras do autor, “essa relação do não ser sem ter não significa que saibamos de que objeto se trata”. Ao que Lacan complementa: “quando digo *Ele não é sem recursos, Ele não é sem astúcia*, isso quer dizer que, pelo menos para mim, seus recursos são obscuros, sua astúcia não é comum” (LACAN, 1959-60, p. 101).

7. Considerações Finais

Durante esta dissertação questionou-se o protagonismo da substância tóxica como determinante para a instauração da toxicomania e o quanto tal suposição não faz outra coisa que firmar posição a respeito da existência de uma realidade pré-discursiva concernente às substâncias psicoativas. Por consequência, excluindo o sujeito do seu ato como se aquele para quem o recurso tóxico tornou-se imprescindível não tivesse o que dizer a respeito do seu padecimento.

Pautada na constatação clínica de o recurso tóxico servir de lenitivo para a angústia, propôs-se uma revisão bibliográfica acerca das vicissitudes do conceito de angústia nas obras de Freud e de Lacan. Na medida em que se percorreram as vicissitudes da conceitualização freudiana e lacaniana concernentes ao conceito de angústia, buscou-se apresentar o que um e outro desses autores discorreu a respeito da atribuição psíquica do recurso tóxico. Procurou-se, também, trazer à baila elementos conceituais concernentes ao contexto discursivo da época em que as noções aqui tratadas surgiram nas elaborações dos autores em questão. Para além da diferença entre Freud e Lacan a respeito da angústia, observou-se em diversas passagens a articulação proposta por essa dissertação, qual seja: o elemento de toxidade inerente à prática da droga ser empregado como lenitivo para a angústia.

Após levar em conta o privilégio concedido à produção verbal do analisando pela psicanálise, interrogou-se a pertinência e o alcance da intervenção do analista no que tange à toxicomania, visto o fenômeno toxicomaniaco implicar uma espécie de rompimento com as possibilidades de significação através de uma ação sobre um corpo-organismo. Ao que se propôs um tratamento na toxicomania em vez de um tratamento da toxicomania no qual, à droga, conferir-se-ia, assim como na abordagem dominante na atualidade, um lugar de protagonista na instauração da toxicomania.

Questionou-se, também, o quanto a influência de uma herança *mal-dita* da psicanálise com a neurologia poderia oferecer de dificuldades ao pesquisador psicanalítico nas suas elaborações a propósito da toxicomania. Determinando, por vezes, a utilização de conceitos-tampões, como o de *phármakon*, que não fazem outra coisa que manter na obscuridade a interferência do elemento de toxidade da droga sobre as condições de sensibilidade.

Com base nisso, resgatou-se as origens neurológicas da psicanálise, o que permitiu atestar a indissociabilidade entre sensação e associação através do caso Miss Lucy R., relação essa que se mostrou eminentemente simbólica. Justificando que a interferência da droga sobre as condições de sensibilidade ultrapassa em grande medida sua influência apenas sobre um corpo-organismo.

Buscou-se apresentar algumas elaborações de autores psicanalíticos a propósito da toxicomania, assim como levantar alguns questionamentos a respeito de algumas de suas elaborações. Para, por conseguinte, introduzir uma primeira articulação para a hipótese a respeito da qual o elemento de toxidade inerente à prática da droga possui um efeito de rasura sobre uma escrita composta de traços de lembrança, a escrita psíquica. Escrita essa passível de leitura através das formações do inconsciente, todavia, não sem se opor ou oferecer resistência a sua decifração, a ponto de tornar impossível uma interpretação definitiva ou inequívoca.

Ao final deste percurso resta-nos a convicção de termos levantado mais questões do que respostas. O que, entretanto, não faz com que nos acomodemos, pelo contrário. Terá sido justificado o empenho se este trabalho tiver possibilitado ao leitor um olhar de relance sobre temas como a toxicomania, a angústia e a indissociabilidade entre sensação e associação.

Referências bibliográficas

ADORNO, T. (1974). O ensaio como forma. In: _____. *Antologia*. São Paulo: Ática, 1985, p. 167-187.

Associação Humanidades (s/d). Manual de Prevenção do Uso de Drogas para Mediadores; In: *Caminho II*. 1ª Edição.

BRASIL. Ministério da Saúde. *A Política do Ministério da Saúde para atenção integral a usuários de álcool e outras drogas*. Brasília: Ministério da Saúde, 2003.

BUARQUE DE HOLANDA, A. *Dicionário Aurélio Básico da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988.

CANABARRO, R. *Toxicomanias e psicanálise: algumas considerações*. Dissertação de Mestrado. 2011. Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social e Institucional do Instituto de Psicologia da UFRGS. 2011.

CAON, J. L. Serendipidade e situação psicanalítica de pesquisa no contexto da apresentação psicanalítica de pacientes. In: *Psicologia Reflexão e Crítica*, UFRGS - Porto Alegre, v. 10, n. 01, p. 105-123, 1997.

_____. O pesquisador psicanalítico e a pesquisa psicanalítica. In: *Filosofia e psicanálise: um diálogo*. Porto Alegre: EDIPUCRS, p. 35-73, 1999.

CONTE, M. Freud e a toxicomania, In: *Correio APPOA*, nº. 118, outubro de 2003.

D'AGORD, M. Uma descoberta casual? In: *Barbarói*. Santa Cruz do Sul, n. 2, p.65-73, mar. 1995.

FREUD, S. (1894a) Manuscrito E. ¿Cómo se genera la angustia? In: *Obras Completas*. 2. ed. Buenos Aires: Amorrortu, 1992. v. I.

_____. (1894b) Manuscrito F. Recopilación III. In: *Obras Completas*. 2. ed. Buenos Aires: Amorrortu, 1992. v. I.

_____. (1895[1984]) Sobre la justificación de separar de la neurastenia un determinado síndrome en calidad de “neurosis de angustia”. In: *Obras Completas*. 2. ed. Buenos Aires: Amorrortu, 1991. v. III.

_____. (1895 [1950]) Proyecto de psicología In: *Obras Completas*. 2. ed. Buenos Aires: Amorrortu, 1992. v. I.

_____. (1896) Manuscrito K. Las neurosis de defensa. (Un cuento de Navidad) In: *Obras Completas*. 2. ed. Buenos Aires: Amorrortu, 1992. v. I.

_____. (1896) A Etiologia da Histeria, vol. III. Rio de Janeiro: Imago, 1977.

_____. (1897b) Carta 55. In: *Obras Completas*. 2. ed. Buenos Aires: Amorrortu, 1992. v. I.

_____. (1897a) Carta 79. In: *Obras Completas*. 2. ed. Buenos Aires: Amorrortu, 1992. v. I.

_____. (1898) La sexualidad en la etiología de las neurosis. In: *Obras Completas*. 2. ed. Buenos Aires: Amorrortu, 1991. v. III.

_____. (1900) La interpretación de los sueños (continuación). In: *Obras Completas*. 2. ed. Buenos Aires: Amorrortu, 1991. v. V.

_____. (1901) Psicopatología de la vida cotidiana (Sobre el olvido, los deslices en el habla, el trastocar las cosas confundido, la superstición y el error). In: *Obras Completas*. 2. ed. Buenos Aires: Amorrortu, 1991. v. VI.

_____. (1905) El chiste y su relación con lo inconciente. In: *Obras Completas*. 2. ed. Buenos Aires: Amorrortu, 1991. v. VIII.

_____. (1909) Análisis de la fobia de un niño de cinco años. In: *Obras Completas*. 2. ed. Buenos Aires: Amorrortu, 1992. v. X.

_____. (1912) Sobre la más generalizada degradación de la vida amorosa (Contribuciones a la psicología del amor II) In: *Obras Completas*. 2. ed. Buenos Aires: Amorrortu, 2003. v. XI.

_____. (1914) Introducción del narcisismo. In: *Obras Completas*. 2. ed. Buenos Aires: Amorrortu, 1992. v. XIV.

_____. (1915) Lo inconciente. In: *Obras Completas*. 2. ed. Buenos Aires: Amorrortu, 1991, v. XIV.

_____. (1917 [1915]a) Complemento metapsicológico a la doctrina de los sueños. In: *Obras Completas*. 2. ed. Buenos Aires: Amorrortu, 1991, v. XIV.

_____. (1916-17 [1915-17]) Conferencias de introducción al psicoanálisis. Parte III. Doctrina general de las neurosis. 25ª conferencia. La angustia. In: *Obras Completas*. 2. ed. Buenos Aires: Amorrortu, 1992. v. XV.

_____. (1917 [1915]b) Duelo y melancolía. In: *Obras Completas*. 2. ed. Buenos Aires: Amorrortu, 1992. v. XIV.

_____. (1920) Más allá del principio de placer. In: *Obras Completas*. 2. ed. Buenos Aires: Amorrortu, 1992. v. XVIII.

_____. (1923) El yo y el ello. In: *Obras Completas*. 2. ed. Buenos Aires: Amorrortu, 1992. v. XIX.

_____. (1926) Inhibición, sintoma y angustia. In: *Obras Completas*. 2. ed. Buenos Aires: Amorrortu, 1992. v. XX.

_____. (1927) El humor. In: *Obras Completas*. 2. ed. Buenos Aires: Amorrortu, 1992. v. XX.

_____. (1930[1929]) El malestar en la cultura. In: *Obras Completas*. 2. ed. Buenos Aires: Amorrortu, 1992. v. XXI.

_____. (1933 [1932]) Nuevas conferencias de introducción al psicoanálisis. 32ª conferencia. Angustia y vida pulsional. In: *Obras Completas*. 2. ed. Buenos Aires: Amorrortu, 1991. v. XXII.

_____. (1939 [1934-38]) Moisés y la religión monoteísta In: *Obras Completas*. 2. ed. Buenos Aires: Amorrortu, 1991. v. XXII.

FÉDIDA, P. *Nome, figura e memória: a linguagem na situação psicanalítica*. São Paulo: Escuta, 1991.

GLOVER, E. On the aetiology of drug-addiction, In: *International Journal of Psychoanalysis*, vol XIII, 1935, pag. 298-328.

HOMER. *The Odyssey*. London: G. Bell and Sons, 1921.

LACAN, J. (1947). O estágio do espelho como formador da função do eu tal como nos é revelada na experiência psicanalítica. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, p. 96-103, 1998.

_____. (1956-57). *O Seminário, livro 4: a relação de objeto*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.

_____. (1959-60) *O Seminário, livro 7: a ética da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

_____. (1962-63). *O Seminário, livro 10: a angústia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

_____. (1964). *O Seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

_____. (1966-67). *Seminário 14: a lógica do fantasma*. Centro de Estudos Freudianos do Recife (publicação não comercial), 2008.

_____. (1968-69). *O Seminário, livro 16: de um Outro ao outro*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

_____. (1971-72). *O Seminário, livro 19: ...ou pior*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2012.

_____. (1974-75). *Seminário 22: R.S.I. Escuela Freudiana de Buenos Aires* (publicação não comercial), 2002.

_____. (1975) Journées des cartels de l'École freudienne de Paris. *Maison de la chimie*, Paris, Lettre de l'École freudienne, 1976, n° 18, p. 263-270.

_____. (1976-77) *Séminaire XXIV: L'insu-que-sait de l'une bévue s'aïlle à mourre* [O Seminário, livro 24: O insucesso do inconsciente é o amor]. [Versão eletrônica]. Recuperado de http://gaogoa.free.fr/Seminaires_HTML/24-INSU/INSU16111976.htm

LE POULICHET, S. *Toxicomanias y psicoanálisis: Las narcosis del deseo*. Buenos Aires: Amorrortu, 1990.

MASSON, J. M. *A Correspondência Completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess 1887-1904*. Editado por Jeffrey Moussaieff Masson; Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: ed. Imago, 1986.

MELMAN, C. *Alcoolismo, delinqüência, toxicomania: uma outra forma de gozar*. São Paulo: Escuta, 1992.

MERLIN, M. Archaeological Evidence for the Tradition of Psychoactive Plant Use in the Old World. *Economic Botany*, 2003, p. 295–323.

NOGUEIRA FILHO, D. *Toxicomania*. São Paulo: Escuta, 1999.

Organização Mundial da Saúde [OMS]. *Neurociências: Consumo e dependência de substâncias psicoativas* (resumo). Genebra. 2004.

REGO, C. *Traço, letra e escrita na / da psicanálise*. Rio de Janeiro, 2005. Tese de Doutorado. Programa de Pós-graduação em Psicologia da PUC-Rio.

ROSSI, E. *Tradução como sobre-vida: no exemplo de Sobre a concepção das afasias – um estudo crítico, de Sigmund Freud*. São Paulo, 2012. Tese de Doutorado. FFLCH, USP.

ROUDINESCO, E.; PLON, M. *Dicionário de Psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

SANTIAGO, J. *A droga do toxicômano: uma parceria cínica na era da ciência*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

SIEGEL, K. *Intoxication: The Universal Drive for Mind-Altering Substances*. Rochester, Vermont: Park Street Press, 2005.

VERÍSSIMO, L. F. *Os Espiões*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

WEIL, Andrew. *The Natural Mind: A Revolutionary Approach to the Drug Problem* (Revised edition). Boston: Houghton Mifflin, 2004.